

CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA
UNIDADE DE PÓS-GRADUAÇÃO, EXTENSÃO E PESQUISA
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO E DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL

PRISCILA CLAUDIA DE JESUS ANTUNES BAUMANN

TÍTULO: EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS: UMA
HISTÓRIA DE VIDA EM FORMAÇÃO

São Paulo
Março/2025

PRISCILA CLAUDIA DE JESUS ANTUNES BAUMANN

TÍTULO: EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS: UMA
HISTÓRIA DE VIDA EM FORMAÇÃO

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de Mestra em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, no Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional, sob a orientação do Prof. Dr. Rodrigo Avella Ramirez

Área de Concentração: Educação e Trabalho
Linha de Pesquisa: Formação do Formador

São Paulo
Março/2025

FICHA ELABORADA PELA BIBLIOTECA NELSON ALVES VIANA
FATEC-SP / CPS CRB8-10894

B347e Baumann, Priscila Claudia de Jesus Antunes
Educação profissional e narrativas autobiográficas: uma história de vida em formação / Priscila Claudia de Jesus Antunes Baumann. – São Paulo: CPS, 2025.
169 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Avella Ramirez
Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional) – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, 2025.

1. Educação profissional 2. Narrativas autobiográficas. 3. Histórias de vida. 4. *Lifelong learning*. I. Ramirez, Rodrigo Avella. II. Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. III. Título.

PRISCILA CLAUDIA DE JESUS ANTUNES BAUMANN

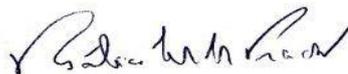
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS: UMA
HISTÓRIA DE VIDA EM FORMAÇÃO

Documento assinado digitalmente
 **RODRIGO AVELLA RAMIREZ**
Data: 24/04/2025 09:35:13-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Rodrigo Avella Ramirez Orientador -
CEETEPS

Documento assinado digitalmente
 **FERNANDA CASTILHO SANTANA**
Data: 24/04/2025 11:56:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Fernanda Castilho Santana
Examinadora Externa - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - UFSCar



Profa. Dra. Rosália Maria Netto Prados Examinadora
Interna - CEETEPS

São Paulo, 20 de março de 2025

Dedico esse trabalho aos meus pais, a toda a
minha família e amigos.
Vocês moram no meu coração!

AGRADECIMENTOS

Agradeço, com muito carinho, toda a atenção, acompanhamento e orientação que recebi do meu querido orientador Prof. Dr. Rodrigo Avella Ramirez. Ser sua orientanda foi o presente mais valioso que o Programa de Mestrado Profissional me proporcionou! Agradeço ao meu esposo, Alex Luiz Baumann, sem o apoio dele, nada seria possível! Agradeço ao meu cachorrinho Snow, que me fez companhia durante todo o momento de produção e de estudo, sempre me oferecendo muito amor e carinho. Agradeço a minha família: minha mamãe Maria de Jesus, meu papai, Ledio Albino Antunes, que não está mais aqui conosco, minha irmã, Barbara Cristina Antunes Zanini, meu sobrinho, Victor Henrique Antunes dos Santos, que acompanharam toda essa trajetória. Agradeço a todos os meus queridos professores do Programa de Mestrado Profissional, em especial a Profª Dra. Helena Gemignani Peterossi, a Profª Dra. Rosália Maria Netto Prados, a Profª Dra. Fernanda Castilho Santana, a Profª Dra. Denise Maria Martins, e a Profª Dra. Celi Langui, que muito contribuíram ao longo do processo. Agradeço também a Profª Dra. Barbara Cristina Moreira Sicardi Nakayama, por suas orientações no processo de qualificação. Agradeço a todos os meus amigos de turma, que são muito queridos! Agradeço à minha querida amiga de produção de artigos Helen Regiane Martinez, que no início me pegou pelas mãos e desenvolvemos um lindo trabalho. Agradeço aos demais amigos do programa que produziram artigos comigo ao longo dessa jornada: Francisco de Souza Roberto Junior, Adriana Salvanini, Fabio Lopes da Silva, pois construímos juntos trabalhos maravilhosos! Agradeço muito aos meus queridos amigos que se propuseram a revisar o texto: Giovani Pereira dos Santos e Talita Regina de Lima Cunha: vocês são demais! Agradeço aos meus amigos, em especial os que acompanharam cada passo que eu dei ao longo dessa jornada: Gabriela Bergamo Tuon, Camila Bilia Assanuma, Bruna de Miranda Montesserratti. Amo muito todos vocês!

A minha vida é um vendaval que se soltou,
É uma onda que se alevantou,
É um átomo a mais que se animou...
(José Régio, Cântigo Negro)

RESUMO

BAUMANN, P. C. J. A. Educação profissional e narrativas autobiográficas: uma história de vida em formação. 169 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional). Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, São Paulo, 2025. Este trabalho é parte de pesquisa desenvolvida no projeto Saberes e Trabalho Docente, da linha de pesquisa Formação do Formador, no programa de mestrado em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional, cuja área de concentração é Educação e Trabalho. O presente trabalho tem como objetivo evidenciar como as abordagens biográficas contribuem para a auto formação e autoconhecimento ao longo da vida de uma profissional da educação, que desenvolveu em paralelo atividades de empreendedorismo em diferentes áreas. Esta pesquisa tem sua base teórica dos trabalhos desenvolvidos por Marie-Christine Josso, Christine Delory-Momberger, Inês Ferreira de Souza Bragança, Belmira Bueno, Elizeu Clementino de Souza, Maria da Conceição Passeggi, dentre outros estudiosos da metodologia de história de vida. Como objetivos específicos, pretende-se identificar, por meio de uma bibliometria, os estudos que consideraram a relação entre *lifelong learning* e o uso de histórias de vida em formação; identificar os principais conceitos relacionados à educação profissional contidos numa narrativa autobiográfica, relacionando as experiências vividas na educação formal, não formal e informal. A metodologia a ser utilizada no projeto é de narrativa autobiográfica escrita, acompanhada de uma fotobiografia. A pergunta de pesquisa que norteia esta pesquisa é: como evidenciar as aprendizagens e a formação ao longo da vida a partir do uso da abordagem biográfica? Por fim, será elaborado um e-book voltado para profissionais que atuam na formação de formadores, como produto fruto desta dissertação.

Palavras-chave: Educação Profissional. Narrativas Autobiográficas. Histórias de Vida. *Lifelong learning*.

ABSTRACT

BAUMANN, P. C. J. A. Professional education and autobiographical narratives: a life story in the making. 169 p. Dissertation (Professional Master's Degree in Management and Development of Professional Education). Paula Souza State Center for Technological Education, São Paulo, 2025. This work is part of a research project developed in the Knowledge and Teaching Work project, part of the Teacher Training research line, in the Master's program in Management and Development of Professional Education, whose area of concentration is Education and Work. The present work aims to highlight how biographical approaches contribute to self-training and self-knowledge throughout the life of an education professional, who simultaneously developed entrepreneurial activities in different areas. This research has its theoretical basis in the works developed by Marie-Christine Josso, Christine Delory-Momberger, Inês Ferreira de Souza Bragança, Belmira Bueno, Elizeu Clementino de Souza, Maria da Conceição Passeggi, among other scholars of life history methodology. As specific objectives, we intend to identify, through bibliometrics, the studies that considered the relationship between lifelong learning and the use of life stories in training; to identify the main concepts related to professional education contained in an autobiographical narrative, relating the experiences lived in formal, non-formal and informal education. The methodology to be used in the project is a written autobiographical narrative, accompanied by a photobiography. The research question that guides this research is: how to highlight learning and training throughout life using the biographical approach? Finally, an e-book aimed at professionals who work in the training of trainers will be produced as a product resulting from this dissert.

Keywords: Professional Education. Autobiographical Narratives. Life Stories. Lifelong learning.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----|
| Figura 1 – Volume de produções por instituição | 53 |
| Figura 2 – Modalidades de Pesquisa | 53 |
| Figura 3 – Áreas do conhecimento | 54 |
| Figura 4 – Ano de depósito dos trabalhos pesquisados | 55 |
| Figura 5 – Autores mais citados nos resumos | 55 |
| Figura 6 – Primeiro retrato da vida estudantil (1987) | 63 |
| Figura 7 – Estágio supervisionado em uma Classe Especial (1998) | 64 |
| Figura 8 – Meu início como professora adjunta (2003)..... | 67 |
| Figura 9 – Retrato de fim de ano da primeira turma que lecionei (2004) | 69 |
| Figura 10 – Gincana de brincadeiras infantis (2004) | 70 |
| Figura 11 – Festa Junina no CEU Vila Atlântica (2005)..... | 73 |
| Figura 12 – Primeira turma no CEI Raquel Zumbano Altman (2005)..... | 74 |
| Figuras 13 e 14 – Atividade de desenho e construção de texto coletivo (2005)..... | 75 |
| Figura 15 – Minha primeira turma de bebês (2006)..... | 76 |
| Figura 16 – Projeto de culinária (2009) | 78 |
| Figura 17 – Atividade conjunta com as turmas do CEI e da EMEI (2009) | 79 |
| Figura 18 – Meu casamento (2009) | 81 |
| Figura 19 – Fertilização in vitro (2013)..... | 90 |
| Figura 20 – Festa Junina na EMEBS Prof. ^a Vera Lucia Ap. Ribeiro (2013)..... | 91 |
| Figura 21 – Formatura dos alunos do 9º ano (2013)..... | 92 |
| Figura 22 – Fábrica de reciclagem de plástico do meu pai (2007)..... | 96 |
| Figura 23 – Reconhecimento destaques Natura (2009) | 97 |
| Figura 24 – Retiro de consultoras (2011)..... | 98 |
| Figura 25 – Reconhecimento como diretora em qualificação (2012) | 100 |
| Figura 26 – Formatura de Diretora de Vendas (2012)..... | 102 |
| Figura 27 – Carro cor de rosa (2012) | 103 |
| Figura 28 – Palestra no Congresso da Associação das Mulheres de Paraisópolis (2013) | 104 |
| Figuras 29 – Viagem à <i>Punta del Este</i> – Uruguai (2013)..... | 105 |
| Figuras 30 e 31 – Seminário de vendas (2014) | 106 |
| Figura 32 – Inauguração do Studio Priscila Baumann (2014) | 108 |
| Figura 33 – Aula de automaquiagem (2016)..... | 109 |
| Figura 34 – Aula de automaquiagem no SPA da Anhembi Morumbi (2016)..... | 110 |

| | |
|---|-----|
| Figura 35 – Coquetel para futuras consultoras (2017)..... | 111 |
| Figura 36 - Empretec (2018) | 113 |
| Figura 37 – Curso de Maquiagem Profissional no SENAC (2012) | 115 |
| Figura 38 – Palestra no SENAC Lapa Faustolo (2012)..... | 117 |
| Figura 39 – Primeiro logotipo (2015)..... | 118 |
| Figura 40 –Ensaio fotográfico (2015)..... | 119 |
| Figura 41 – Participação em feira de noivas (2017)..... | 121 |
| Figura 42 – Ensaio fotográfico de noivas (2017) | 122 |
| Figura 43 - Curso de penteados profissional (2018)..... | 123 |
| Figura 44 – Dia da noiva (2018)..... | 124 |
| Figura 45 - Segundo ensaio fotográfico de noivas (2018) | 125 |
| Figura 46 - <i>E-book</i> Dicas de beleza para noivas (2018) | 126 |
| Figura 47 – <i>Workshop</i> pré <i>wedding</i> (2018)..... | 127 |
| Figura 48 – Evento Casar na Cantareira (2018) | 127 |
| Figura 49 – Palestra na UNIP Cidade Universitária (2019)..... | 131 |
| Figura 50 - Nova logomarca (2019) | 132 |
| Figura 51 – Parceria com a <i>Limelife by Alcone</i> (2019)..... | 133 |
| Figura 52 – Dia da noiva (2019)..... | 134 |
| Figura 53 – Cerimônia de encerramento do Programa ALI (2019) | 135 |
| Figura 54 - Reforma do Studio (2019)..... | 136 |
| Figura 55 – Prepare-se para 2020 (2019)..... | 137 |
| Figura 56 - Feira <i>Le Chain</i> (2020)..... | 137 |
| Figura 57 - Ensaio de debutante (2020)..... | 140 |
| Figura 58 – Ensaio de noivas (2020) | 141 |
| Figura 59 – Ensaio de noivas (2020) | 142 |
| Figura 60 – Curso de micropigmentação de sobrancelhas (2021) | 143 |
| Figura 61 – Conveniência Upper Office (2023)..... | 144 |
| Figura 62 - Gravação do curso de automaquiagem online (2022) | 145 |
| Figura 63 – Aniversário de oito anos do studio (2022) | 147 |
| Figura 64 – Seminário de pesquisa (2023)..... | 148 |
| Figura 65 - Workshop de maquiagem profissional (2023) | 149 |
| Figura 66 – Evento Empreenda SENAC 2024..... | 150 |

LISTA DE SIGLAS

| | |
|--------|---|
| 5W2H | <i>Who? What? Where? When? Why? How? How Much?</i> |
| ALI | Agente Local de Inovação |
| ATE | Auxiliar Técnico de Educação |
| BNCC | Base Nacional Comum Curricular |
| CAPES | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior |
| CEFAM | Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério |
| CIPA | Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)Biográfica |
| CEI | Centro de Educação Infantil |
| CEU | Centro Educacional Unificado |
| CLT | Consolidação das Leis do Trabalho |
| CNA | Centro Norte Americano |
| CNAE | Classificação Nacional das Atividades Econômicas |
| CNPJ | Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas |
| CNPQ | Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico |
| COGEP | Coordenadoria de Gestão de Pessoas |
| COVID | Doença do Coronavírus |
| DT | <i>Design Thinking</i> |
| EAD | Educação à Distância |
| EJA | Educação de Jovens e Adultos |
| EMEBS | Escola Municipal de Educação Bilíngue para Surdos |
| EMEF | Escola Municipal de Ensino Fundamental |
| EMEI | Escola Municipal de Educação Infantil |
| EPP | Empresa de Pequeno Porte |
| GEM | <i>Global Entrepreneurship Monitor</i> |
| GCM | Guarda Civil Metropolitana |
| HIV | Vírus da Imunodeficiência Humana |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| INPI | Instituto Nacional da Propriedade Industrial |
| IFRS | Instituto Federal do Rio Grande do Sul |
| JEIF | Jornada Especial Integral de Formação |
| LIBRAS | Língua Brasileira de Sinais |
| LDBEN | Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional |

| | |
|--------|--|
| ME | Microempresa |
| MEI | Microempreendedor Individual |
| MBA | <i>Master of Business Administration</i> |
| OMS | Organização Mundial da Saúde |
| ONU | Organização das Nações Unidas |
| OPAS | Organização Pan-Americana da Saúde |
| PEA | Projeto Especial de Ação |
| PIB | Produto Interno Bruto |
| PMSP | Prefeitura do Município de São Paulo |
| SAMU | Serviço de atendimento móvel de urgência |
| SEBRAE | Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas |
| SENAC | Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial |
| SETEC | Secretaria da Educação Profissional e Tecnológica |
| SPA | <i>Salus Per Aquam</i> |
| SUS | Sistema Único de Saúde |
| TCU | Tribunal de Contas da União |
| UBS | Unidade Básica de Saúde |
| UNESCO | Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura |
| UNESP | Universidade Estadual Paulista |
| UNIP | Universidade Paulista |
| USP | Universidade de São Paulo |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO | 15 |
| CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 18 |
| 1.1 Histórias de vida..... | 18 |
| 1.2 <i>Lifelong learning</i> | 24 |
| 1.3 Relação sujeito-objeto de pesquisa | 27 |
| 1.4 Gêneros autobiográficos – o memorial acadêmico..... | 30 |
| 1.5 Gêneros autobiográficos – o registro fotográfico | 32 |
| CAPÍTULO 2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 34 |
| 2.1 Educação Formal | 34 |
| 2.2 Educação Não-Formal | 38 |
| 2.3 Educação Informal | 40 |
| 2.4 Empreendedorismo | 42 |
| 2.5 Formação e desenvolvimento profissional..... | 46 |
| CAPÍTULO 3 – ESTADO DA ARTE | 51 |
| 3.1 Bibliometria..... | 51 |
| 3.2 Análise da bibliometria | 52 |
| 3.3 Resumo das obras analisadas | 56 |
| 3.4 Considerações acerca do estudo bibliométrico..... | 62 |
| CAPÍTULO 4 – NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA | 63 |
| 4.1 O primeiro contato com a educação no contexto familiar e escolar | 63 |
| 4.2 O início da profissão docente e primeiras experiências profissionais | 65 |
| 4.3 A trajetória na Prefeitura de São Paulo – uma carreira construída por meio de concursos públicos | 66 |
| 4.4 As vendas diretas e as primeiras experiências como empreendedora | 95 |
| 4.5 A paixão por maquiagem e a profissionalização | 114 |
| 4.6 A pandemia de COVID-19 e as mudanças de planos..... | 138 |
| 4.7 Considerações acerca do processo de escrita e de seleção de fotos..... | 152 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 155 |
| REFERÊNCIAS | 157 |
| APÊNDICE | 158 |
| APÊNDICE A – Tabela base para análise bibliométrica | 169 |

INTRODUÇÃO

Minha história com a educação formal não iniciou na Educação Infantil, mas no seio da minha família: todas as mulheres atuam na educação pública, em diversas funções: administrativo, docência, gestão. Meu ingresso no ambiente escolar, aos 5 anos, ocorreu depois de conhecer a rotina docente de minhas tias, e me deliciar com todos seus materiais didáticos. A decisão pelo magistério era certa, e não hesitei em me preparar para o Vestibulinho do CEFAM – Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério e garantir minha vaga. Os quatro anos de curso foram fundamentais para minha formação, não apenas como profissional, mas como ser humano.

Logo após finalizar esta etapa, em 2002, já tinha acumulado duas aprovações em concurso público para professor na Prefeitura de São Paulo. Permaneci na Rede Municipal de Ensino por 13 anos, entre os anos de 2003 e 2015, sendo quase oito (8) na docência da Educação Infantil e cinco (5) na gestão, atuando prioritariamente como Coordenadora Pedagógica. Dessa forma, acumulei seis (6) aprovações em concursos públicos da rede municipal e estadual de ensino.

Em 2009, prestei o concurso para Coordenador Pedagógico, tendo me preparado para essa prova durante cerca de um ano e meio, e fui aprovada em 41º lugar. Cerca de 4 meses após a realização do concurso, fui convocada para assumir o cargo, e pude experenciar o ofício da coordenação em todas as modalidades ofertadas pela Prefeitura de São Paulo, exceto o Ensino Médio a (PMSP – Prefeitura do Município de São Paulo) tem 2 escolas de ensino médio em sua rede): CEI (Centro de Educação Infantil) - que atende de 0 a 3 anos, EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil), que atende de 4 a 5 anos, EMEF (Escola Municipal de Ensino Fundamental), que contempla as duas etapas do Ensino Fundamental e a EJA - Educação de Jovens e Adultos, e a EMEBS (Escola Municipal de Educação Bilíngue para Surdos), que oferece atendimento para crianças de Educação Infantil, Ensino Fundamental e EJA, utilizando como principal idioma a LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais, e segundo idioma o Português na modalidade escrita.

Mesmo como servidora pública concursada e com carreira estável, sempre tive o desejo de empreender. Minha visão de empreendedorismo sempre envolveu consciência da responsabilidade que cabe a um gestor de negócios, a necessidade de trabalhar de forma ininterrupta por diversos momentos, a importância de buscar informações e de relacionar-se com pessoas de forma estratégica, assim como a liberdade de poder escolher o ramo de atuação, e de fazer sua própria agenda. Um fator que sempre me impulsionou a empreender é fato de

que sentia que algumas habilidades e conhecimentos acabavam sendo subutilizados ao trabalhar apenas na Prefeitura de São Paulo, tais como a fluência em Inglês e Espanhol e as competências que desenvolvi com as atividades realizadas paralelamente à docência.

Paralelamente, atuei na venda direta de cosméticos e em 2012 decidi empreender, obtendo meu CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas), que ao longo destes 12 anos já passou por várias alterações de atividade principal. O empreendedorismo trouxe diferentes desafios e demandas, e foi na educação, em todas as suas modalidades, que encontrei ferramentas para me auxiliar nesta trajetória: a pós-graduação MBA (*Master of Business Administration*) em Gestão Estratégica de Negócios, que contribuiu para a consolidação dos conhecimentos adquiridos ao longo do tempo, e para a reflexão sobre os erros e acertos vivenciados. Os cursos livres oferecidos pelo SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, trouxeram a importância de conhecer e gerenciar todas as demandas do negócio e inovar nos processos; a troca de experiências com outros profissionais e a participação em eventos de networking contribuíram para conhecer outras realidades.

Como toda pessoa que vivenciou a educação dentro e fora da escola, sempre me perguntei o que poderia ser feito para que mais pessoas pudessem ter acesso às informações e conhecimentos que me ajudaram, e uma das minhas inquietações foi gerada pelo fato de que a linguagem utilizada pelas instituições de educação empreendedora, tais como o SEBRAE, para tratar sobre temas relevantes para pequenos negócios, muitas vezes não atingia este público, pois era carregada de jargões, palavras em língua inglesa, e envolviam contextualizações que não faziam parte do cotidiano do pequeno empreendedor. Em 2019 participei de um programa de acompanhamento ao empreendedor – Programa ALI (Agente Local de Inovação) – realizado em parceria com o SEBRAE SP e o CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), e desenvolvi o Programa Empreenda na Beleza, que oferece consultoria para quem deseja empreender neste segmento com uma linguagem acessível. Com este programa, consegui auxiliar dezenas de pequenas empreendedoras a desenvolverem seus negócios de maneira saudável, sustentável e lucrativa.

Em 2023, ao ingressar no Programa do Mestrado Profissional, pude conhecer diferentes metodologias de ensino, sendo que a metodologia de histórias de vida em formação despertou-me para outra inquietação: o uso de narrativas e de histórias de vida com a temática empreendedorismo, na educação profissional formal e não formal, de maneira que fizesse real sentido para quem está tanto na condição de aprendiz como na condição de formador. Muito se vê o uso de histórias e narrativas carregadas de marketing de influência, que na maioria das vezes são utilizadas apenas como uma motivação ou inspiração para quem deseja empreender

ou realizar uma atividade profissional, mas que nem sempre correspondem à realidade de fato, muito menos com o contexto no qual os ouvintes estão inseridos, o que contribui para que muito do que é divulgado seja categorizado como empreendedorismo de palco.

Conhecer a metodologia de histórias de vida trouxe a reflexão de que ter um método, uma intencionalidade e uma finalidade muito bem definidos podem contribuir significativamente para que as experiências de vida sejam utilizadas na formação profissional, seja esta formal, informal ou não formal. E esta metodologia pode ser a peça que faltava neste quebra cabeça.

A paixão que tenho por narrativas não é de hoje. Sempre gostei de ler biografias e autobiografias. Desde pequena fui muito estimulada a ler, toda semana minha mãe me levava na biblioteca municipal, onde podia realizar o empréstimo de dois livros de cada vez. Este hábito se manteve durante toda a minha vida. Logicamente, a leitura de um livro autobiográfico é muito diferente da leitura de um livro que trata sobre as biografias e narrativas pelo viés científico, porém uma coisa é evidente em ambos os casos: o impacto que as histórias de vida geram no leitor são significativas para a sua formação humana. Lembrar disso também me fez pensar quantos anos nutri o hábito de escrever um diário, no qual todos os dias relatava minha rotina, problemas, sentimentos, relações interpessoais. Desde muito cedo tive o hábito de escrever sobre mim, e também faço psicoterapia desde os meus 14 anos, por livre espontânea vontade, e tudo isso gera uma conexão muito grande com a metodologia de narrativas autobiográficas. Por meio dessa abordagem, este projeto objetiva responder a seguinte questão: como evidenciar as aprendizagens e a formação ao longo da vida a partir do uso da abordagem biográfica?

Para responder à esta questão, farei uso de uma narrativa autobiográfica escrita, que relata minha trajetória de vida ao longo de mais de 12 anos dedicados ao empreendedorismo, assim como minha trajetória como educadora na Prefeitura de São Paulo ao longo de 13 anos. Escrever sobre a própria história é uma atividade desafiadora, pelo respeito que se deve ter ao passado, pelo respeito às pessoas que terão acesso a este trabalho e que merecem a oportunidade de ter um material de qualidade que contribua para sua formação profissional, pela responsabilidade de gerar um trabalho acadêmico que abra possibilidades futuras de pesquisas. Considerando o contexto de formação docente, tendo como eixo norteador o conceito de *lifelong learning*, o objetivo geral desta pesquisa é evidenciar como as abordagens biográficas contribuem para a auto formação e autoconhecimento ao longo da vida de uma profissional da educação, que desenvolveu em paralelo atividades de empreendedorismo em diferentes áreas. Para realizar esta investigação, o primeiro objetivo específico é identificar, por meio de uma

bibliometria, os estudos que consideram a relação entre *lifelong learning* e o uso de histórias de vida em formação, com o caráter de mapear sistemicamente os trabalhos desenvolvidos, para além de situar o meu estudo num universo de pesquisas correlatas. O segundo objetivo específico é identificar os principais conceitos relacionados à educação profissional contidos numa narrativa autobiográfica, relacionando as experiências vividas na educação formal, não formal e informal. Por último, o terceiro objetivo específico desta pesquisa é produzir um e-book que apresente diferentes dispositivos de aprendizagem, pautados na abordagem autobiográfica, que podem auxiliar na promoção de uma formação profissional que tenha como pressupostos a consciência de si, o compartilhamento de experiências e aprendizagens, e o diálogo decorrente desse processo.

A pesquisa é composta por quatro (4) capítulos e pelas considerações finais. O capítulo um dá início ao referencial teórico, conceitua histórias de vida, *lifelong learning*, contextualizando a relação sujeito-objeto de pesquisa, além de conceituar os gêneros autobiográficos memorial acadêmico e registro fotográfico.

O capítulo dois conceitua educação formal, educação não-formal, educação informal, empreendedorismo e formação e desenvolvimento profissional, dando continuidade a fundamentação teórica que estrutura a pesquisa.

No capítulo três são evidenciados os dados levantados pela bibliometria realizada, a análise dos dados, o resumo das obras analisadas e as considerações acerca do estudo bibliométrico, contemplando um dos objetivos específicos dessa pesquisa.

O capítulo quatro é composto pela narrativa autobiográfica escrita acompanhada dos registros fotográficos que colocam em diálogo o processo de constituição profissional, a experiência e os aprendizados narrados, além das considerações acerca do processo de escrita e da seleção de fotos.

Nas considerações finais, evidencio que os objetivos e pergunta de pesquisa propostos foram atingidos, ressalto o caráter inédito da pesquisa desenvolvida, e ao estabelecer o tripé composto pelos pilares formação do formador, *lifelong learning* e narrativas autobiográficas em um contexto de formação profissional, proponho um dispositivo com grande potencial formativo.

CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para descrever os objetivos específicos desta pesquisa, faz-se necessário, em primeiro lugar, expor particularidades acerca da metodologia de histórias de vida em formação, e como ela pode ser aplicada em uma pesquisa acadêmica. Inicia-se, portanto, este capítulo com a definição de histórias de vida no contexto de formação profissional, o conceito de *lifelong learning*, a relação sujeito-objeto de pesquisa, e os gêneros autobiográficos memorial acadêmico e registro fotográfico.

1.1 Histórias de vida

Para elucidar o que são histórias de vida em um contexto de formação profissional, é necessário resgatar historicamente o surgimento desta metodologia e quem foram seus principais expoentes. De acordo com Bragança (2012), as narrativas são utilizadas desde a Grécia antiga, juntamente com o surgimento da Filosofia. Desde então, o movimento de análise, o desejo de conhecer o mundo através de uma relação dialógica, constitui-se em um “saber tecido na parceria do coletivo e na busca de uma formação ecológica, porque, sendo ampla, tem como finalidade não si próprio, mas a dialética entre o individual e o coletivo” (Bragança, 2012, p. 39).

No campo da Sociologia, o uso das histórias de vida em estudos acadêmicos tornaram-se destaque nas décadas de 20 e 30, na Escola de Chicago. Nogueira et al (2017), destacam que o livro “A Escola de Chicago” contribuiu significativamente para a realização da pesquisa de campo, considerando “a importância do ponto de vista do sujeito, seu modo particular de vida; o uso de documentos pouco convencionais (para a época) como fonte importante de dados, como cartas, diários, etc.” (Nogueira, et al, 2017, p. 472).

Os estudos de Passeggi (2020) evidenciam que, a partir da década de 80, surgiram três abordagens com enfoques biográficos: as histórias de vida em formação, liderados por Pineau e Le Grand, Nóvoa e Finger, e Dominicé, a pesquisa biográfica em educação, proposta por Delory-Momberger e Alheit; e a pesquisa autobiográfica, que nasceu no Brasil e foi idealizada por Passeggi, Abrahão e Souza. Cada uma destas abordagens possui um enfoque (biográfico) diferente, porém todas são voltadas para utilização em pesquisas para educação.

Josso, uma das maiores estudiosas das narrativas autobiográficas, ressalta que os conhecimentos produzidos ao utilizar as histórias de vida em formação têm duas formas de apresentação: para ela, cada indivíduo em processo de formação, tem elaborado um conhecimento de si sobre suas vivências, pensamentos e aprendizados; quando os

conhecimentos são elaborados em conjunto com um acompanhante, é possível elaborar “conhecimentos sobre os processos de aprendizagem, de conhecimento e de formação induzidos pelas atividades de cada um dos períodos do dispositivo, pelas modalidades de trabalho e pelos papéis desempenhados ao longo do processo (Josso, 2002, p. 63).

Ainda em relação às histórias de vida em formação, defendida por Josso, a autora ressalta que a utilização desta metodologia deve compreender que a narrativa não deve ser vista como um produto, mas como processo:

[...]a construção da narrativa de vida como uma mediação para uma reflexão formativa sobre os processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem. Assim, a construção da narrativa e a sua escrita, logo, a narrativa como produto, não é o que está em jogo na nossa metodologia, ainda que esta seja indissociável de um processo contínuo de produção de uma narrativa (Josso, 2002, P. 64).

Para Bragança (2012), o estudo da história de vida não apresenta, a princípio, um fim em si mesmo, mas focaliza a contribuição que a história de vida específica pode dar para a compreensão de determinados fatos, momentos ou contextos históricos (Bragança, 2012, p. 37).

Bueno et al (2006) desenvolveram um estudo para compreender o uso das histórias de vida na formação de professores e de estudos autobiográficos no Brasil, correspondente ao período entre 1985 e 2003, momento no qual essa metodologia foi utilizada de forma crescente. Neste estudo, foram encontradas diversas denominações para ela, tais como:

[...]memória (s), lembranças, relatos de vida, depoimentos, biografias, biografias educativas, memória educativa, histórias de vida, história oral de vida, história oral temática, narrativas, narrativas memorialísticas, método biográfico, método autobiográfico, método psicobiográfico, perspectiva autobiográfica (Bueno et al, 2006, p.388).

Foi a partir da década de 90, sofrendo influência da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9394, publicada em 20 de dezembro de 1996, a LDBEN nº 9394/96 e da relevância dada à profissionalização de professores, que o uso de histórias de vida no cenário educacional brasileiro se multiplicou, com muitos estudos baseados em literatura europeia e norte-americana. Um dos principais expoentes deste período foi Nóvoa, com suas publicações intituladas “Vida de Professores”, “Profissão Professor” e “O método (auto)biográfico e a formação”, organizado em conjunto com Finger (Nóvoa; Finger, 2014).

A partir destes trabalhos, Bragança (2012) afirma que neste período emergiu um movimento que buscou dar voz aos professores, que por muito tempo permaneceram no papel de executores de ações planejadas por acadêmicos, que muitas vezes desconheciam o contexto de uma escola e de uma sala de aula:

[...] uma análise que procurava recuperar a subjetividade nos processos formativos; subjetividade como possibilidade de considerar que a produção de saberes pedagógicos não tem um *locus* específico e privilegiado nas universidades e centros de pesquisa, mas constitui um processo múltiplo, incluindo a voz dos/as professores/as, como sujeitos individuais e coletivos (Bragança, 2012, p. 59).

De acordo com a pesquisa realizada por Frohmut e Ramirez (2020), um dos marcos para a pesquisa autobiográfica no Brasil foi a fundação da Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica (BIOgraph), em 2008, durante o Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)Biográfica. Segundo seu estatuto, a BIOgraph tem como objetivo reunir pesquisadores brasileiros que dedicam seus estudos às autobiografias e às histórias de vida, promover estudos, pesquisas e eventos relacionados a esses estudos, dialogar e desenvolver ações interdisciplinares no campo de pesquisa-ensino, estimular a divulgação e a produção de pesquisas e promover a criticidade e o pluralismo teórico. Desde sua fundação, a BIOgraph é responsável por organizar o CIPA (Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)Biográfica), que já está em sua décima edição e possui uma trajetória de produção científica de grande relevância para quem estuda essa temática, alguns destes utilizados como referencial teórico para o desenvolvimento desta pesquisa.

Ao considerarmos a pesquisa autobiográfica e as histórias de vida como metodologia de pesquisa e ferramenta para formação profissional continuada, partimos de uma nova epistemologia da prática docente, que valoriza a trajetória do indivíduo e questiona métodos demasiadamente engessados. Muitos são os autores que tratam da formação continuada e que criticam veementemente o uso da racionalidade técnica, pois ela é vista como um retrocesso. Para Imbernón (2022), é necessário abrir espaços para o diálogo, para a escuta e reflexão entre pessoas, pautados na reflexão sobre a prática. E, para isso, o uso de narrativas e de histórias de vida é fundamental.

Josso evidencia a complexidade do trabalho com a pesquisa autobiográfica ao afirmar que:

[...] elaborar a sua narrativa de vida para daí retirar os materiais para uma compreensão do que foi a sua formação, para depois trabalhar na construção de uma história, a sua história, que confira sentido a esses materiais, constitui uma prática de pôr em cena o sujeito que se autoriza a pensar a sua vida na sua globalidade temporal, nas suas linhas de força, nas suas aquisições do passado e na perspectivação do que está em jogo no presente, entre este passado e um futuro, numa palavra, na sua existencialidade (Josso, 2002, p. 125).

Para Bragança (2012), o uso das histórias de vida é manifestado como um movimento

que busca dar sentido à vida e à história de cada indivíduo, e ressalta a complexidade descrita por Josso, haja visto que não é possível categorizar as histórias de vida apenas como uma técnica ou como uma teoria isolada. Para ela, as histórias de vida podem ser posicionadas “na mediação entre a prática da investigação e a construção de conhecimentos, em uma abordagem multirreferencial que vai possibilitando a inteligibilidade dos processos humanos” (Bragança, 2012, P. 45)

O processo investigativo que permeia a utilização das histórias de vida em formação é visto como algo inerente ao ser humano por Josso (2002). Porém, para que o processo seja frutífero, é necessário que muitos paradigmas sejam superados:

[...] admitir que há um investigador em cada um de nós e que este investigador só avança na medida em que é capaz de se aprender a si próprio, graças ou apesar das interações com os outros, o que deve fazer consigo mesmo e com os outros para ser um autêntico investigador, para formular as suas questões de investigação, os seus métodos, os seus recursos e, finalmente, as suas fontes de informação (Josso, 2002, p. 127).

Porém, esta não é uma tarefa fácil, pois, segundo a autora, “se trata de um processo de descolonização interior de um modelo escolar dominado, por um lado, pela prescrição e, por outro, pelo mito da excelência” (Josso, 2002, p. 128).

Quando se trata de pesquisa acadêmica, além da racionalidade técnica, também encontramos a prevalência dos princípios do positivismo, que, para Bragança (2012), representa mais um desafio para a utilização das histórias de vida como metodologia:

A incorporação das histórias de vida como caminho metodológico expõe, para as ciências humanas e sociais, o desafio de trabalhar fora do quadro lógico-formal e positivista, reenviando o olhar para uma perspectiva aberta à incorporação da subjetividade como elemento fundamental da constituição epistemológica do saber nesse campo de conhecimento, já que fundada na interação social, no olhar do sujeito (Bragança, 2012, p. 34).

A busca pelo reconhecimento da história de vida como metodologia é trabalhada há mais de 20 anos no meio acadêmico, mobilizando os pioneiros e investigadores de segunda geração, tanto de forma individual como coletiva, de acordo com os estudos de Josso (2002):

As nossas opções metodológicas tinham e continuam a ter necessidade de reivindicar, de criar um espaço de justificar a sua fundamentação, de conceder legitimidade à mobilização da subjetividade como modelo de produção do saber e à intersubjetividade como suporte de trabalho interpretativo e de construção de sentido para os autores das narrativas de histórias de vida. Esta preocupação metodológica exprime bem o desafio epistemológico (e as questões de lugar e de poder que lhe são associadas) sobre o valor de uso dos

conhecimentos produzidos e as normas de legitimação de um saber científico (Josso, 2002, p. 16).

Muitos são os argumentos utilizados para a legitimação da história de vida como método científico, e é possível encontrar diferentes posicionamentos de autores oriundos de diferentes nacionalidades, evidenciando que este é um movimento global. Drago et al. (2013), afirmam que “por meio da história de vida contada da maneira que é própria do sujeito, tentamos compreender o universo do qual ele faz parte” (Drago et al, 2013, p. 85). Bueno (2002) argumenta que o “valor heurístico do método biográfico torna-se então legítimo, não apenas em decorrência deste caráter específico da narrativa, mas também porque a biografia é uma micro relação social” (Bueno, 2002, p. 200).

Passeggi (2020), por sua vez, enfatiza que tanto as histórias de vida em formação, quanto a pesquisa biográfica em formação e a pesquisa autobiográfica partilham pontos em comum:

Em primeiro lugar, a defesa de que as narrativas autobiográficas são suscetíveis de propiciar à pessoa que narra um processo de reinvenção de si, na direção da autonomia e de empoderamento (formação). Em segundo lugar, o reconhecimento de seu valor heurístico como método de pesquisa científica para a compreensão de processos de formação ao longo da vida (*lifelong learning*) e em todos os aspectos da vida (*lifewide learning*) (Passeggi, 2020, p. 67).

Esta argumentação evidencia uma correlação entre o uso das histórias de vida como metodologia e o conceito de *lifelong learning*, ou aprendizagem ao longo da vida, que de acordo com os estudos desenvolvidos por Alheit e Dausien (2006), está presente nos discursos relacionados à formação continuada de maneira estratégica.

A perspectiva de trabalhar com as narrativas tem o propósito de fazer a pessoa tornar-se visível para ela mesma. O sistema social conscientemente envolve as pessoas numa espiral de ação sem reflexão. Fazemos as coisas porque todos fazem, porque nos disseram que é assim que se age, porque a mídia estimula e os padrões sociais aplaudem. Acabamos agindo sobre o ponto de vista do outro, abrindo mão da nossa própria identidade, da nossa liberdade de ver e agir sobre o mundo, da nossa capacidade de entender e significar por nós mesmos (Nakayama e Gama, 2018, p. 124-125).

No contexto sócio econômico pós pandemia de COVID-19 (Doença do Coronavírus), no qual pudemos vivenciar muitas pessoas perderem seus empregos e fecharem suas empresas, tratar o tema empreendedorismo em uma pesquisa científica, fazendo uso de uma história autobiográfica, com acertos e erros, abre precedentes para que a reflexão acerca da formação profissional formal e não formal seja mais próxima da realidade e diminua a dicotomia teoria-

prática, tão presente nas áreas educacional e empresarial.

Nesse sentido, convém lembrar que o “giro narrativo” se insere num momento de grandes mutações sociais, em que as instituições tradicionais (família, igreja, escola, trabalho), perdendo a sua centralidade, remetem aos indivíduos a responsabilidade de encontrar por si mesmos meios de se instituir como sujeitos de direitos na sociedade (Passeggi; Souza, 2017, p. 10).

Compreender o contexto histórico e social no qual estamos inseridos, e colocar em diálogo vozes que por muito tempo não estiveram em evidência, são a base do movimento atual da abordagem de narrativas autobiográficas, a atua favor de uma escuta sensível, da subjetividade, e de uma nova postura epistemo política do pesquisador.

Após elucidar quais são os conceitos relacionados à história de vida no contexto da formação profissional, faz-se necessário elucidar os conceitos relacionados ao *lifelong learning*, que compõe o segundo eixo temático dessa dissertação.

1.2 Lifelong learning

No contexto educacional brasileiro, o relatório para a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, produzido por Delors (2012), é utilizado como fundamentação para que o *lifelong learning* seja difundido, e se fundamenta em quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e a aprender a viver juntos. Para o autor, a educação permanente deve ser vista como um “*continuum* educativo”, que relaciona as necessidades da sociedade, a formação profissional, o conhecimento de mundo e de si, combinando-os com os quatro pilares da educação: “é a chave que abre as portas do século XXI e, bem além de uma adaptação necessária às exigências do mundo do trabalho, é a condição para um domínio mais perfeito dos ritmos e dos tempos da pessoa humana” (Delors, 2012, p. 104).

É importante ressaltar que os conceitos de *lifelong learning* e de aprendizagem ao longo da vida podem ser utilizados de formas distintas. De acordo com Alheit e Dausien “o conceito de aprendizagem ao longo da vida permanece mal definido” (Alheit, Dausien, 2006, p. 177), o que dá margem para que diferentes pessoas envolvidas em políticas educacionais façam o uso que melhor convém no momento. Ao realizar uma análise crítica das concepções e realidades existentes nos discursos, é possível distinguir os diferentes discursos.

Delors (2012) enfatiza que a educação ao longo da vida faz a junção dos conhecimentos obtidos tanto pela educação formal quanto pela não formal, como um processo de “apropriação

singular e de criação pessoal” (Delors, 2012, p. 107), e que reverbera nos diferentes campos sociais, tais como o cultural, o do trabalho e da cidadania. Para Alheit e Dausien (2006), esta é uma das justificativas para o grande interesse sobre esse conceito de educação:

A aprendizagem não deve ser somente, e sistematicamente, ampliada para toda a duração da vida. Ela deve também se desenvolver ‘lifewide’, quer dizer, generalizar-se para todos os domínios da vida, para isso estabelecem-se, portanto, ambientes de aprendizagem nos quais os diferentes modos de aprendizagem encontram-se para complementarem-se organicamente (Alheit; Dausien, 2006, p. 178).

Bragança (2012), ao estudar o uso das histórias de vida na formação de professores, retifica o mesmo entendimento ao afirmar que “a formação deixou de ser tratada como processo restrito aos espaços acadêmicos e passou a ser vista como um continuum que tem início muito antes da entrada na escola e se prolonga por toda a vida do educador” (Bragança, 2012, p. 58).

Alheit e Dausien destacam que a educação ao longo da vida pode ser considerada por dois principais pontos de vista: o primeiro pautado pela motivação política, e o segundo, que é o foco a ser utilizado nesta dissertação, que é pautada em “um ponto de vista de caráter essencialmente pedagógico concernente a condições e possibilidades de uma aprendizagem biográfica dos membros da sociedade” (Alheit; Dausien, 2006, p. 180). Este ponto de vista está inserido no contexto de uma ciência educacional voltada para o sujeito, e que considera como objeto de estudo todos os processos de aprendizagem e de formação de um indivíduo, incluindo aspectos da educação não formal e de auto-organização.

Ao considerar este enfoque de educação ao longo da vida, é possível observar que os estudiosos da história de vida em formação fundamentam o uso da metodologia justamente no fato de que é necessário analisar os processos singulares, para então poder alcançar uma aprendizagem significativa:

Se aprender a aprender parece ter-se tornado um dos objetivos da educação primária e secundária, não parece evidente para toda a gente que aprender a aprender é estar consciente do como se faz para aprender a fim de poder melhorar as suas competências na gestão da aprendizagem e de autofacilitar a tarefa nas aprendizagens novas (Josso, 2002, p. 108).

Ao longo de sua obra *Experiências de vida e formação*, Josso (2002) aprofunda essa reflexão provocativa, ao afirmar que o processo de aprender a aprender não recebe a devida atenção de professores e formadores; e compara a ação dos educadores com a dos técnicos da área da saúde, que consideram muito mais esta questão processual. Quantos aprendizados e processos poderiam ser documentados, se esse aspecto fosse melhor considerado? O quanto esta documentação contribuiria para novos estudos acadêmicos? Para responder a estas

questões, o primeiro objetivo específico desta pesquisa se faz presente: levantar, através de uma bibliometria, os estudos que consideram a relação entre *lifelong learning* e o uso de histórias de vida em formação, em um contexto de educação profissional, de forma a mapear sistemicamente os trabalhos desenvolvidos e situar o meu estudo num universo de pesquisas correlatas.

Muitos são os desafios para utilização das histórias de vida como metodologia. Diversos estudiosos de primeira geração buscaram levantar os principais desafios, tais como Josso e Nóvoa, e todos estão relacionados com o fato de que esta metodologia gera a necessidade de um novo olhar para a educação, que considera a subjetividade, que compreende o aprendizado como um processo e não um produto, e conseqüentemente, estremece toda a organização das ciências humanas aplicadas à educação nos moldes tradicionais.

Acerca do uso de histórias de vida no contexto da educação profissional, destaca-se o estudo desenvolvido por Burnier et al, que investigou os processos de investigação da identidade profissional de 20 professores atuantes na modalidade de educação profissional em nível médio. Foi constatado que o uso da metodologia de histórias de vida é reconhecido como “recurso de investigação científica como prolífica tradição nas ciências humanas, especialmente nos campos da sociologia, psicologia e história” (Burnier et al, 2007, p. 344). Para o autor, o uso das histórias de vida tem cumprido a função de auxiliar a compreensão da condição do professor e sua realidade em sala de aula, a partir do momento em que as teorias e as pesquisas são renovadas com estas narrativas.

Para Nóvoa (2014), a utilização de histórias de vida na formação de adultos dá a oportunidade de o indivíduo ser, ao mesmo tempo, ator e investigador. Este é o mote do segundo objetivo específico desta pesquisa, que é evidenciar os processos do uso da narrativa autobiográfica:

... concede ao formando o duplo estatuto de ator e investigador, criando condições para que a formação se faça na produção do saber e não, como até agora, no seu consumo. A abordagem biográfica reforça o princípio segundo o qual é sempre a própria pessoa que se forma e forma-se à medida que elabora uma compreensão sobre o seu percurso de vida: a implicação do sujeito no seu próprio processo de formação torna-se assim inevitável (Nóvoa, 2014, p.154).

Este é o principal desafio desta pesquisa, pois escrever sobre si não é uma tarefa fácil. Envolve o reconhecimento de si, o uso da linguagem com objetividade e clareza, a transparência e a entrega genuína ao longo de todo o processo; o que gera diversos questionamentos acerca da escrita das experiências vividas e o posicionamento sobre o que foi escrito. Para Josso, “três

eixos permitem explicitar a natureza destas interrogações: a escrita como arte da evocação, a escrita como construção de sentido e a escrita como investigação” (Josso, 2002, p. 132). A complexidade deste processo é aumentada consideravelmente ao considerarmos o potencial multiplicador do uso das pesquisas que utilizam essa abordagem:

A abordagem Histórias de Vida pode não apenas provocar um conhecimento da existencialidade e do saber-viver como recursos de um projeto auto-orientado, mas convoca ainda o sujeito da formação a reconhecer-se como tal, a assumir a sua cota parte de responsabilidade no processo e, finalmente, a colocar-se numa relação renovada consigo, com os outros, com o meio humano e com o universo, na sua vida em geral e naquela abordagem em particular (Josso, 2002, p. 63).

O processo de reconhecer-se como principal responsável por sua aprendizagem e desenvolvimento implica na construção de uma autoestima profissional com solidez, e o resultado é uma assertividade maior nas escolhas a serem tomadas. Para quem atua tanto com formação do formador quanto como empreendedor, essa assertividade impacta significativamente nos resultados de todo o trabalho que é desenvolvido.

Ao considerar que na pesquisa autobiográfica o pesquisador é ator e investigador ao mesmo tempo, faz-se necessário elucidar os conceitos relacionados à relação sujeito-objeto que fundamentam essa pesquisa.

1.3 Relação sujeito-objeto de pesquisa

A metodologia baseada no uso de histórias de vida e autobiografias possui características muito singulares, e é necessário salientar que ela parte de uma nova epistemologia da prática e de uma visão diferenciada sobre o que é pesquisa científica.

Muitas são as críticas para o uso desta metodologia, e, dentre os estudos realizados ao longo desta pesquisa, a afirmação de Bueno, em seu estudo sobre o uso desta na formação de professores, se destaca:

No caso dos trabalhos analisados nessa revisão, a maioria em nível de mestrado (com duas exceções já mencionadas), o que se notou é que essa modalidade parece ter sido utilizada muito mais pela facilidade de se produzir um trabalho em curto prazo do que uma opção teórica calcada em convicções teóricas e pressupostos claros. Tendo se envolvido em um processo de se autobiografar, esses trabalhos trouxeram certamente ganhos para seus autores, mas do ponto de vista acadêmico poucos tem algo a dizer (Bueno, 2006, p. 405).

Diante desta declaração, torna-se essencial realizar uma bibliometria que levante os

estudos mais atuais que consideram a relação entre *lifelong learning* e o uso de histórias de vida em formação, de forma a verificar se houve ou não um avanço por parte dos autores, no período correspondente aos últimos 10 anos. Outro fator a se considerar nesse processo é o senso autocrítico apurado da pesquisadora, que não apenas no processo de pesquisa, mas em todos os âmbitos da história de vida a ser contada se apresenta em diferentes momentos. A fim de buscar uma aplicação para a teoria discutida e analisada, este trabalho visa propor um produto vinculado à educação.

Gergen e Gergen contribuem para a reflexão ao levantar a questão de como o autor e/ou pesquisador deve tratar sua própria voz dentro da pesquisa: “Será que eu deveria ser simplesmente uma entre muitas, ou deveria ter privilégios especiais em virtude do treinamento profissional?” (Gergen e Gergen, 2006, p. 370). Ao trabalhar uma narrativa autobiográfica, o processo que envolve a redação, a leitura, a reflexão sobre os fatos narrados, e outros fatores é impactado diretamente pela consciência e posse do poder de sua própria voz, ação e reflexão. É preciso que o pesquisador compreenda seu espaço como pessoa única, autêntica, reflexiva e que pode contribuir com suas experiências reais, colocando à prova a tradicional relação binária sujeito e objeto.

Por isso, o investigador que assume esta opção, dada a complexidade desta perspectiva, enfoque ou método, deve considerar que as narrações individuais ou a história que conta de cada pessoa, permitem por um lado, conhecer e/ou analisar a sociedade, uma classe ou grupo, através da reconstrução do discurso tanto oral como escrito, e por outro, análise e interpretação do social permite, também conhecer as estruturas, conflitos e processos de um grupo ou de uma sociedade em geral (Sicardi, 2008, p. 74).

Ao narrar minha trajetória, darei visibilidade e colocarei em diálogo não apenas a minha voz, mas também a outras pessoas que fizeram parte dos momentos narrados, o que conseqüentemente trará reflexões acerca dos grupos aos quais pertenci em determinados momentos, evidenciando situações tanto boas quanto conflituosas.

Quanto à legitimação do método de pesquisa com narrativas autobiográficas, é necessário compreender o objetivo maior do uso desta no contexto educacional, histórico, social, antropológico, dentre outros:

... é possível então considerar que a lógica analítica perde forças na dinâmica de produção de conhecimento sobre o social, posto que o que se busca não é chegar ao estabelecimento de leis gerais, senão compreender a realidade social como objeto de investigação através da leitura e interpretação do papel de ator social, do sujeito, da subjetividade em um contexto em que se produzem mediações sócio estruturais e sócio simbólicas (Sicardi, 2008, p. 72)

Ao fazer uso de narrativas autobiográficas, a compreensão dialética é o maior objetivo, e não dar ou estabelecer um padrão, assim como limitar sua interpretação a dados pré-estabelecidos, muito menos definir uma verdade única.

Para Delory-Momberger, “o paradoxo da condição pós-moderna é ter devolvido ao indivíduo a tarefa de produzir, em si mesmo, o vínculo social que a extrema diferenciação e a complexidade da sociedade parecem ter desfeito” (Delory-Momberger, 2012, p.29). Se cabe ao indivíduo buscar formas de interpretar, escolher e construir sua vida, por que a validade de uma pesquisa autobiográfica é muitas vezes colocada em cheque, sob argumentos tão positivistas quanto a relação sujeito e objeto? O conservadorismo na metodologia de pesquisa é oposto à esta ideologia.

Maffioletti amplia a discussão ao trazer elementos sobre a validade do método científico: “diante de um novo paradigma científico, a física quântica admite a fragilidade do que ficou conhecido como “neutralidade da ciência” e “critérios de validade”, passando a assumir claramente o elemento subjetivo nas descrições dos eventos físicos. (Maffioletti, 2016, p. 53). Muitos são os estudos que evidenciam que não existe neutralidade no processo científico, independente da metodologia aplicada. Japiassu justifica esta afirmação ao relacionar a produção científica com o sujeito que está historicamente situado:

A produção científica se faz numa sociedade determinada que condiciona seus objetivos, seus agentes e seu modo de funcionamento. É profundamente marcada pela cultura em que se insere. Carrega em si os traços da sociedade que a engendra, reflete suas contradições tanto em sua organização interna quanto em suas aplicações (Japiassu, 1979, p. 17).

Não há como realizar uma pesquisa sem considerar o contexto no qual o pesquisador está inserido. Ele é um condicionante para a interpretação e confluência das informações levantadas, da definição da fundamentação teórica e prática e da análise dos resultados obtidos. Para Delory-Momberger, que estuda em profundidade a produção de narrativas autobiográficas na pesquisa científica: “o indivíduo retira de si mesmo o estímulo para a ação e os princípios de sua conduta, ele inventa, por si mesmo, os motivos, as associações que o ligam aos outros e que lhe conferem um lugar no tecido das coletividades” (Delory-Momberger, 2012, p. 144).

Diante da constatação levantada por Maffioletti - “a importância de manter sempre vivas as reflexões sobre condição humana, as vicissitudes da vida e os conhecimentos que ela gera” (p. 57), a realização de pesquisas auto narrativas tornam-se fundamentais, tornando-se documentos essenciais para a posterioridade.

Para Maffioletti, “na produção dos significados, o fundamento que move as pessoas não

é a busca de uma compreensão científica da realidade, mas a compreensão das experiências que organizam a experiência humana". Quando narramos nossas experiências, o sentido se dá não apenas pelo fato narrado, mas também no contexto em que aquela narrativa está inserida, quais os pontos de vista considerados naquele momento, quais leituras da realidade foram possíveis na época e nos dias atuais. É um processo por vezes doloroso, pois conforme vamos criando experiências de vida e aprendizados, percebemos ao narrar nosso passado o quanto essa vivência fez falta, para interpretar, para saber lidar, para dar a devida importância, para ler o mundo naquele momento.

[...] a temporalidade biográfica configura-se como outra vertente estruturante da experiência humana e das narrativas num tempo biográfico, ao explicitar territórios da vida individual e social, através das experiências vividas e narradas pelos sujeitos, implicando-se com princípios hermenêuticos e fenomenológicos que caracterizam a vida, o humano e suas diferentes formas de expressão e manifestação (Souza, 2014, p.41)

A análise da narrativa proposta nesta pesquisa não parte de um viés dicotômico, e sim de uma perspectiva hermenêutica, que promove descobertas pontuais, que se alteram ao longo do tempo de acordo com os aportes que temos a disposição, de forma contextualizada e situada.

Diante dos diferentes gêneros autobiográficos existentes, faz-se necessário conceituar os dois gêneros que serão utilizados como referência para a realização desta pesquisa: o memorial acadêmico e o registro fotográfico.

1.4 Gêneros autobiográficos: o memorial acadêmico

Dentre os diferentes gêneros utilizados na pesquisa autobiográfica, o memorial se destaca por ser utilizado em diversos processos seletivos para professor universitário.

Passeggi define o memorial autobiográfico "como um gênero acadêmico autobiográfico, por meio do qual o autor se (auto)avalia e tece reflexões críticas sobre seu percurso intelectual e profissional, em função de uma demanda institucional. O interesse de sua narrativa é clarificar experiências significativas para sua formação e situar seus projetos atuais e futuros no processo de inserção acadêmica e ascensão profissional (Passeggi, 2008, p.120)

Segundo Passeggi (2008), há dois tipos de memorial: o acadêmico, que tem a finalidade de ingresso na carreira docente através de concursos públicos, e o de formação, que são produzidos ao longo da formação inicial ou continuada de docentes, e geralmente é acompanhado por um professor orientador.

As informações apresentadas em um memorial demonstram não apenas as produções acadêmicas e a trajetória curricular, mas também evidenciam como a tessitura da vida daquele profissional, suas ideologias, crenças e preferências. Desta forma, cada memorial apresenta um universo diferente para o leitor.

A proposta desta pesquisa é trazer alguns elementos presentes em um memorial acadêmico, pois em cada etapa da vida, houve uma formação, uma colheita profissional um diálogo entre realidades e contextos.

Para Câmara e Passeggi, a reflexão originada de “cada memorial contém uma história singular-plural e articula dialeticamente o privado e o público, o indivíduo e a sociedade” (Câmara; Passeggi, 2013, p. 29).

De acordo com os estudos de Câmara e Passeggi, a partir da década de 80 o memorial é reinserido nas carreiras docentes das universidades federais e exigido nos processos seletivos e concursos, sendo que o memorial escrito por Soares, intitulado *Metamemória-memórias: travessia de uma educadora*, como requisito para o cargo de professora titular da Universidade Federal de Minas Gerais representou o marco da época.

Soares retrata neste memorial sua forma de analisar a vida e a carreira, com a consciência de que nenhuma trajetória é linear e que estamos cercados de incertezas:

Vamos bordando a nossa vida, sem conhecer por inteiro o risco; representando o nosso papel, sem conhecer por inteiro a peça. De vez em quando, voltamos a olhar para o bordado já feito e sob ele desvendamos o risco desconhecido; ou para as cenas já representadas, e lemos o texto, antes ignorado (Soares, 2001, p. 28).

Olhar para o passado e analisar os acontecimentos compreende reconhecer elementos que passaram despercebidos, mas revisitá-los através da narrativa gera novos significados, que impactam os próximos passos, pois geram novas interpretações e leituras.

Soares também evidencia em seu memorial as mudanças guiadas por pressupostos ideológicos e filosóficos: “Percebo a integridade histórica de cada uma a partir de seu próprio contexto; em cada momento, o que foi diferente foi a relação, contaminada por pressupostos ideológicos, entre mim e os fatos” (Soares, 2001, p. 32)

Assim como a nossa trajetória de vida não ocorre de forma linear, mudanças de concepções também ocorrem ao longo deste processo. E é muito importante compreender como esse processo se deu.

Quando um memorial é produzido, ele é pautado sobre a leitura que realizamos sobre nossas experiências passadas. Para Soares "... não posso separar o passado do presente, e o que

encontro é sempre o meu pensamento atual sobre o passado, é o presente projetado sobre o passado" (Soares, 2001, p.38). Em cada momento de escrita, a mesma realidade será retratada sob um olhar. Ao redigir a minha própria história de vida, realizei um compilado de textos escritos em diferentes épocas, partindo do ano de 2018, e percebi o quanto esse olhar se modifica profundamente. Foi necessário reler os textos, analisar novamente o contexto narrado sob a ótica de hoje, e praticamente reescrevê-los. Desta forma, valido em minha experiência os dizeres de Soares: "a própria seleção daquilo que incluo na narração obedece a critério do presente: escolho aquilo que tenha relações com o sistema de referências que me dirige, hoje" (Soares, 2001, p. 40).

Para Câmara e Passeggi, esse processo se configura no eu reflexivo: "esse eu, situado no presente, constrói-se e se reconstrói com a rememoração das experiências vividas" (Câmara e Passeggi, 2013, p. 43). Desta forma, os memoriais acadêmicos são documentos que revelam as diferentes formas de escrita de si, e que revelam para além da visão de mundo do autor: seu contexto de vida, a cultura, a realidade sócio econômica e política na qual ele está inserido. Uma vez que a narrativa é a ressignificação das experiências, no âmbito da formação esta pode ocorrer em ambientes formais, não- formais e informais. No capítulo 2, retrato estes conceitos bem como sua aplicabilidade à minha própria trajetória formativa.

Após fundamentar o uso dos memoriais acadêmicos como referência para a produção da autobiografia presente nesta pesquisa, trago a seguir conceitos relacionados ao registro fotográfico como gênero autobiográfico, acompanhado da importância que o registro fotográfico possui para retratar o processo autobiográfico desta pesquisa.

1.5 Gêneros autobiográficos: o registro fotográfico

O uso de um elemento como a fotografia, que é muito utilizado em biografias e autobiografias com finalidades unicamente literárias para uma produção acadêmica, é uma forma de legitimar a potência da metodologia das histórias de vida e de seu poder formador:

A fotobiografia, enquanto escritura fotográfica, é entendida como objeto de memória e tomada como fonte de pesquisa, configurando-se como um conjunto de fotografias capaz de narrar a vida dos sujeitos. Para tanto, opera com uma comunidade de sentidos, resguardando potencialidades reflexivas, dimensões heurísticas e uma polissemia de interpretações. Trata-se de um conjunto de procedimentos que utilizam imagens fotográficas como elemento desencadeador de reflexões e narrativas sobre a vida dos sujeitos, num

processo de construção de conhecimentos diversos a partir de conteúdos que narram e revelam histórias de vida pessoais e institucionais (Souza e Meireles, 2018, p. 31).

De acordo com Delory-Momberger, a fotografia ou a fotobiografia “representa uma categoria de experiência que permite ao lado de outras formas de percepções vividas (...) interpretar situações e acontecimentos” (Delory-Momberger, 2008, p. 114). A fotografia tem o poder de mobilizar diferentes sentidos, além de contextualizar e situar uma narrativa.

Cunha (2016), elucida, em sua pesquisa documental do acervo do professor e político catarinense Elpídio Barbosa, que “a existência dos acervos torna-se necessária no intuito de não apenas preservar memórias, mas também de servir de fonte / documentos à produção historiográfica” (Cunha, 2016, p. 205) Um álbum de fotografias pessoais é um exemplo de acervo, que permite a leitura de contextos, vivências e experiências. Neste estudo, Cunha destaca a importância de valorizar e estudar as fotografias previamente selecionadas pelo professor:

Outro material presente no acervo são as fotografias presentes nos materiais mencionados, em que se pode inferir uma análise da construção de si, posto que as imagens foram selecionadas e colocadas nos tais tomos pelas próprias mãos de Elpídio Barbosa visando, possivelmente, a posterior salvaguarda desse material (Cunha, 2016, p. 210).

Selecionar fotografias e organizá-las em uma determinada ordem, permite ilustrar uma sequência de fatos, sentimentos, retratar um período histórico, além de permitir o resgate dos momentos e emoções. Segundo esta autora, analisar fotografias também propicia “pensar em muitas das questões que permeavam o período” (Cunha, 2016, p. 211), afinal, a forma como nos posicionamos diante de uma câmera reflete a cultura que vivemos naquele momento.

Delory-Momberger, ao retratar a formação de si através de álbuns de fotografias familiares, traduz sentimentos em palavras repletas de assertividade:

Durante muito tempo, o álbum de fotografias de família foi uma garantia de memória familiar. [...] Ele tece, ao longo das fotografias tiradas em momentos solenes ou simplesmente triviais, uma memória da família que quer ser um lugar tranquilizador de certezas, de estabilidade de controles identitários. (Delory-Momberger, 2010, p. 95)

A fotografia desempenha um papel histórico tanto no ambiente familiar quanto no ambiente profissional e acadêmico. O estudo de materiais fotográficos é realizado em diferentes áreas do conhecimento, e numa pesquisa autobiográfica, seu papel é enriquecedor para a compreensão, reflexão e análise crítica. O trabalho com fotobiografia parte de uma premissa

que a imagem é uma ferramenta que coloca o sujeito à disposição do ato de narrar e de se perceber, colocando em diálogo o processo de constituição profissional, a experiência e os aprendizados, para então, poder vislumbrar o futuro.

Neste primeiro capítulo, foram abordadas as fundamentações teóricas dos conceitos relacionados à história de vida no contexto da educação profissional, ao *lifelong learning*, à relação sujeito-objeto que permeia essa pesquisa, e as características dos gêneros autobiográficos de memorial acadêmico e registro fotográfico. No próximo capítulo, demais conceitos que permeiam os eixos temáticos desta pesquisa serão fundamentados teoricamente, entrelaçados com a narrativa autobiográfica.

CAPÍTULO 2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Dando continuidade à fundamentação teórica que permeia esta pesquisa, neste segundo capítulo, elucido os conceitos de educação formal, educação não formal, educação informal, empreendedorismo e formação e desenvolvimento profissional que fundamentam este trabalho, entrelaçadas com trechos da narrativa autobiográfica.

2.1 Educação formal

A trajetória pessoal e profissional de todos perpassa por diversos momentos de educação, seja ela formal, não-formal ou informal. Para Brandão:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. (Brandão, 1985, p. 4)

Muitas são as definições para os termos educação formal, educação não-formal e educação informal. Para Libâneo, a educação formal “compreenderia instâncias de formação, escolares ou não, onde há objetivos educacionais explícitos e uma ação intencional institucionalizada, estruturada, sistemática” (Libâneo, 2005, p. 31). No entanto, Gohn afirma que a educação formal é “desenvolvida nos aparelhos escolares institucionalizados” (Gohn, 2005, p. 91). Langhi especifica como ocorre a educação formal: “a educação formal é institucionalizada, ou seja, ocorre no contexto de escolas oficiais (públicas e privadas), cujos cursos devem ser reconhecidos pelos órgãos nacionais competentes” (Langhi, 2023 p.11). Portanto, a educação formal ocorre em instituições de ensino, regidos por lei e supervisionados pelos órgãos competentes; a trajetória dentro da educação formal é pautada em graus e em faixas etárias, e a cada etapa realizada o indivíduo têm direito à documentação comprobatória.

Minha experiência como aluna da educação formal iniciou na educação infantil, aos 4 anos. Todas as etapas da educação básica foram cursadas no ensino público, e dou destaque ao CEFAM, cursado no período de 1997 a 2000, em período integral. Naquela instituição, tive a oportunidade de aprender muito sobre educação, não apenas na teoria, mas também na prática, através de projetos que desenvolvíamos em parceria com a escola de ensino fundamental que estava localizada no mesmo espaço físico. Sem dúvidas, foi uma experiência que impactou muito na minha atuação como professora, assim como nas conquistas da carreira docente, pois logo após finalizá-lo, conquistei duas aprovações em concursos públicos para professor na

Prefeitura de São Paulo, concursos estes responsáveis pelo meu ingresso na rede municipal de ensino.

No período em que cursei o CEFAM, tive contato desde o início com a legislação educacional, principalmente a Lei de Diretrizes e Bases 9394/96. Estudar as leis contribuiu para que eu compreendesse a importância de lutar por uma formação docente de qualidade, tanto inicial quanto continuada, pois isso refletiria muito na minha prática, assim como na prática docente de todos que estão na área, além de me preparar para os concursos públicos que prestei ao longo dos anos. Hoje percebo que realmente a formação inicial que tive fez muita diferença na minha carreira, na minha visão de mundo e na forma como trabalho. Minha paixão por rodas de conversa se iniciou em nossas primeiras rodas, na organização das carteiras da sala em círculo, na relação dialógica que os professores e gestores tinham com os alunos.

Quando finalizei o magistério, decidi que cursaria Psicologia. Ao me inscrever para o vestibular na USP – Universidade de São Paulo, foi minha primeira opção. Não passei nem para a segunda fase da seleção. Muitos conteúdos abordados não faziam parte do meu contexto de formação de nível médio, e, embora eu tenha cursado um ano de cursinho preparatório aos finais de semana, a preparação não foi suficiente para ingressar nesta universidade tão concorrida. Como não consegui, decidi me matricular por mais um ano em um cursinho de renome, com o objetivo de nivelar os conteúdos abordados no vestibular. Minha mãe e minha irmã ficaram indignadas, disseram que com essa atitude eu perderia um ano da minha vida. Minha irmã foi comigo até o cursinho buscar o cheque de matrícula, me inscreveram no vestibular de uma pequena faculdade próxima à minha casa, e minha classificação de entrada no vestibular foi a sétima posição. Assim, comecei a cursar Pedagogia junto com minha irmã.

A faculdade de Pedagogia foi minha primeira experiência na educação privada como aluna, e diversos professores que ministraram aula no CEFAM também trabalhavam na mesma faculdade. Todo o embasamento teórico que tive ao longo do magistério contribuíram para que ao longo dos anos de faculdade passassem sem dificuldades, exceto a dificuldade para realizar o estágio obrigatório, pois naquela época já trabalhava como professora na rede municipal de ensino e em uma multinacional de comércio eletrônico.

Ao longo dos quatro anos de CEFAM e dois anos de faculdade tive a mesma professora de Filosofia. A instituição na qual estava matriculada era uma instituição pequena, não tinha renome, mas era onde eu e minha irmã estávamos matriculadas juntas, e onde era possível pagar a mensalidade. Esta professora me disse por diversas vezes que o meu lugar era na PUC-SP, que me prepararia muito melhor. Nunca tentei transferência, pois sabia que não tinha como arcar com os valores de mensalidade, custos com deslocamento e não entendia como funcionava

o processo de bolsas de estudo.

Ao finalizar as disciplinas do curso, ingressei no curso de Letras – Português e Inglês, porém cursei apenas seis meses dessa graduação. Isso me causa até hoje uma sensação de incompletude e fracasso, sentimento que tento mitigar hoje ao cursar Letras – Português e Inglês como segunda licenciatura na modalidade EAD (Educação à Distância). Acredito veementemente que essa licenciatura, juntamente com o Mestrado, trará muitas oportunidades como docente no ensino superior.

Durante o período em que trabalhei na Prefeitura de São Paulo, iniciei duas vezes a pós-graduação *Lato Sensu* em Coordenação Pedagógica, na modalidade EAD, a primeira vez em uma instituição privada, e a segunda na UNESP – Universidade Estadual Paulista, e não consegui dar continuidade em ambas as oportunidades. Embora tenha sido minha primeira experiência como aluna EAD, o motivo pelo qual não concluí os estudos não está relacionado com dificuldades em adaptar-se à modalidade, e sim ao descontentamento gerado pelas dificuldades enfrentadas no cargo de coordenadora pedagógica. Por muito tempo, fiquei em dúvidas se inseria esta informação em meu currículo, hoje tenho certeza que é irrelevante, haja visto que minha experiência ao longo dos cinco anos que exerci o cargo vale muito mais do que um certificado de pós-graduação.

Para Gohn, essa reflexão e essa busca pela formação continuada é um resultado advindo da própria educação formal, que tem como objetivo capacitar o indivíduo para a vida e para o trabalho:

Na educação formal, entre outros objetivos destacam-se os relativos ao ensino e aprendizagem de conteúdos historicamente sistematizados, normatizados por leis, dentre os quais destacam-se o de formar o indivíduo como um cidadão ativo, desenvolver habilidades e competências várias, desenvolver a criatividade, percepção, motricidade etc. (Gohn, 2006, p. 29).

Durante a etapa em que me dediquei ao empreendedorismo, novamente recorri à educação formal, desta vez para cursar a MBA em Gestão Estratégica de Negócios. A escolha pela modalidade EAD foi motivada pela flexibilidade de horários para dedicar-me aos estudos, e esta foi uma experiência gratificante. Através desta pós-graduação, pude compreender muitos processos que precisava realizar no meu negócio, e ter de fato conhecimento dos processos como um todo.

Após escrever o pré-projeto de pesquisa para ingressar no Mestrado, comecei a planejar uma carreira na educação superior. A primeira especialização cursada foi a de Tutoria em EAD, seguida da pós-graduação *Lato Sensu* em Docência no Ensino Superior, formações estas que

permitiram que hoje eu pudesse atuar como Tutora EAD em uma grande instituição de ensino superior. Compreendo que este é um dos primeiros degraus desta carreira docente, e que sem estas formações o ingresso seria bem mais difícil. A educação formal te chancela, te dá oportunidade, te dá credibilidade. Acredito que ela é a maior ferramenta de oportunidade, e sempre que posso estímulo a todos a buscarem nela conhecimento, ocupação, propósito. O tempo dedicado à educação formal nunca é perdido. No entanto, ela exige um alto grau de comprometimento. Segundo Gohn:

A educação formal requer tempo, local específico, pessoal especializado, organização de vários tipos (inclusive a curricular), sistematização sequencial das atividades, disciplinamento, regulamentos e leis, órgãos superiores etc. Ela tem caráter metódico e, usualmente, divide-se por idade/ classe de conhecimento (Gohn, 2006, p. 30).

É importante ressaltar que a educação formal é um pilar fundamental na formação profissional, no entanto, não é o único caminho percorrido; a educação não-formal e a educação informal também contribuem de forma significativa no desenvolvimento de qualquer pessoa.

Após elucidar os conceitos relacionados à educação formal, faz-se necessário descrever a fundamentação que permeia o conceito de educação não-formal.

2.2 Educação Não-Formal

A educação não formal é uma área que tem se expandido muito nos últimos anos, e, assim como ao pesquisar sobre a educação formal, foram encontradas diversas definições para defini-la. Para Libâneo, a educação não formal “seria a realizada em instituições educativas fora dos marcos institucionais, mas com certo grau de sistematização e estruturação” (Libâneo, 2005, p. 31). Gohn expande essa definição ao afirmar que “educação não-formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas” (Gohn, 2006, p. 28).

Porém, de acordo com os estudos desenvolvidos por Marques e Freitas, essas definições não são consensuais, nem estanques. Para esta afirmação, fundamentaram-se em Gohn: “a educação não formal ainda não está bem consolidada, não é um conceito, mas todas as categorias e conceitos se estabelecem em um campo de disputas pelo significado e demarcação do campo de ação” (Gohn, 2014, p. 48).

Ao analisar profundamente as terminologias relacionadas à educação não-formal em 28 documentos, Marques e Freitas elaboraram uma tabela descritiva com o resumo das

características dos três tipos de educação: formal, não-formal e informal, a partir das dimensões do processo, do conteúdo, da estrutura e do propósito. Dentre as características elencadas acerca da educação não-formal, destaco que na dimensão de processo ela não possui papéis fixos, é pautada em uma relação de apoio, é centrada no aprendiz, normalmente não é avaliada, é coletiva e colaborativa, e possui sua centralidade nos aspectos sociais. Já na dimensão de conteúdo, destaco que a educação não formal tem natureza prática, é subvalorizada, ocorre em instituições próprias e em espaços flexíveis. Quanto à sua estrutura, seu grau de planejamento é organizado, planejado e flexível, e aplicado em grupos heterogêneos. Por último, em relação ao propósito, ela possui uma intencionalidade voluntária, é endereçada e adaptada a subgrupos específicos, oferece condições de desenvolvimento do grupo, e possui como principal propósito a aprendizagem (Marques; Freitas, 2017, p. 1094-1095).

A experiência mais significativa que tive com a educação não-formal foi realizar cursos livres nas instituições SENAC e SEBRAE. Na primeira instituição, pude aprender novos ofícios, com os cursos livres de maquiagem profissional e fotografia, cursados a partir de 2012, e, na segunda, diversos cursos relacionados ao empreendedorismo.

Outra grande experiência de educação não-formal ocorreu ao fazer parte da força de vendas independente da Mary Kay, uma empresa norte-americana de cosméticos que trabalha com o sistema de venda direta. Integrei a força de vendas independente da empresa no período de novembro de 2010 a abril de 2018, e durante este período, pude experimentar momentos nos quais eu estava no papel de aprendiz e também no papel de formadora, graças ao plano de carreira independente que a empresa oferece para a equipe de vendas independente: de novembro de 2010 a junho de 2012, meu papel era de consultora de beleza independente, e a partir de julho de 2012, tornei-me diretora de vendas independente, e tinha como uma de minhas atribuições oferecer treinamentos para as integrantes da minha equipe de vendas, além de dar continuidade às vendas com as minhas clientes. Esta foi uma época cheia de aprendizados, por diversos motivos: pelos papéis e responsabilidades, pela interação com pessoas que não faziam parte do meu círculo de relacionamentos, pela filosofia difundida pela empresa, dentre outros aspectos.

Em 2019, desenvolvi um programa de educação não-formal, ao participar do Programa ALI: o Empreenda na Beleza, que consiste em treinamentos, consultorias, mentorias e aconselhamentos a pequenos empreendedores que atuam ou desejam atuar na área da beleza. O grande objetivo do Empreenda na Beleza é ajudar profissionais do segmento da beleza a estruturar seus negócios e a crescer com estratégia, baseado em 5 pilares: aprender a aprender, linguagem acessível, reflexão coletiva e troca de experiências saudáveis, gestão de pessoas, e

trabalho pautado na inovação. Ele é desenvolvido em atividades individuais ou em pequenos grupos, de forma a garantir que todos compreendam a utilização de instrumentos, os conceitos apresentados e como utilizá-los em seu dia a dia. Todo o processo de elaboração, implantação e validação do programa foi através do uso da metodologia de *Design Thinking*, utilizada tanto na área empresarial, quanto nas áreas médica e educacional. De acordo com Silva Neto e Leite, “O *Design Thinking* (DT) se trata de um processo cognitivo do ser humano que põe em equilíbrio o estado emocional e racional, com uma abordagem voltada para a inovação” (Silva Neto; Leite, 2023, p. 3). É uma metodologia que permite a organização das ideias de forma não-linear, partindo de um problema contextualizado em forma de pergunta. A partir dela, as soluções são pensadas e testadas, de forma a considerar e a entender as necessidades do cliente, colocando-se em seu lugar. Desta forma, as soluções levantadas são experimentadas, validadas e remodeladas. O processo de elaboração do programa usando *Design Thinking* foi uma experiência muito valiosa, que despertou meu interesse por estudá-lo em aplicá-lo nas demais frentes de trabalho que atuo.

A educação não-formal permitiu-me entrar em contato com diversos conceitos trabalhados no universo corporativo, relacionados à inovação, gestão de projetos, empreendedorismo e economia criativa. Até hoje, muitos destes conceitos me auxiliam na gestão dos negócios e também a compreender a atuação de diversos profissionais, tão necessária para atuar na docência do ensino superior e na formação do formador.

Dando continuidade à fundamentação desta pesquisa, elucido em seguida os conceitos relacionados à educação informal, último conceito de educação presente neste trabalho.

2.3 Educação Informal

Assim como a educação formal e a educação não-formal, a educação informal também é descrita de variadas formas. Para Libâneo:

A educação informal corresponderia a ações e influências exercidas pelo meio, pelo ambiente sociocultural, e que se desenvolve por meio das relações dos indivíduos e grupos com seu ambiente humano, social, ecológico, físico e cultural, das quais resultam conhecimentos, experiências, práticas, mas que não estão ligadas especificamente a uma instituição, nem são intencionais e organizadas (Libâneo, 2005, p. 31).

Vivenciamos momentos de educação informal no convívio com família, amigos, em atividades de lazer diversas. Para Degrande e Torres, “possuímos uma bagagem de formação

educacional informal que provém de tudo que aprendemos com o que está ao nosso redor” (Degrande e Torres, 2022, p. 7). A definição de educação informal apresentada por Langhi está de acordo com essa afirmativa:

A educação informal é aquela que ocorre em espaços os mais diversos, como família, bairro, clube, entre amigos e no local de trabalho, entre outros espaços. Ela compreende tudo o que se aprende a longo da vida. Ela não apresenta nenhum tipo de estrutura, e o principal mecanismo de ensino é a socialização (Langhi, 2023, p. 11).

Os meios de comunicação já perceberam o potencial da educação informal, assim como a publicidade. De acordo com Libâneo:

... a mídia atua na modificação de estados mentais e afetivos das pessoas não apenas pela propaganda, mas também disseminando saberes e modos de agir nos campos econômico, político, moral, veiculando mensagens educativas relacionadas com drogas, preservação ambiental, saúde, comportamentos sociais etc. (Libâneo, 2005, p. 27).

O aprendizado mais marcante de educação informal que permeia minha vida pessoal e profissional, foi minha mãe quem me ensinou. Desde pequena, sempre ouvi-la falar que era importante “aprender a ler as entrelinhas”. Ela é uma mulher batalhadora, que interrompeu seus estudos formais aos 11 anos, para trabalhar com carteira assinada, numa época em que isso era permitido por lei. Ao casar e ter filhos, interrompeu sua carreira para dedicar-se à família. Durante toda minha infância, presenciei-a estudando por meio do Telecurso 2000, eliminando disciplinas e, desta forma, completou o ensino fundamental. Quando eu tinha 9 anos, ela foi aprovada em um concurso público para atuar como agente de organização escolar em escolas estaduais, e prontamente assumiu o cargo e, com isso, voltou a ter uma atuação profissional, que lhe permitiu dar continuidade aos estudos e a ter um plano de aposentadoria. Na época em que cursei o CEFAM, pegava o mesmo ônibus que ela, que cursou o Ensino Médio numa escola próxima à rua que hoje resido. Ela não chegou a cursar o Ensino Superior, porém, a forma como ela enxerga a vida a fez uma grande semioticista.

Minha mãe desempenhou um papel fundamental ao longo de toda a minha vida, não apenas por seu papel, mas por seus ensinamentos diários. Ela me ensinou a ir atrás das informações mais relevantes, a ler o diário oficial, a buscar serviços públicos de qualidade, a buscar oportunidades em diversos lugares e a nunca desistir de lutar a vida, buscando as melhores ferramentas. Uma mulher simples, mas de um conhecimento de vida e uma vontade de melhorar sua condição, e prover o que havia de melhor para mim e para minha irmã. Foi

com ela que aprendi a importância de sempre buscar informações: informação é poder, sim!

Outro grande aprendizado oriundo da educação informal é o famoso ditado: jamais empreste seu nome a outra pessoa. Porém, quando o meu pai pediu este favor, ao me incluir na sociedade da empresa dele, não soube falar não. Em 2012, quando a Mary Kay solicitou que as Diretoras de Vendas Independente apresentassem o CNPJ de Empresa Individual, tive que solicitar ao meu pai a retirada do meu nome da sociedade, pois não poderia ter, de acordo com a legislação vigente na época, um CNPJ de Empresa Individual e outro CNPJ com sócios. Foi um processo com diálogos difíceis, pois ao me encontrar com ele para realizar os trâmites, tomei conhecimento de que ele tinha grandes dívidas, que poderiam impactar no meu nome e no meu patrimônio. Este é o tipo de situação que muitas pessoas passam e sequer tem consciência das possíveis consequências, e quando tomam conhecimento, muitas vezes é tarde demais.

Diante do fato que essa pesquisa se fundamenta na metodologia de histórias de vida, é de grande importância ressaltar que ouvir, ler e acompanhar histórias de vida é uma fonte inesgotável de conhecimento e de aprendizado. Não apenas quando relatamos nossa própria história, mas também quando tomamos conhecimento da história do outro. Para a nossa trajetória profissional, este tipo de aprendizagem é fundamental.

[...] a necessidade de escutar a voz e os enredos ou de os construir e (re) construir no movimento de conhecimento e de formação individual e coletivo da aprendizagem profissional demarca novas tentativas de dar sentido às experiências, aos contextos e às histórias de vida, numa abordagem experiencial de formação como atividade singular para ampliar a vivência pessoal e profissional (Sicardi, 2008, p. 51).

Muitas vezes esses aprendizados ocorrem em cafezinhos com colegas, parceiros de trabalho e até mesmo numa conversa descontraída com desconhecidos, em diferentes contextos. É aquele momento em que você não gera expectativas, mas aprende muito ao ouvir e trocar experiências com o outro.

A conceituação de educação formal, não-formal e informal objetivam demonstrar que os aprendizados ocorrem em diferentes momentos e situações de uma narrativa autobiográfica. Neste momento, faz-se necessário fundamentar o conceito de empreendedorismo.

2.4 Empreendedorismo

Muitas são as definições do termo empreendedorismo, utilizado em diferentes áreas

de conhecimento e atuação profissional. Porém, todas se assemelham ao definir que é “a procura, reconhecimento, e aquisição de oportunidades, fundação de novos empreendimentos, inovação e geração de valor” (Cury; Veiga, 2021, p. 60). Para as pesquisadoras, “o empreendedorismo compreende o indivíduo que realiza, cria, explora, encontra e coloca em prática as oportunidades, sendo elas novas ou não” (Cury; Veiga, 2021, p. 58). Ou seja, o perfil de um indivíduo empreendedor tem como características comportamentais a busca de informações, a inovação, o estabelecimento de uma rede de contatos, dentre outras.

São diversos os benefícios relacionados ao fomento do empreendedorismo, nos âmbitos privados e social. De acordo com Ferreira (2010), a prática do empreendedorismo resulta em criação de novos empregos, inovação de produtos, serviços, metodologias, processos e tecnologias:

Novas empresas empreendedoras são, muitas vezes, baseadas em algo novo (quase nunca algo radicalmente novo, e impõem padrões de competição sobre as empresas já estabelecidas, forçando-as a melhorar processos e produtos, bem como a serem mais eficientes, eficazes e flexíveis à adoção de novas tecnologias e métodos (Ferreira et al., 2010, p. 3)

Este é um fenômeno muito fácil de acompanhar em nosso cotidiano atual, pois diariamente temos exemplos de empresas que buscam superar inovações, como por exemplo os hotéis após a criação do Airbnb, os taxistas após a criação da Uber, o comércio varejista tradicional após a disseminação de grandes portais eletrônicos de venda, tais como Amazon e Mercado Livre. Esse discurso apresenta um tom sedutor, que atrai facilmente pessoas que desejam uma grande transformação de vida, porém, poucos são os casos de grandes sucessos. Segundo o Portal de notícias do SEBRAE, é grande o número de empresas que não conseguem sobreviver (SEBRAE, 2023). A maior taxa de mortalidade corresponde aos MEI’s – Microempreendedores Individuais, seguidos das ME’s – Microempresas, correspondentes a pequenos negócios, e as EPP’s – Empresas de Pequeno Porte.

Para Ferreira (2010), “há muitos mitos e estereótipos relativos aos empreendedores, e a maioria deles nem sequer é verdadeira” (Ferreira et al., 2010, p. 3). De fato, ao longo de meus estudos e vivências, pude perceber que esta afirmação é verdadeira, principalmente ao analisar conteúdos divulgados em redes sociais. Por isso, instituições como o SEBRAE, a Endeavor, e relatórios como o GEM – *Global Entrepreneurship Monitor*, se fazem tão necessários para a busca de informações.

O SEBRAE é referência no fomento ao empreendedorismo no Brasil, e é a única instituição autorizada a realizar em todo o território nacional o Empretec, um seminário criado

pela ONU – Organização das Nações Unidas, considerado o principal programa de formação de empreendedores do mundo, segundo o *website* exclusivo de divulgação do seminário. O Empretec tem duração de 6 dias, com carga horária de dez hora por dia, e quem deseja participar precisa passar por um processo seletivo e ser aprovado.

O Empretec é uma oportunidade para os participantes se familiarizarem com os padrões de comportamento dos empresários exitosos, identificados na pesquisa de origem do seminário. Os participantes têm a oportunidade de identificar seu potencial empresarial, fortalecendo suas características empreendedoras de forma prática e com possibilidades de aplicabilidade imediata em suas empresas existentes ou naquelas que estão iniciando (Santos, 2018, p. 86).

As atividades desenvolvidas ao longo do seminário objetivam trabalhar dez características do comportamento empreendedor, que são: busca de oportunidades e iniciativa, persistência, comprometimento, exigência de qualidade e eficiência, correr riscos calculados, estabelecimento de metas, busca de informações, planejamento e monitoramento sistemáticos, persuasão e rede de contatos, independência e autoconfiança.

Participei do Empretec em abril de 2018, e os aprendizados que adquiri me ajudaram muito nas tomadas de decisão relacionadas às mudanças de atividades econômicas que desenvolvo desde 2012 em minha empresa. Todas as atividades propostas são práticas e envolvem o desenvolvimento das características comportamentais e a integração entre os participantes. Considero-o uma experiência que impactou significativamente meu perfil empreendedor e principalmente, meus resultados.

Ao longo do tempo que frequentei o SEBRAE, realizei no total dezoito (18) cursos, tanto presenciais quanto na modalidade à distância. Todas foram de grande valia, e contribuíram para o desenvolvimento das minhas atividades. Embora algumas apresentassem temáticas já trabalhadas anteriormente, a troca de experiências foi fundamental para ampliar minha visão de mundo e de negócios, além de trabalhar a interação com outros empreendedores que buscavam alternativas para seus negócios. Conheci muita gente, fiz amigos e parcerias que permanecem até hoje. Muitas vezes, neste ambiente, encontrei o ambiente seguro para compartilhar minhas angústias e medos, ambiente este que sempre senti falta dentro das escolas.

Para conhecer mais sobre o universo do empreendedorismo, passei a acompanhar os conteúdos divulgados pela Endeavor, uma comunidade global que atua em mais de quarenta (40) países com programas de aceleração de empresas. Eles também desenvolvem diversos estudos sobre inovação, e divulgam *insights* e casos de sucesso para empreendedores. Eles

criaram o *Day one* (1) Endeavor, evento que objetiva inspirar os empreendedores, e que traz uma narrativa realista do empreendedorismo:

Até então, as palestras de empreendedorismo tratavam o sucesso como fórmula pronta, editando os fracassos do caminho para contar uma história com final feliz. E a Endeavor queria contar essas histórias por um ângulo novo, que só quem viveu e deu tudo de si poderia compartilhar (Endeavor, 2023).

Particpei do *Day one* (1) promovido em 01 de abril de 2019, na Pinacoteca de São Paulo. Naquele evento, me emocionei, e de fato me inspirei em histórias contadas por seus protagonistas, de forma realista, descrevendo todas as dificuldades enfrentadas e como conseguiram superá-las. Compreendi que o trabalho desenvolvido ali era muito diferente do que era promovido até então no universo empreendedor, relatando apenas os êxitos, de forma fragmentada. E, a partir daí, pude, através dos vídeos divulgados pelo canal do YouTube, ter contato com histórias reais. Ali, percebi que os trabalhos realizados com aquelas narrativas, de fato, instrumentalizam quem entra em contato com elas, de forma a inspirar, promover a reflexão e análise crítica da realidade, e vislumbrar novas possibilidades.

O trabalho desenvolvido pela Endeavor permitiu compreender que o empreendedorismo pode sim ser trabalhado através de narrativas autobiográficas, indo contra a estereótipos de que o empreendedor não possui visão crítica, não realiza um trabalho social, e que somente visa a lucratividade. Os materiais divulgados em seu website e em redes sociais demonstram a singularidade de cada história apresentada, permeadas de valores, culturas e significados, e geram muito valor para quem entra em contato com eles. Portanto, não são apenas os casos de empreendedorismo conhecidos mundialmente que são relevantes, todas as histórias, quando bem apresentadas e fundamentadas, geram valor. Esse é o mote dessa pesquisa, que demonstra uma potência heurística ao conectar a abordagem autobiográfica e o empreendedorismo, de forma a dar força e tornar mais audível as vozes de professores e empreendedores.

O relatório GEM é a principal pesquisa sobre empreendedorismo em todo o mundo. Nele, é possível encontrar a evolução do nível empreendedor de cada país, identificar fatores críticos que inibem ou contribuem para a prática empreendedora, assim como quais são as principais motivações para empreender. O último relatório GEM de empreendedorismo no Brasil foi publicado em 2023, e entrevistou 2000 adultos e 54 especialistas para ser gerado. Nele, foram abordados a disposição empreendedora na população, a intensidade da atividade empreendedora no Brasil em 2023, o retrato do empreendedor brasileiro, as motivações dos

brasileiros para empreender, e as características dos empreendimentos. Estas informações auxiliam muito a análise de tendências, de resultados previstos e realizados, e o planejamento de ações dos negócios.

Para compreender mais profundamente as características do comportamento empreendedor e quais as competências associadas a eles, cursei a MBA em Gestão Estratégica de Negócios, participei do Programa ALI por duas vezes, realizei o Programa *Speed Mentoring* na Faculdade SEBRAE, voltado para o desenvolvimento de startups, e participei de vários cursos relacionados à finanças, marketing e gestão de negócios, além de oficinas como *hackathon*.

O *hackathon* é um evento promovido em diversas empresas, que reúne programadores e diversos profissionais que atuam no desenvolvimento de *software*, com o objetivo de trazer uma solução para um problema. A participação nestes eventos oportuniza estabelecer contato com profissionais de diferentes áreas, compreender como uma empresa desenvolve um *software*, e como solucionar problemas de forma criativa e colaborativa.

Após conceituar o empreendedorismo, exemplificar seu impacto e elucidar as principais instituições referência para obtenção de educação formal e informal sobre ele, finalizo a fundamentação teórica desta pesquisa, com os conceitos de formação e desenvolvimento profissional.

2.5 Formação e desenvolvimento profissional

Para tratar os conceitos de formação e desenvolvimento profissional, é importante destacar estudos que trazem uma análise histórica, social e epistemológica. Oliveira (2016) afirma que “a educação seria formadora do espírito racional do indivíduo e teria a função e a intencionalidade de aprimorar a natureza filosófica do indivíduo e guiar o ser humano para o bem, o belo e a perfeição (Oliveira, 2016, p. 38), fundamentando-se em Platão. Essa visão de educação, norteadas em princípios racionais e morais, e que apresenta um caráter competitivo, meritocrático e disciplinar, engloba o conhecimento de muitas ciências, tais como a matemática, a música, a dialética, dentre outros. Já para Aristóteles, a educação tem uma visão integral, que engloba a razão e as demais funções humanas, apresentando um caráter humanista: “a finalidade da educação para Aristóteles é a conquista da felicidade ou do bem” (Oliveira, 2016, p. 41). Ambas as visões inspiram e fundamentam as legislações, metodologias e práticas educacionais até os dias atuais.

A educação profissional no Brasil teve seu marco em 1909, com a criação de dezenove

“Escolas de Aprendizes Artífices”, de acordo com o website da SETEC – Secretaria da Educação Profissional e Tecnológica. Desde então, é possível analisar diferentes avanços nas legislações e na oferta de cursos técnicos e profissionalizantes, de níveis médio e superior. Para Silva, “em educação profissional, quem ensina deve saber fazer. Quem sabe fazer e quer ensinar deve aprender a ensinar” (Silva et al., 2025, p.7), e esta afirmativa configura-se em um dos maiores desafios para quem atua tanto na educação profissional, quanto para quem atua na formação de formadores.

O distanciamento entre teoria e prática é constatado em diferentes áreas do conhecimento e de atuação profissional, e a metodologia de histórias de vida pode contribuir significativamente para a transformação desta realidade. Josso (2002) afirma a importância de se considerar

[...] o caráter virtual ou, potencial, dos efeitos induzidos pela abordagem das Histórias de Vida sublinha a importância da intencionalidade e da tomada de responsabilidade das pessoas em formação, para que a dimensão de investigação e a dimensão de formação, exigidas por esta abordagem, se concretizem (Josso, 2002, p. 62).

A afirmativa de Josso corrobora para que a formação profissional passe a ser vista como uma atividade na qual a troca de experiências e as narrativas sejam valorizadas. É necessário que a educação profissional preveja não apenas momentos de prática, de experimentação, mas também de diálogo, de escuta e análise. Essa visão respalda a análise de Silva acerca do objeto de estudo da epistemologia da educação profissional:

O seu trabalho promove um fazer técnico no mundo. Assumir-se como sujeito dessa ação no mundo é caracterizador de uma presença no mundo. Fazer-se presente no mundo é tomar consciência de sua participação histórica no mundo. Essa atividade mental de se estabelecer no mundo, dentro de uma cadeia, em que os outros reconhecem o trabalho do sujeito e o modo como esse sujeito se percebe e participa, através de sua técnica, caracteriza a Dimensão Ética do Trabalho. (Silva et al., 2024, p.8)

Silva destaca também em seus estudos a necessidade de compreender o papel emancipador da educação profissional, quando trabalhada de forma reflexiva e crítica, considerando os pontos que impactam na construção dos currículos, e promovendo uma visão integrada e humanizada, destacando que a educação profissional tem o poder de transformar uma desigualdade em oportunidade, pois modela a consciência profissional e cidadã dos indivíduos.

Partindo desse conceito de educação profissional, cabe agora conceituar e fundamentar

como a formação docente deve contribuir para que esta seja constituída. Para Tardif (2014), o saber docente está intrinsecamente relacionado com o seu trabalho na escola e na sala de aula: “são relações mediadas pelo trabalho que lhes fornece princípios para enfrentar e solucionar situações cotidianas” (Tardif, 2014, p. 17), evidenciando que o saber do professor traz consigo suas experiências, e é modelado conforme realiza seu trabalho, numa perspectiva multidimensional. Tardif salienta que os saberes de um professor são plurais, pois “envolve, no próprio exercício do trabalho, conhecimentos e um saber-fazer bastante diversos, provenientes de fontes variadas e, provavelmente, de natureza diferente” (Tardif, 2014, p. 18). Para o autor, esses saberes não podem ser dissociados do saber-ensinar, que impacta diretamente a relação desenvolvida no processo ensino-aprendizagem.

Tardif também ressalta a questão relacionada à temporalidade do saber, ou seja, que aprender supõe aprender como se ensina, e dominar de forma progressiva o ofício docente, que ocorre desde o momento em que este professor é aluno e observa o trabalho de cada professor. Este fenômeno também envolve as experiências relacionadas à socialização profissional, os momentos de ruptura e de continuidade do trabalho, mas mudanças que ocorrem ao longo da vida, além da identidade e da subjetividade de cada professor; o que requer dar a real a importância às experiências individuais e às trocas de experiências. Mais uma vez, a narrativa se faz presente, de forma implícita, mas impactante.

É de grande importância considerar, no âmbito da educação profissional e na formação de formadores, que o ato de ensinar envolve a reflexão acerca da complexidade do universo de cada indivíduo. Para Tardif (2018), “a reflexividade é acompanhada de um processo de decomposição e recomposição das identidades dos atores sociais” (Tardif, 2018, p. 403), e a valorização da experiência, para ele, é o que dá sentido ao trabalho. O conceito de professor reflexivo, defendido por Schön, é então aprofundado, pois passa a considerar a reflexividade social dos professores:

Dessa perspectiva, não é mais suficiente se interessar por aquilo que os professores pensam da sua prática, é preciso levar em conta como eles se definem e inventam novas práticas fora de seus papéis e *status* oficiais. Também é preciso considerar o sofrimento e as dificuldades que acompanham o processo atual de decomposição e recomposição do ofício docente, com a finalidade de levantar um panorama mais complexo do trabalho docente (Tardif, 2018, p. 404).

A compreensão do universo social no qual o professor está inserido é o que, para Tardif, contribui para que os professores reflitam acerca de sua atividade profissional e de sua

identidade. Ao analisar narrativas de professores, é possível verificar que esta afirmativa se mostra em muitos depoimentos. A importância de ouvir o professor, em seus momentos de formação continuada, impacta diretamente sua prática docente, de acordo com Silva:

Não basta dizer que o professor tem de ensinar partindo das experiências dos alunos se os programas que pensam sua formação não o colocarem, também como sujeitos de sua própria história (Cunha, 1997, p. 189).

Não há como um professor ouvir seu aluno se ele não sente que é ouvido e respeitado. Embora esta seja uma discussão que ocorre há bastante tempo no âmbito de formação de professores, é perceptível que ainda há muito o que fazer para aprofundar esta prática. Bragança (2012), em sua tese de doutorado, entrevistou 13 professoras atuantes na educação básica no Brasil e em Portugal, e destacou a importância que este trabalho desempenhou para cada uma delas na construção de sua imagem profissional, nas ações presentes e futuras:

O convite para contar sua história trouxe para essas professoras a possibilidade da reconstrução da narrativa de si, na tensão entre a reatualização de imagens do passado e dos projetos de futuro. A narrativa da história de vida indica, assim, o sentido ontológico de construção de si em um movimento de formação que, como processo vital de conhecimento, produz sempre novas possibilidades de leitura/imagem do sujeito a respeito de si próprio, bem como de leituras sociais e situadas nos diversos contextos que vive e interage (Bragança, 2012, p. 206).

Quando momentos de fala e escuta na formação docente são oportunizados, a valorização da experiência do outro e dos aprendizados acerca deles e da própria experiência ocorre organicamente. Imbernón (2022) afirma que é necessário mudar o modelo de treinamento e de estratégias formativas para além dos cursos e seminários de experts acadêmicos, e propõe o intercâmbio entre os pares, é possível observar que os estudiosos de comunidades formativas têm consciência da força e do poder das histórias de vida e das narrativas como intercâmbio de experiências e como ato formativo. Para ele,

Se a prática é um processo constante de estudo, de reflexão, de discussão, de experimentação, conjunta e dialeticamente com o grupo de professores, se aproximará da tendência emancipadora, crítica, assumindo um determinado grau de poder que repercute no domínio de si mesmos (Imbernón, 2022, p. 36)

Esta pesquisa visa desenvolver um produto voltado à educação, especificamente para profissionais que atuam na formação de formadores; e coloca em diálogo possibilidades teóricas e práticas, de forma a apresentar a esses profissionais da educação possibilidades de pensar suas próprias práticas, oportunizando a escuta entre pares. Ele propõe uma formação permanente na

qual o professor tenha sua voz legitimada, evidenciando a experiência e a formação, para que sua prática seja compartilhada e refletida, corroborando com os estudos de Imbernón:

A formação permanente, que tem como uma de suas funções questionar o conhecimento profissional posto em prática. A formação permanente tem o papel de descobrir a teoria para ordená-la, fundamentá-la, revisá-la e combatê-la, se for preciso. Seu objetivo é remover o sentido pedagógico comum, para recompor o equilíbrio entre os esquemas práticos e os esquemas teóricos que sustentam a prática educativa (Imbernón, 2022 p. 61).

O papel da formação permanente dos docentes que atuam na formação do formador é fundamental para que, de fato o desafio de promover uma educação profissional de qualidade seja superado, a partir do “*continuum* educativo” que permeia o conceito de *lifelong learning*.

Neste capítulo, foram elencados os fundamentos acerca dos termos educação formal, educação não formal, educação informal, empreendedorismo e formação e desenvolvimento profissional no âmbito da educação profissional. No próximo capítulo, será apresentada a bibliometria realizada para levantar os estudos que consideram a relação entre *lifelong learning* e o uso de histórias de vida em formação, em um contexto de educação profissional.

CAPÍTULO 3 – ESTADO DA ARTE

Este capítulo traz as informações da bibliometria realizada, com o objetivo de levantar os estudos que consideraram a relação entre *lifelong learning* e o uso da metodologia de histórias de vida em formação, em um contexto de educação profissional. O principal objetivo desta bibliometria é analisar se houveram avanços por parte dos autores nos últimos dez (10) anos, em trabalhos desenvolvidos com esta temática e metodologia de forma a mapear sistemicamente os trabalhos desenvolvidos, para além de situar o meu estudo num universo de pesquisas correlatas. O objeto de pesquisa foi a análise de trabalhos realizados em programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, correspondentes a teses de Doutorado e dissertações de Mestrado, divulgadas no Catálogo de Teses da Capes no período entre 2014 e 2024.

3.1 Bibliometria

Na data de 24 de outubro de 2024, foi realizada a pesquisa no *website* do Catálogo de Teses da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), utilizando as palavras “narrativas autobiográficas” no termo de busca, e aplicando filtro para os resultados a partir do ano de 2014. A busca trouxe 347 resultados para o termo, dentre esses 206 resultados corresponderam a dissertações de Mestrado e 90 resultados corresponderam a teses de Doutorado.

A partir deste resultado, um total de 57 trabalhos foram selecionados através da leitura do título, pelo fato destes apresentarem palavras que fazem relação com a minha história de vida e com a proposta desta pesquisa, tais como: professor de educação básica, narrativa, autobiográfica, professor, docência, desenvolvimento profissional docente, dentre outras. Foi produzida uma planilha com todas as palavras-chave, para a partir da análise desta, filtrar os resultados. As palavras que mais apareceram nos títulos foram: narrativa (44 inserções) e autobiográfica (29 inserções), sendo que o conjunto narrativa autobiográfica apareceu em 28 títulos selecionados.

A leitura dos títulos destes 28 trabalhos resultou no descarte de 4 trabalhos, pois em seus títulos as palavras-chave evidenciavam que o estudo não partia especificamente dos conceitos de *lifelong learning* e histórias de vida, o que resultou em 24 trabalhos selecionados para análise de resumo. Uma dissertação de Mestrado em Educação e uma tese de Doutorado em Educação tiveram que ser descartadas, pois os documentos não foram disponibilizados para consulta online no repositório institucional das referidas universidades, o que resultou em 22 trabalhos

para análise.

Para iniciar a análise, foi elaborada uma tabela, contendo os campos: tipo de trabalho (Mestrado ou Doutorado), área do conhecimento, título, autor, temática, instituição depositária, ano, e relação com *lifelong learning*. O preenchimento da planilha ocorreu concomitante com a leitura dos resumos de cada trabalho. Para a obtenção de dados como objetivo da pesquisa, fundamentação teórica e indícios de relação entre narrativas autobiográficas e o conceito de *lifelong learning*, foi necessária a leitura da introdução e dos capítulos iniciais de alguns trabalhos, o que evidenciou a importância da escrita com objetividade e clareza dos resumos, de forma a facilitar a pesquisa.

3.2 Análise da bibliometria

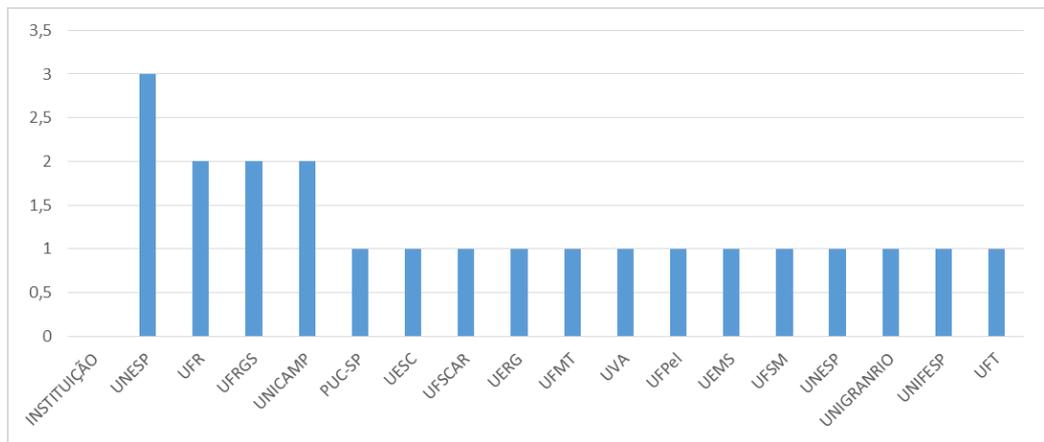
Após explorar os resumos de todos os trabalhos selecionados, e de realizar a leitura de alguns trabalhos na íntegra, fez-se necessário analisar os dados obtidos. Todas as produções selecionadas apresentaram relação entre o conceito de *lifelong learning* e o uso de narrativas autobiográficas como ferramenta para evidenciar os processos de aprendizagem, o que reforça, na prática, as afirmativas de Delory-Momberger:

Esse reconhecimento biográfico traduz-se por um forte estímulo às pessoas em formação a fazerem um trabalho reflexivo sobre elas mesmas: realizando um balanço de seus percursos e de suas competências, inscrevendo sua formação num projeto pessoal e profissional e atestando, desse modo, sua formabilidade e sua empregabilidade (Delory-Momberger, 20028, p. 89)

Os trabalhos, em sua grande maioria, retrataram o percurso do pesquisador, em sua trajetória de estudos em paralelo com sua trajetória profissional. Das vinte e duas (22) pesquisas analisadas, doze (12) correspondem a autobiografias, e dez (10) da análise de relatos autobiográficos de terceiros.

Quanto às instituições que mais possuem trabalhos dentre as pesquisas analisadas, a UNESP se destaca com três (3) trabalhos, seguido da UFR – Universidade Federal de Rondonópolis, da UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas, com dois (2) trabalhos cada uma. As demais instituições apresentaram apenas um trabalho com as características filtradas, conforme gráfico abaixo:

Figura 1 – Volume de produções por instituição

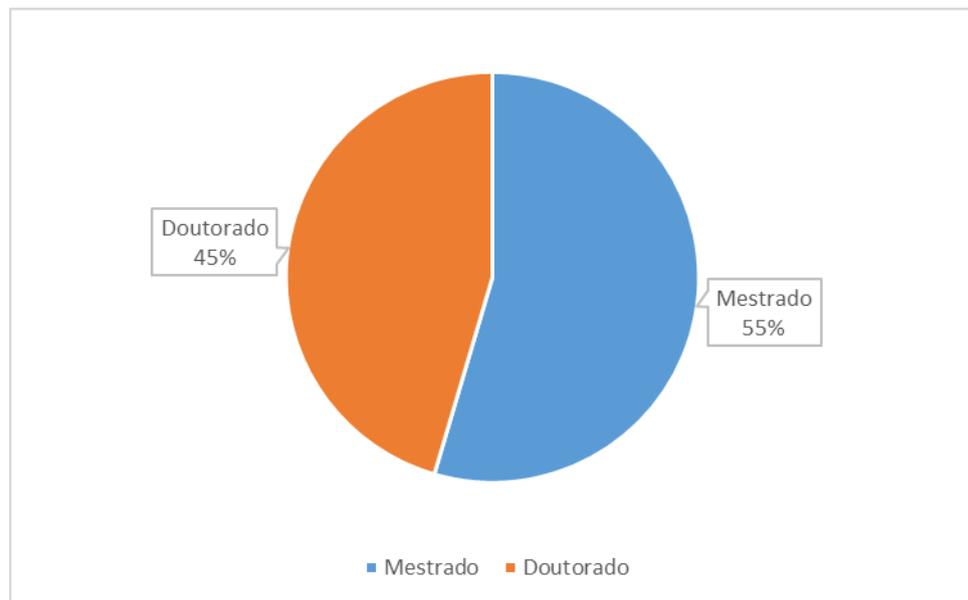


Fonte: Catálogo de Teses da CAPES, 2024

Nota: Dados trabalhados pela autora

Dentre os 22 trabalhos analisados, 55% corresponde a dissertações de Mestrado, e 45% a teses de Doutorado, o que evidencia o reconhecimento e a validação desta metodologia de pesquisa no ambiente acadêmico, conforme demonstra gráfico abaixo:

Figura 2 - Modalidades de pesquisa



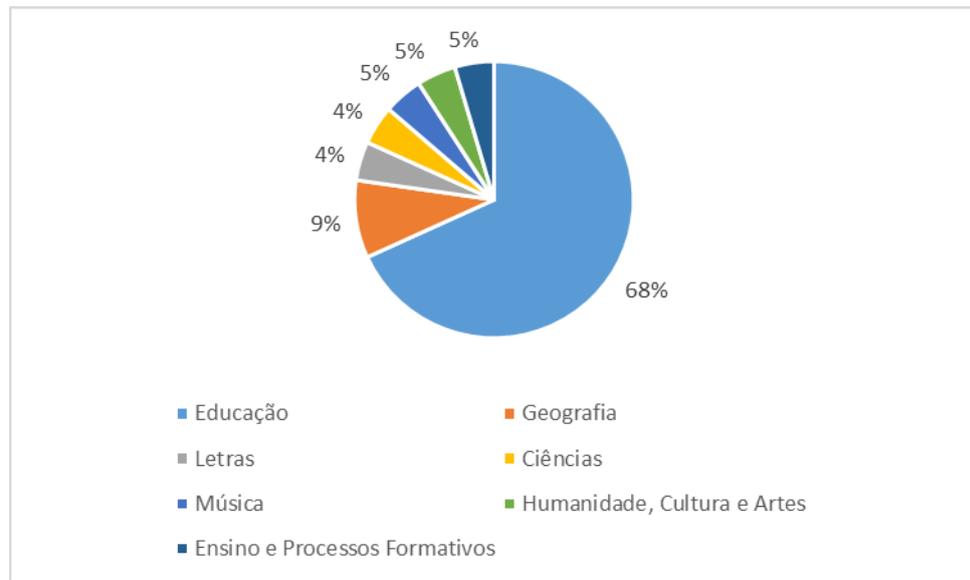
Fonte: Catálogo de Teses da CAPES, 2024

Nota: Dados trabalhados pela autora

A área de conhecimento que mais produziu pesquisas foi a Educação, que corresponde

a 68% dos trabalhos analisados, com um total de quinze (15) produções. A segunda área de conhecimento que mais produziu foi Geografia, com dois (2) trabalhos. As demais áreas do conhecimento foram representadas com apenas um trabalho. O gráfico abaixo demonstra o quanto a área da educação apresenta um volume expressivo diante das demais áreas presentes nos trabalhos selecionados:

Figura 3 – Áreas do conhecimento

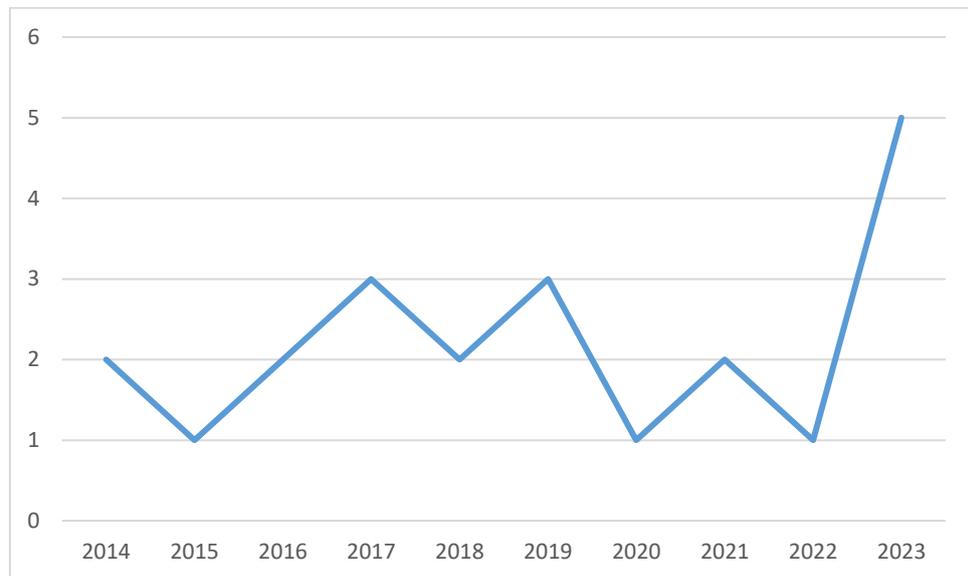


Fonte: Catálogo de Teses da CAPES, 2024

Nota: Dados trabalhados pela autora

As pesquisas selecionadas foram depositadas no período entre 2014 a 2024, e a maior concentração de produção está no ano de 2023, com um total de cinco (5) produções, o que demonstra um grande salto se comparado a anos anteriores. É notável que a produção dos anos de 2017 e 2019 foi maior que os demais anos, com um total de três (3) trabalhos em cada um deles. Já os anos de 2014, 2016, 2018, e 2021 tiveram como resultado um total de duas (2) produções contabilizadas. Os demais anos, contam com apenas 1 trabalho publicado, conforme evidencia o gráfico abaixo:

Figura 4 - Ano de depósito dos trabalhos pesquisados da amostra

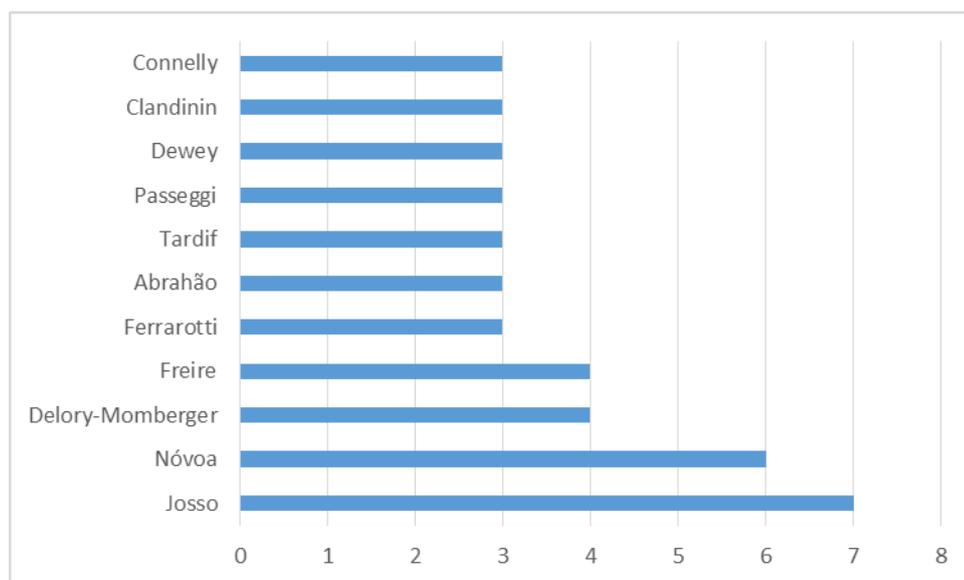


Fonte: Catálogo de Teses da CAPES, 2024

Nota: Dados trabalhados pela autora

De acordo com os resultados presentes nesta bibliometria, é possível confirmar que houveram avanços por parte dos autores nos últimos dez (10) anos, em pesquisas científicas na modalidade *Stricto Sensu* com o uso da metodologia de histórias de vida, relacionando-a com o conceito de *lifelong learning*.

Figura 5 – Autores mais citados nos resumos



Fonte: Catálogo de Teses da CAPES, 2024

Nota: Dados trabalhados pela autora

A autora mais citada nos resumos das obras analisadas foi Josso, com sete (7) citações, seguida por Nóvoa, com seis (6) citações, Delory-Momberger e Freire com quatro (4) citações cada. Já Ferrarotti, Abrahão, Tardif, Passeggi, Dewey, Clandinin e Connelly tiveram três (3) citações cada. Os demais autores citados foram mencionados apenas em dois (2) ou em um único trabalho, por isso, não fizeram parte do gráfico apresentado.

Com o objetivo de aprofundar a análise, foi produzido um breve resumo de cada obra analisada, apresentados a seguir.

3.3 Resumo das obras analisadas

O primeiro trabalho analisado corresponde a uma dissertação de Mestrado em Educação, intitulada *A escola pública e a formação do diretor: uma narrativa autobiográfica*, com autoria de João Ferreira Filho e apresentada na UNESP em 2016. Essa dissertação trata da constituição da formação profissional do autor, que desempenha a função de diretor de escola, partindo dos pressupostos da gestão democrática. Fundamenta-se em Paro, Libâneo, Josso, Chauí, Freire e diversas legislações. Iniciei lendo o resumo e, como me interessei bastante, li todo o trabalho. A breve leitura de sua dissertação contribuiu para o desenvolvimento desta pesquisa no sentido de apresentar objetivos claros e bem redigidos, de trazer junto com sua narrativa autobiográfica o contexto social histórico da época, e diversas fundamentações teóricas ao longo do texto. Conforme realizava a leitura, ela me inspirou a redigir trechos da minha trajetória que não havia destacado anteriormente. Este trabalho me auxiliou a definir o tom da narrativa, tanto na parte escrita quanto na seleção dos registros fotográficos.

O segundo trabalho analisado foi apresentado por Weigma Michely da Silva, intitulado *Momentos formadores na narrativa autobiográfica de um professor das licenciaturas africanas*, na Universidade Federal de Tocantins, no ano de 2016, e corresponde a um Mestrado em Letras. Veiga desenvolveu esta pesquisa analisando as narrativas do professor Doutor Manoel de Souza e Silva, um dos primeiros professores de Literaturas Africanas no ensino superior brasileiro, aposentado desde 2014, e que aceitou participar da pesquisa, com o objetivo de biografar os momentos formativos. Para compreender melhor os objetivos desta pesquisa, foi necessário realizar a leitura da introdução da dissertação. O trabalho fundamentou-se nos estudos de Dominicé, Josso, Bourdieu, dentre outros. Diante da curiosidade sobre o trabalho desenvolvido, realizei leituras de trechos do trabalho, no qual foram relatados diferentes momentos da vida de Manoel, situando-os historicamente e entrelaçando objetivos profissionais e pessoais, e evidenciando a paixão de Manoel por literatura. O trabalho destaca como a educação formal

contribuiu para que ele se tornasse uma referência dentro da área de estudos da Literatura Africana e como o compartilhamento de sua história de vida contribui para a compreensão do desenvolvimento profissional docente.

O terceiro trabalho corresponde a um Mestrado em Geografia, foi produzido por Maria do Socorro Correia Costa, é intitulado A narrativa autobiográfica dos professores de Geografia de Nova Russas – CE e foi apresentado em 2020 na Universidade Estadual Vale de Acaraú, em Sobral. Essa pesquisa objetivou analisar os impactos das reformas curriculares na formação de professores, fazendo uso da narrativa autobiográfica de dois professores de Geografia da rede municipal de ensino de Nova Russas, Ceará. Para compreender a fundamentação teórica que norteou o trabalho, foi necessário realizar a leitura de sua introdução, na qual foi evidenciada a fundamentação a partir dos estudos de Nóvoa, Freire, Imbernón, Josso, Dominicé, dentre outros, sob a ótica da análise política pós LDBEN nº 9394/96. A pesquisa defende o uso do método autobiográfico no processo formativo, desta forma, contribuindo para que este trabalho seja classificado como mais um que considera a relação entre narrativas autobiográficas e *lifelong learning*.

O quarto trabalho corresponde a uma tese de Doutorado em Educação, apresentada na PUC São Paulo em 2022, intitulada Gestão democrática na perspectiva de Paulo Freire: narrativas autobiográficas, de autoria de Edimicio Flaudisio Silva. A tese objetiva desenvolver uma autorreflexão crítica da prática como diretor de escola do autor, fundamentando-se em Freire, Saul, Gandin, Paro e Lima, dentre outros. O resumo despertou-me a curiosidade de realizar uma breve leitura do trabalho, que permitiu analisar que o autor conceituou gestão democrática historicamente, trouxe os conceitos a partir dos pressupostos de Freire, estabeleceu os procedimentos metodológicos, além de trazer sua narrativa e a análise da mesma. Em todo o trabalho, é possível perceber a relação entre a narrativa produzida e o conceito de *lifelong learning*, evidenciado na descrição dos estudos realizados na Cátedra Paulo Freire.

O quinto trabalho, desenvolvido por Camile Barbosa Moraes, intitulado A motivação pela docência: narrativas autobiográficas de professores em biologia em formação inicial, corresponde a uma dissertação de Mestrado em Educação em Ciências, apresentado em 2017 na Universidade Estadual de Santa Cruz, em Ilhéus. O objetivo da pesquisa foi investigar a motivação pela docência na educação básica dos estudantes do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Para verificar se o trabalho apresentou relações entre *lifelong learning* e narrativas autobiográficas, foi necessário realizar a leitura de alguns trechos, além do resumo, o que foi evidenciado em sua introdução, na qual a autora relata sua trajetória estudantil em paralelo com a profissional.

O sexto trabalho, intitulado Narrativas autobiográficas de professores que atuam em creche: sentidos e experiências de profissão, corresponde a uma tese de Doutorado em Educação, de autoria de Hellen Thais dos Santos, apresentada na UNESP em 2018. A tese objetivou analisar as experiências pessoais e profissionais de professoras da Educação Infantil e relacionar seus saberes. Evidenciou-se no resumo a clareza de situar conjuntamente os conceitos de narrativa autobiográfica e *lifelong learning*, assim como a potencialidade do uso de narrativas autobiográficas para divulgação dos saberes plurais de cada professora.

O sétimo trabalho, desenvolvido por Paola Simone Alves da Silveira, intitulado Narrativas autobiográficas de coordenadores pedagógicos: corpos que trabalham em educação, corresponde a uma dissertação de Mestrado em Educação, apresentada em 2023 na Universidade Federal de Rondonópolis. O objetivo deste trabalho é compreender como o coordenador pedagógico constrói sua noção de corpo e como esta permeia o trabalho junto à equipe docente. Diante das informações do resumo, não foi possível constatar se este trabalho relaciona o conceito de *lifelong learning* com as narrativas autobiográficas. Para isso, foi necessário realizar a leitura de pequenos trechos do trabalho. Em sua introdução, foi possível compreender a fundamentação teórica na qual o trabalho foi desenvolvido, com base nos estudos de Josso, Candau e Passeggi, além da fundamentação acerca da legislação que rege a educação em âmbito nacional. A relação entre a narrativa autobiográfica e *lifelong learning* foi evidenciado em sua narrativa, no capítulo 2.

O oitavo trabalho analisado, de título A readaptação nas narrativas autobiográficas de professores em Mato Grosso: falácias, reflexões e percepções sobre si, de autoria de Ronilda Nunes da Silva, corresponde a uma dissertação de Mestrado em Educação, apresentada na Universidade Federal de Mato Grosso em 2023. O objetivo desta pesquisa foi analisar como os professores readaptados se percebem e se expressam diante da sua condição de saúde atual e das perspectivas de retorno ao trabalho docente. Foi necessário realizar a leitura da introdução para compreender melhor a fundamentação teórica do trabalho. Silva fundamentou-se nos estudos de Souza, Ferrarotti, Josso, Abrahão e Tardif, dentre outros, para desenvolver a pesquisa. Para compreender se o trabalho relaciona autobiografias com o conceito de *lifelong learning*, foi necessário realizar uma breve leitura do trabalho, que foi evidenciada no segundo capítulo da dissertação.

O nono trabalho, intitulado Aprendendo a ensinar: narrativas autobiográficas no processo de vir a ser professora, de autoria de Rosana Maria Martins, é uma tese de Doutorado em Educação, apresentada na Universidade Federal de São Carlos em 2015. O trabalho constituiu-se em um estudo centrado nas investigações autobiográficas como prática de

formação docente, evidenciando como as aprendizagens são construídas em uma comunidade de aprendizagem online. Seu objetivo vai de encontro ao uso das narrativas atrelado ao conceito de *lifelong learning*.

O décimo trabalho analisado, de título Narrativa autobiográfica: inscrevendo minha(s) identidade(s) na cena curricular, de autoria de Hiller Soares Santana, corresponde a uma tese de Doutorado em Educação, apresentada em 2019 na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, objetivou questionar a “naturalização” da violência, da homofobia e da discriminação, através da escrita autobiográfica, inspirada no conceito de desconstrução de Derrida, e que evidencia a relação entre *lifelong learning* e o uso de narrativas autobiográficas, especificamente na elaboração e desconstrução de conceitos relacionados à sexualidade.

O décimo primeiro trabalho analisado, intitulado Professoras alfabetizadoras bem-sucedidas: narrativas autobiográficas do desenvolvimento profissional docente, de autoria de Marly de Souza Brito, corresponde a uma dissertação de Mestrado em Educação, apresentada em 2019 na Universidade Federal do Mato Grosso. O trabalho teve como objetivo compreender como três professoras experientes, consideradas bem-sucedidas por seus pares, se constituíram como professoras ao longo da história da vida e desenvolvimento profissional, por meio das narrativas autobiográficas. No resumo, ficou evidente que o conceito dos saberes plurais defendidos por Tardif estavam presentes, pois a pesquisadora percebeu que aspectos vivenciados foram determinantes para a permanência na carreira docente dessas professoras. Em sua introdução, foi possível constatar que a fundamentação teórica partiu dos estudos de Finger, Nóvoa, Ferrarotti, Passeggi, dentre outros, além de Tardif.

O décimo segundo trabalho, intitulado O desenvolvimento profissional de professores de música da educação básica; um estudo a partir de narrativas autobiográficas, de autoria de Tamar Genz Gaulke, foi apresentado para a obtenção do Doutorado em Música na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2017. O objetivo geral desta tese foi compreender como ocorre o desenvolvimento profissional do professor de música, a partir da sua relação com a escola de educação básica. O pesquisador se baseou em Nóvoa, Delory-Momberger, Tuan, Lévy e Lussault, dentre outros, para desenvolver este trabalho, no qual ele entrevistou quatro professores atuantes na educação básica em Porto Alegre.

O décimo terceiro trabalho corresponde a uma tese de Doutorado em Educação, produzida por Denise Aquino Alves Martins, com o título Narrativas autobiográficas da experiência estética para si e o outro: memórias em mosaicos do Projeto Mobilizar-te, que foi apresentada na Universidade Federal de Pelotas em 2014. A tese objetivou elucidar quais experiências estéticas e memórias de (auto)formação são narradas por 8 egressos do curso de

Pedagogia participantes do Projeto Mobilizar-te. A autora fundamentou-se em Benjamin, Larrosa, Dewey, Nóvoa e Delory-Momberger.

O décimo quarto trabalho corresponde a uma dissertação de Mestrado Profissional em Educação, intitulada Uma escalada sinuosa pelo terreno das narrativas (auto)biográficas em busca da (re)constituição docente frente a alunos com altas habilidades / superdotação. A dissertação foi produzida por Fernando Fidelis Ribeiro, e apresentada na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul em 2017. A pesquisa objetivou buscar respostas que possibilitassem (re)conhecer a própria (re)constituição como professor de ciências da natureza de alunos com altas habilidades / superdotação. Ao explorar este trabalho, constatou-se que este foi o primeiro trabalho desta bibliometria a fazer uso de fotobiografia, o que contribuiu significativamente para a produção da pesquisa. O autor fundamentou-se em Ferrarotti, Larrosa e Bolívar.

O décimo quinto trabalho, de título Narrativas (auto)biográficas: a mediação da literatura infantil nas trajetórias formativas de uma professora de classe multisseriada, produzido por Julia Bolssoni Dolwitsch, e apresentado em 2014 na Universidade Federal de Santa Maria, corresponde a uma dissertação de Mestrado em Educação. O objetivo principal da pesquisa foi compreender, por meio da pesquisa autobiográfica, a influência da literatura infantil nas trajetórias formativas de uma professora alfabetizadora, e foi fundamentada por Abrahão, Arryo, Bolzan, Souza, Nóvoa e Josso.

O décimo sexto trabalho corresponde a um Doutorado em Geografia, de autoria de Maryelle Florencio Mariano, intitulado “Eu deixo e recebo um tanto” – Diário de aula, narrativas autobiográficas e aprendizagem da docência em Geografia, apresentado na Universidade Estadual de Campinas em 2023. Para desenvolver esta pesquisa, a autora fez uso do diário de aula, e objetivou a reflexão sobre a prática, a compreensão de si e pesquisar os conhecimentos produzidos ao longo do processo de escrita. Fundamentou-se em Clandinin e Connelly, Bolívar e Delory-Momberger.

O décimo sétimo trabalho, intitulado O encantamento em sala de aula: narrativas reflexivas de experiências pedagógicas de uma professora alfabetizadora, corresponde a uma dissertação de Mestrado em Educação, produzida por Lygia Nascimento de Almeida Vecina, apresentada em 2023 na Universidade Estadual de Campinas. Através da narrativa autobiográfica, a pesquisadora relatou sua trajetória na educação, apontando a constituição da professora-alfabetizadora-pesquisadora-narradora. O trabalho foi fundamentado em Dewey Schön, Alarcão, Prado e Josso.

O décimo oitavo trabalho, de autoria de Dilermando Moraes Costa, intitulado Atividade de Trabalho e invenções de si: um estudo de narrativas autobiográficas de professoras de Inglês

do Programa Rio Criança Global, corresponde a um Doutorado em Humanidades, Culturas e Artes, apresentado em 2017 na Universidade do Grande Rio Professor José de Souza Herdy. O estudo objetivou analisar narrativas autobiográficas de professoras de Inglês, considerando a relação entre as histórias de vida e o trabalho docente. Fundamentou-se em Sxcwartz, Bakhtin, Connelly, Clandinin e Abrahão.

O décimo nono trabalho, intitulado *De aluna a professora e pesquisadora: experiência narrativa autobiográfica sobre minha trajetória no Mestrado Profissional, entre encontros e desencontros*, de autoria de Helena Cristina Velardi dos Santos, foi apresentado na Universidade Estadual de Campinas em 2021 e corresponde a uma dissertação de Mestrado Profissional em Educação. A pesquisa objetivou compreender o movimento entre a formação continuada e as ações cotidianas da professora, que também é pesquisadora. Fundamentou-se em Malaguzzi, Freire e Freinet.

O vigésimo trabalho, intitulado *Do instituído ao instituinte: pesquisa narrativa autobiográfica sobre um projeto de formação de professores da educação básica e a experiência de si*, de autoria de Valter Pedro Batista, corresponde a uma tese de Doutorado em Educação, apresentada em 2023 na Universidade Federal de São Paulo. O trabalho objetivou compreender de que modo a pesquisa formativa pode auxiliar a reflexão acerca do processo formativo do autor, que desempenha o papel de formador de formadores. Para compreender a fundamentação teórica do trabalho, foi necessário realizar a leitura da introdução, que evidenciou que o trabalho foi pautado nos pressupostos de Clandinin e Connelly e Dewey. Ao longo do trabalho, evidenciou-se a fundamentação em Freire, Giroux, Nóvoa e Tardif.

O vigésimo primeiro trabalho, de autoria de Monique Dias Pinto, intitulado *Gestão democrática no contexto de uma escola técnica estadual paulista de Educação Profissional: narrativas autobiográficas de uma diretora de escola*, corresponde a uma dissertação de Mestrado em Ensino e Processos Formativos, da Faculdade de Engenharia da UNESP – Universidade Estadual Paulista. A pesquisa objetivou analisar, a implementação da gestão democrática, no contexto da implantação curricular de uma nova modalidade de ensino, fundamentando-se em Habermas.

O vigésimo segundo trabalho, corresponde a uma tese de Doutorado em Educação, de autoria de Divane Floreni Soares, intitulada *Ateliês biográficos com trabalhadores-estudantes do Proeja: acolhimento, formação e projetos de si*, apresentada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2019. O foco do estudo desenvolvido foi conhecer a importância atribuída pelos trabalhadores-estudantes do Proeja do IFRS (Instituto Federal do Rio Grande do Sul) campus Restinga, fundamentado em Delory-Momberger, Passeggi, Moraes e Galiuzzi.

3.4 Considerações acerca do estudo bibliométrico

A análise das obras selecionadas demonstrou um movimento crescente de obras que abordam os processos de aprendizagem e de formação do indivíduo através do uso de narrativas autobiográficas. A maioria das obras estudadas pertencem à área educacional, e podem ser divididas entre três grandes eixos temáticos: a formação do formador em ambientes acadêmicos, objeto de estudo de seis (6) trabalhos, o papel do gestor educacional na formação continuada desenvolvida dentro do ambiente escolar, estudado em quatro (4) trabalhos; e a construção de saberes de educadores no ambiente escolar, que foi objeto de estudo de dez (10) dos trabalhos analisados.

Nenhum desses trabalhos relacionou o uso de narrativas autobiográficas retratando o processo de *lifelong learning* com a vivência no universo do empreendedorismo, assim como nenhum relacionou a formação do formador e os conceitos e características empreendedoras. Diante do aumento crescente das taxas gerais de empreendedorismo no Brasil, evidenciadas no Relatório GEM Brasil 2023, faz-se necessário abordar essa temática no ambiente acadêmico educacional.

Considerando essas informações, essa pesquisa possui um caráter inédito, pois aborda todos os conceitos acima apresentados inter-relacionados. A vivência relatada na autobiografia, dentro do contexto do empreendedorismo, sob o ponto de vista de uma educadora, inicia e enriquece o debate acerca da formação do formador que atua na educação profissional.

Neste capítulo, os últimos itens da fundamentação teórica na qual esta pesquisa se baseia foram abordados. O próximo capítulo trará a narrativa autobiográfica, acompanhada de fotografias que ilustram os trechos narrados e promovem a reflexão crítica.

CAPÍTULO 4 - NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA

Neste capítulo 4, compartilho minha narrativa autobiográfica, acompanhada de fotografias, produzida utilizando textos escritos após minhas primeiras orientações com o Professor Doutor Rodrigo Avella Ramirez. Os eventos narrados têm a intenção de dar voz e colocar em evidência a metodologia de narrativa autobiográfica no âmbito educacional, de grande relevância para o desenvolvimento profissional na educação profissional.

4.1 O primeiro contato com a educação no contexto familiar e escolar

A minha família é composta por mulheres que atuam desde muito jovens na educação pública, em todas as modalidades da educação básica. Minha infância é repleta de memórias envolvendo o ambiente escolar e a convivência com a minha família: uma tia foi minha professora substituta na primeira etapa do ensino fundamental, minha outra tia foi diretora e minha mãe foi secretária da escola onde cursei a segunda etapa do ensino fundamental e também estudei no mesmo ambiente que minha irmã e meus dois primos por parte de mãe.

Figura 6 – Primeiro retrato da vida estudantil (1987)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

Ingressei na Educação Infantil aos cinco (5) anos, e lembro como se fosse hoje: acordava bem cedinho, tomava o café da manhã, colocava o uniforme e aguardava o transporte escolar. A escola era localizada em frente à Biblioteca Pública, na qual ia todas as sextas-feiras emprestar livros. A experiência de frequentar a Educação Infantil me auxiliou no estabelecimento de rotinas, no compartilhamento de materiais com os colegas, no entendimento

do sistema escolar. Olhar esta fotografia me lembra o quanto fui uma criança feliz.

Tive o privilégio de cursar o CEFAM - Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério, que oferecia formação integral durante quatro anos e uma bolsa de estudos no valor de um salário mínimo para todos os alunos, mediante a verificação da frequência e do rendimento escolar. Sem dúvidas, essa formação alicerçou não apenas a minha prática docente, mas também minha forma de ver o mundo.

Figura 7 – Estágio supervisionado em uma Classe Especial (1998)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal do autor

A atividade de estágio supervisionado foi fundamental para alicerçar os conhecimentos trabalhados ao longo do magistério. Tive a oportunidade de estagiar em uma das últimas classes especiais, destinadas a alunos com deficiências, antes de ocorrer o processo de inclusão destes alunos em classes regulares. Vivenciar as transformações no atendimento aos alunos com deficiência traz uma bagagem única de experiências e de conhecimentos que são valiosos ao serem trabalhados na formação docente, carreira que almejo para os próximos anos.

As vivências nas diferentes etapas da educação básica contribuíram para minha visão de mundo e para minha constituição como professora. Segundo Tardif:

Antes mesmo de ensinarem, os futuros professores vivem na sala de aula, os futuros professores vivem nas salas de aula e nas escolas – e, portanto, em seu futuro local de trabalho – durante aproximadamente 16 anos (ou seja, em torno de 15.000 horas). Ora, tal imersão é necessariamente formadora, pois leva os futuros professores a adquirirem crenças, representações e certezas sobre a

prática do ofício de professor, bem como sobre o que é ser aluno. Em suma, antes mesmo de começarem a ensinar oficialmente, os professores já sabem, de muitas maneiras, o que é o ensino por causa de toda a sua história escolar anterior (Tardif, 2014, p. 20)

Desde os 4 anos, realizei todas as etapas da educação básica em escolas públicas, e minha única experiência com instituições particulares foi ao cursar as graduações e as pós-graduações; o que influencia significativamente minha visão sobre o ideal de educação: defendo a educação laica, pública, gratuita, de qualidade para todos. Essa experiência é responsável por construir a visão de educação que tenho e como eu desempenhei ao longo de toda a minha experiência docente a função de professora.

4.2 O início da profissão docente e primeiras experiências profissionais

Minha primeira atividade profissional remunerada foi na *Bit Company*, como professora de informática, fui convidada pela escola na qual realizei diversos cursos livres a lecionar, pois a equipe tinha conhecimento que eu cursava o CEFAM e consideraram a minha contratação como a oportunidade de ter alguém com formação para a docência em sua equipe. Permaneci nesta escola por quase três anos, quando pedi demissão, motivada pelo descontentamento de não ter um registro em carteira profissional, pela baixa remuneração e pelo fato de trabalhar com um ex-namorado.

O universo da escola pública, com o qual estava acostumada, é muito diferente do universo de uma escola privada, o que pude vivenciar em um mês trabalhando em uma grande escola privada tradicional de São Paulo, o Colégio Palmares. Estava em meu primeiro ano de faculdade, e fui convidada por uma colega de turma a participar do processo seletivo para trabalhar no projeto de acolhimento dos alunos no contraturno escolar. Trabalhei cerca de um mês neste projeto, auxiliando os alunos em suas tarefas de casa, recreação, higiene. Na hora em que me pediram a carteira profissional, perguntaram onde estava estudando. Quando informei o nome da faculdade, me dispensaram informando que só contratavam alunos da USP. No entanto, a colega que me convidou para participar da seleção estudava comigo na mesma instituição e já trabalhava na escola há bastante tempo. Lembro que saí completamente desnorteada, e com uma sensação de rejeição muito ruim. Depois desta experiência, participei de pouquíssimas seleções para trabalhar em escolas particulares, mantive o foco em prestar concursos públicos. Em 2002, a Prefeitura lançou edital para concursos de Professor Adjunto e Professor Titular de Educação Infantil, e para me preparar para a prova, realizei dois cursos

preparatórios, com professores focados nos conteúdos e na realidade das provas. Consegui ser aprovada nos dois concursos.

Em seguida, trabalhei na escola de Inglês CNA (Centro Norte Americano), onde também era aluna e construí relacionamentos, e foi a partir deles que tive a oportunidade de participar de um processo seletivo e ser contratada. Iniciei as atividades como divulgadora dos cursos, e era responsável por apresentar a escola para futuros alunos e fechar matrícula. Este foi meu primeiro contato com o universo de vendas, do qual me interessei bastante. Achava desafiador trabalhar com persuasão e técnicas de vendas, e nesta época li diversos livros que me auxiliaram a conquistar os primeiros clientes. Permaneci nesta função por cerca de um ano, quando tive a oportunidade de migrar para o laboratório de informática. Como havia trabalhado anteriormente como professora de informática, entendia de manutenção básica de computadores e estava cursando Pedagogia, esta foi uma oportunidade de trabalhar diretamente com os alunos. Permaneci na empresa por cerca de três anos, até ser convocada para assumir o cargo de professora na Prefeitura de São Paulo. Quando informei o fato à minha chefia imediata, a reação não foi nada positiva. Tentei negociar a carga horária para permanecer na atividade, porém, me foi negado. Diante da situação, pedi demissão e durante meu aviso prévio consegui uma vaga para estagiar no Mercado Livre, em horário paralelo à atividade de professora que passaria a desenvolver na Prefeitura de São Paulo e à faculdade de Pedagogia. Comecei então a trabalhar de manhã dando aulas, à tarde no Mercado Livre e à noite assistia às aulas, quando o trânsito permitia chegar no horário.

4.3 A trajetória na Prefeitura de São Paulo – uma carreira construída por meio de concursos públicos

Minha tia e madrinha construiu uma carreira dentro da Prefeitura de São Paulo, e quando eu fui chamada para assumir o cargo do primeiro concurso que prestei, suas palavras foram: “você tem certeza que quer entrar nesse universo? Você vai adoecer, assim como eu adoeci”. E, de fato, ao longo da minha trajetória na Prefeitura, passei por diversas cirurgias de alta complexidade. Pareceu que ela profetizou. Mas ela sabia o preço que eu ia pagar, porque tinha vivido tudo na pele. O peso da narrativa traz uma leitura de mundo poderosa.

Ingressei na Prefeitura de São Paulo com o cargo de Professor Adjunto de Educação Infantil, que atendia o público de 4 a 6 anos no qual eu ficava disponível para substituições na Diretoria de Ensino, em janeiro de 2003. Durante todo o ano de 2003 trabalhei na Prefeitura no período da manhã, à tarde no Mercado Livre como estagiária e à noite cursava a faculdade de

Pedagogia. Foi um período no qual criei muita experiência, tanto na Educação Infantil com crianças de 4 a 6 anos, como no atendimento ao cliente que comprava produtos online. Naquela época, o Mercado Livre já era pioneiro em vendas pela *Internet*, e realizei durante um ano atendimentos relacionados à insatisfação de produtos adquiridos, fraudes e verificação de documentos de identidade. Também tive a oportunidade de realizar a tradução de parte do site, do Espanhol para o Português, atividade que me foi muito gratificante. Essa bagagem me auxiliou muito ao longo da minha trajetória empreendedora.

O cargo de Professor Adjunto tinha lotação nas Diretorias de Ensino, ou seja, você como professor, deveria atender à demanda da Diretoria de Ensino, e não de uma escola em específico. No começo do ano de 2003, trabalhei em diversas escolas, como uma pessoa que ia “tapar os buracos” das agendas das escolas. Logo uma professora se afastou e comecei a fazer parte do quadro de uma escola específica, localizada próximo à minha casa. Esta escola, a EMEI Pérola Ellis Byington, ficava ao lado do CEI que minha irmã trabalhava, e muitos alunos conheciam-na. Foi uma experiência muito interessante, pois estávamos próximas no trabalho com as crianças e nos estudos da faculdade.

Figura 8 – Meu início como professora adjunta (2003)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal do autor

Desde o início da minha carreira, sempre fui muito apegada fisicamente com as crianças. Sempre estava com alguma criança no colo, ou agarrada a mim. Lembro que muitas colegas chamavam a minha atenção, no sentido que eu dava muita abertura às crianças e que mais cedo

ou mais tarde, elas me desrespeitariam. Porém, posso afirmar que isso nunca aconteceu: sempre tive afeto como retribuição, jamais uma criança me destratou por demonstrar carinho!

Em outubro de 2003 tive um episódio de dores abdominais intensas, e recorri ao pronto socorro para atendimento. Foi neste cenário que realizei minha primeira cirurgia de endometriose, e meu primeiro afastamento médico na Prefeitura por motivos de saúde. Fiquei 15 dias afastada para me recuperar da cirurgia, e assim que retornei, não fui recebida com abraços. Foi a primeira vez que percebi o quanto ficar doente no ambiente de trabalho escolar pode soar mal. Embora tivesse atestado médico e cicatrizes que comprovavam meu estado de saúde, muitos são os que usam como desculpa a saúde para se ausentar, e o julgamento recai sobre todos. A professora que estava substituindo retornou neste meu período de ausência, e, quando voltei às atividades, estava entrelaçada por intrigas e falas acusatórias. Até hoje não compreendo o que aconteceu, e o que falaram na minha ausência. Já no Mercado Livre, quando retornei, encontrei o mesmo ambiente e contexto de antes. Precisei fazer uma nova cirurgia de endometriose em janeiro de 2004, e optei por realiza-la no período de férias docente, para evitar aborrecimentos na escola.

No início do ano de 2004, assumi duas turmas de professoras que foram designadas para cargos de gestão escolar, e vivenciei meu segundo episódio conflituoso no ambiente escolar. Por ser concursada, tinha a preferência da escolha na atribuição, e minha rotina para ir até o Mercado Livre, que na época estava localizado no Brooklin, zona sul de São Paulo, estava exaustiva. Optei por assumir as duas turmas na escola, uma no período da manhã, e outra no período da tarde. Uma colega, que não era concursada e que desejava assumir uma das salas, me acusou de passar a perna nela. Tive que olhar em seus olhos e informa-la que era meu direito assumir as duas turmas. A carga emocional para enfrentar essa situação foi bem pesada, e me recordo até hoje dessa conversa difícil. Ao assumir esta responsabilidade, solicitei o desligamento do meu estágio no Mercado Livre. O diretor responsável pela operação no Brasil e na Argentina veio conversar comigo, para entender o motivo pelo qual eu solicitei o desligamento, chegando a me oferecer aumento de salário. Expliquei que minha decisão estava pautada em assumir a profissão para a qual havia estudado e me preparado durante vários anos, e que não foi motivada por nenhum descontentamento relacionado à empresa. Até hoje, lembro com carinho dos momentos divertidos que vivi estagiando nesta empresa.

Figura 9 – Retrato de fim de ano da primeira turma que lecionei (2004)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

Durante o ano todo de 2004 acompanhei essas duas turmas, que tinham alunos da mesma idade (6 anos), com perfis totalmente diferentes. Com a turma da manhã, desenvolvi um projeto inspirado nos livros *As Cem Linguagens da Criança* e *A Roda e o Registro*, que conheci através dos encontros de formação pedagógica, e que teve sua ideia inicial a partir da fala das crianças na fila que fazíamos na hora da entrada: era uma prática da escola recepcionar os alunos no pátio em fila para cantar algumas cantigas infantis. Em uma manhã, me deparei com um pequeno debate envolvendo alguns alunos, que se questionavam quem era maior: a baleia ou o dinossauro? Este tema foi trabalhado em rodas de conversa, e evoluiu para uma pesquisa na qual os alunos descobriram que existiam diversas espécies de baleias, assim como de dinossauros. Foi possível trabalhar com esta turma diversos conteúdos e pesquisas em diferentes canais: enciclopédias, vídeos, entrevistas. No final, fizemos em papel um dinossauro e uma baleia em papel. Hoje, vejo o quanto teria sido significativo registrar em fotografias todo o andamento deste projeto. A única recordação em fotografia que tenho desta turma é o retrato de fim de ano, no qual estou com todos os alunos.

Figura 10 – Gincana de brincadeiras infantis (2004)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

Já com a turma da tarde, embora não tenha desenvolvido nenhum projeto com a mesma duração e dimensão que o desenvolvido com a turma da manhã, trabalhei muitas atividades coletivamente, envolvendo outras turmas. O foco era sempre brincadeiras infantis e atividades de recreação. Dessa turma, tenho mais fotografias.

Foi em 2004 que comecei a realizar a JEIF: Jornada Especial Integral de Formação, uma carga horária extra, remunerada, que tinha como objetivo desenvolver o PEA – Projeto Especial de Ação da escola e desenvolver uma formação continuada com a equipe de professores. Tanto a JEIF quanto o PEA são gerenciados pelo coordenador pedagógico, possuem uma legislação específica, assim como metas e objetivos. Nestes encontros, pude aprender muitas coisas, conhecer autores, metodologias, diversas práticas docentes. Esse também poderia ser um momento seguro para compartilhamento de fragilidades, porém, nunca me senti confortável ou em um ambiente seguro para me abrir com os colegas. Meu perfil nestes encontros sempre foi de observar, interagir o mínimo e ficar responsável apenas pelas formalidades, tais como registro dos encontros em ata.

Neste mesmo ano, a Prefeitura lançou concurso para Professor de Desenvolvimento Infantil, voltado para o trabalho nos CEI's – Centros de Educação Infantil, antigas creches. Realizei um curso preparatório aos finais de semana, para garantir que fosse aprovada. Já tinha passado pela experiência de dobrar período recebendo hora extra, e sabia se tivesse outro cargo, meu salário aumentaria consideravelmente, praticamente dobraria. Consegui ser aprovada, e tinha certeza que a chamada seria rápida, pois os CEU's (Centro Educacional Unificado)

precisavam de professores.

Em 2005, na atribuição de aulas, optei por trocar de escola e fui para o recém-inaugurado CEU Vila Atlântica, que apresentava uma nova proposta educacional. No mesmo espaço, tínhamos um CEI, destinado ao público de 0 a 6 anos, uma EMEI, destinado ao público de 3 a 6 anos, uma EMEF, destinada para crianças a partir de 7 anos, um centro esportivo, um teatro, uma biblioteca, um telecentro, uma cozinha industrial e diversas atividades educacionais e culturais.

Participar da elaboração de um projeto pedagógico de uma escola recém-inaugurada é desafiador, ainda mais quando a equipe docente não está pronta para ouvir as experiências dos colegas. Em uma das primeiras reuniões de professores, citei experiências vividas na EMEI Pérola Ellys Byington e ouvi de uma colega: “aqui não é a sua escola”. Tinha pouca experiência em sala de aula, estava há apenas dois anos na Prefeitura e ainda estava cumprindo o estágio probatório. Este tipo de situação me deixava arredia com os colegas, e com pouca vontade de interagir com eles. Fazia o mínimo que era obrigada no coletivo, nos demais momentos, focava em realizar meu trabalho dentro da sala de aula com meus alunos, sem trocar experiências. Percebia que, embora todos ali fossem concursados, havia um clima de competição que eu não senti em nenhuma das atividades exercidas em instituições privadas. Observei também o esforço da equipe gestora em oferecer um espaço mais aberto ao diálogo, à troca e ao trabalho em parceria, porém as mudanças observadas eram sutis.

Logo que as aulas iniciaram, observei que estava com dificuldades para manter o fôlego ao longo das atividades desenvolvidas como professora. Sentia muita falta de ar, tonturas. Busquei diversos médicos, realizei muitos exames e o veredicto foi que precisava retirar um nódulo do tamanho de uma laranja do pulmão. A cirurgia foi realizada no dia 05 de março de 2005, e logo ao acordar, percebi que a dor que sentia não correspondia à dor do tamanho do corte que o médico informou que faria. Pedi um espelho à equipe de enfermagem e constatei que minha cicatriz tinha mais de 20 centímetros, o médico havia falado de um corte de no máximo três dedos de largura. Quando o médico me visitou no quarto, informou que o estado do nódulo que ele retirou era muito maior que o apresentado nos exames, e que ele precisou fazer outro tipo de procedimento: era previsto realizar uma segmentectomia – retirada de um segmento do pulmão; e ele realizou uma lobectomia – retirada de um lobo pulmonar completo, no meu caso, o lobo inferior esquerdo. Disse que o aspecto do nódulo aparentava ser de tuberculose ou de fungo pulmonar, e que era necessário aguardar o resultado da biópsia. Após cinco dias internada, tive alta e fui para casa pesquisar na internet tudo relacionado à fungo pulmonar e à tuberculose. Na época, a internet era discada, e demasiadamente lenta. Todos os

resultados apresentados na busca relacionavam fungo pulmonar ao vírus HIV – Vírus da Imunodeficiência Humana, e quando o resultado da biópsia acusou tuberculose, fiquei aliviada ao saber que poderia ser algo mais grave.

Acredito que tenha sido contaminada pelo bacilo na escola anterior, tinha uma aluna que não saía do meu colo durante todo o período de aulas. Ela era frágil, usava óculos e tossia muito, e eu atribuí a sua tosse à bronquite ou outra doença de menor gravidade. Nunca tive coragem de ir atrás e saber se ela também estava de fato com a doença. Quando penso nisso, sinto-me assombrada até hoje.

Realizei o tratamento pelo SUS – Sistema Único de Saúde, e fiquei afastada da escola com licença médica comum por um total de 60 dias. Neste período, estava com a saúde e o emocional fragilizados. Ninguém me orientou a solicitar a alteração de minha licença médica comum por licença por acidente de trabalho. Ainda estava em estágio probatório, e hoje, quando analiso a situação, vejo o quanto fui prejudicada: tive descontos salariais e desconto no meu tempo de serviço para aposentadoria. Infelizmente, dei-me conta disso após perder o prazo para ingressar com ação judicial.

Ao retornar para a escola, deparei-me com uma situação que me desestruturou emocionalmente: uma professora, que nem concursada era (ela fazia parte da categoria de não-estáveis que tinham contrato com a Prefeitura), estava confabulando na sala dos professores com todos os colegas que chamaria a equipe da UBS - Unidade Básica de Saúde para impedir minha presença na escola, pois estava passando doença infectocontagiosa para todos. Neste momento, esbravejei, disse que se o médico do departamento médico de saúde tinha me liberado, estava sabendo mais que ela, e que ela não deveria contestar a decisão dele, que estudou para liberar funcionários para voltarem a trabalhar. Em seguida, procurei a equipe gestora e disse que meu desejo era ingressar com uma ação de assédio moral contra a colega, pois era assim que eu realizava a leitura da situação. A diretora apenas apaziguou os ânimos, fez a colega me pedir desculpas, e nada foi feito. Neste momento, percebi o corporativismo existente nas relações entre docentes e equipe gestora e me senti duplamente injustiçada: uma por estar doente, com uma doença adquirida muito provavelmente ao realizar minha atividade de trabalho, e por aguentar assédio sem ver nenhuma ação efetiva para que episódios como esse não voltassem a ocorrer comigo ou com outra pessoa. Diante das experiências nestes três primeiros anos, não tinha como não lembrar da voz da minha tia ecoando na minha cabeça, me perguntando: “tem certeza que você quer isso para você? Você vai adoecer na Prefeitura! ”. Sentia que estava predestinada a ficar doente, e que o ambiente escolar contribuía muito para meu estado de saúde piorar.

Depois deste episódio infeliz com essa colega, não tive outras intercorrências nesta escola, onde permaneci durante todo o ano de 2005. Neste ano, atendi crianças de 5 e 6 anos, em parceria com outra professora. A jornada das crianças na escola era de seis horas, e elas permaneciam 2 horas com a professora que ficava no horário intermediário, correspondente ao período das 11h às 15h, e eu ficava 4 horas com a mesma turma. Foi uma experiência nova, nunca tinha “dividido” os alunos, ou trabalhado com uma outra professora ou até mesmo estagiária na mesma turma. Aprendi muito sobre comunicação, sobre trabalho em equipe e também sobre como é importante trabalhar em sintonia, com respeito à colega de profissão e não criar nenhuma oportunidade para as crianças gerarem preferência entre uma ou outra professora. Neste período, a coordenação pedagógica trabalhou a produção de portfólios com as atividades das crianças, e foi uma experiência muito gostosa. É lindo ver os trabalhos deles reunidos, as primeiras letras, a evolução nos desenhos.

Figura 11 – Festa Junina do CEU Vila Atlântica (2005)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

As festas e eventos que ocorriam no CEU envolvem toda a comunidade, e a estrutura do prédio é utilizada em toda a sua potencialidade. As apresentações de danças das crianças ocorriam no teatro, com capacidade para mais de trezentas (300) pessoas, ou seja, eram verdadeiros espetáculos! Foram momentos muito especiais não apenas para mim, como professora, mas tenho certeza que para os alunos também.

Em outubro de 2004 fui convocada para assumir o cargo em um segundo concurso, para trabalhar como Professora de Desenvolvimento Infantil, em CEI's - Centros de Educação Infantil, que atendia o público de 0 a 6 anos. No primeiro mês, fiquei lotada no CEI do mesmo

CEU, enquanto a escola que escolhi estava finalizando a obra para inauguração. Foi um choque de realidade ter contato com bebês tão pequenos, frágeis e saber que naquela mesma escola ocorreu um óbito de uma criança de 3 anos meses antes. A criança passou mal após o café da manhã, apresentou mal súbito, e caiu inconsciente logo em seguida. A diretora levou-o ao hospital mais próximo imediatamente, porém, ele já chegou em óbito. Uma situação muito triste e delicada. Estava ali diante da fragilidade da vida e da responsabilidade de cuidar de crianças tão pequenas. Durante todo o período em que trabalhei em CEI's, nunca tive coragem de assumir uma turma de Berçário 1, que atende crianças de 0 a 1 ano.

Cerca de aproximadamente dois meses após ser nomeada para o cargo, fui para a escola que escolhi, e ela foi criada literalmente do zero. Nós que escolhemos quais brinquedos seriam comprados, decidimos em quais salas as turmas seriam alocadas, dentre outras atividades. Os dois meses iniciais nesta escola foram ricos de experiências novas, me fez ter uma visão global do que era uma escola, pois participei ativamente do planejamento.

Já no início do ano de 2005, com a remoção, veio uma nova diretora de escola, e trouxe a cultura das “panelinhas” e do favoritismo por algumas pessoas do corpo docente. Frequentemente os alunos das professoras favoritas eram distribuídos entre as turmas, para que elas dessem carona até à diretoria de ensino, realizassem compras em horário de trabalho e outras atividades não relacionadas ao trabalho docente, e sim ao trabalho administrativo. Isso afetou muito o trabalho de todos os professores, gerou rixas entre os colegas e, claro, prejudicou os alunos diretamente. Permaneci nesta unidade até o final de 2006, quando pedi remoção para o CEU Pêra Marmelo, onde já estava lotada como Professora Titular de Educação Infantil.

Figura 12 – Primeira turma no CEI Raquel Zumbano Altman (2005)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

A primeira turma que lecionei neste CEI era de crianças maiores, com cerca de 5 anos. Naquela época, os CEI's podiam atender crianças de 0 a 6 anos, e o diferencial entre o trabalho desenvolvido em um CEI comparado a uma EMEI é que no CEI as crianças tinham a possibilidade de permanecer em período integral, enquanto a grande maioria das EMEI's funcionava em três (3) turnos de quatro (4) horas cada, além da capacidade máxima de cada turma, que não ultrapassava dezoito (18) alunos, enquanto na EMEI cada turma tinha até trinta e cinco (35) alunos. Conseqüentemente, o trabalho desenvolvido era outro: as crianças podiam desenvolver rotina completa de alimentação e higiene, tinham o horário de descanso, o acompanhamento de cada criança era muito mais próximo.

Figuras 13 e 14: Atividade de desenho e construção de texto coletivo (2005)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

As atividades realizadas com essa turma priorizavam a exploração do ambiente externo, associados a atividades desenvolvidas no ambiente interno. O CEI era organizado, novo, limpo, e dava gosto de desenvolver atividades explorando todos os espaços. Lembro destes momentos com sensação de ter feito o melhor trabalho possível com essas crianças.

Figura 15 – Minha primeira turma de bebês (2006)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

No ano de 2006, tive a oportunidade de escolher uma turma de Berçário II, que atende crianças de um (1) a dois (2) anos. Na época, jamais imaginei que essa bebê vestida de rosa e amarelo fosse um dia casar e que eu seria responsável por fazer sua maquiagem e penteado! Era uma turma muito graciosa, que estava aprendendo a falar e a andar, e que me oportunizou a aprender muito sobre bebês, afinal, era minha primeira turma como professora dessa faixa etária. Me apaixonei tanto, com exceção de um único ano, sempre escolhi trabalhar com essa faixa etária.

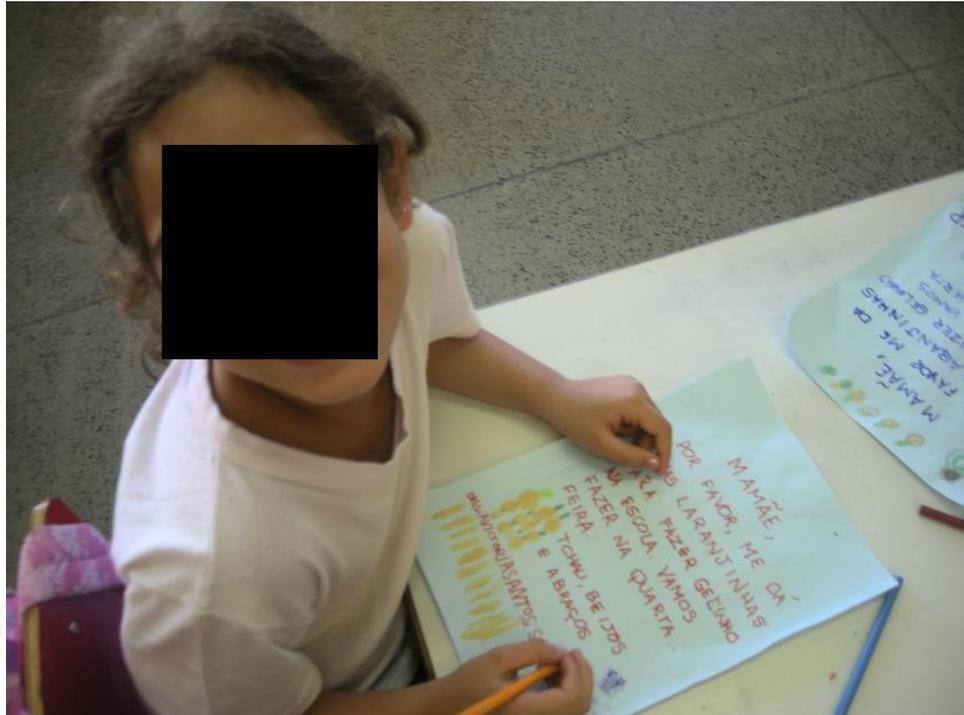
No ano de 2005, o Governo do Estado de São Paulo lançou concurso para o cargo de Professor de Educação Básica I, e como já estava com dois cargos concursados, não me

preocupe em realizar cursos preparatórios, estudei sozinha a bibliografia e consegui a aprovação. Cheguei a ser convocada para assumir o concurso, mas como a Prefeitura pagava um salário muito maior, não dei continuidade ao processo de nomeação.

No começo de 2006, exonerei o cargo de Professor Adjunto para assumir o cargo de Professor Titular de Educação Infantil, e escolhi ir para o CEU Pêra Marmelo, na região do Jaraguá, que estava recém-inaugurado. Nesta EMEI, permaneci até o fim de 2009, e acompanhei diversas alterações no quadro de equipe gestora. Foram tantas alterações, e cada um que chegava, não dava continuidade ao trabalho anterior. Não tínhamos uma identidade enquanto escola, não tínhamos um projeto maior que envolvia todas as turmas. Cada um fazia o que queria dentro da sala de aula. Os materiais didáticos eram fartos, e eu percebia muita falta de zelo dos próprios colegas, que não se preocupavam em organizá-los. Nesta época, comprei baús e fechei-os com cadeado dentro da minha sala, para garantir que meus alunos tivessem brinquedos organizados e completos. Ao longo destes quatro anos, trabalhei com as crianças biblioteca circulante, que era um projeto que envolvia os pais, que precisavam aos finais de semana realizar a leitura de um livro escolhido por eles, ajudar a criança a realizar um desenho, e zelar pelos materiais, que precisavam chegar na segunda feira na escola do mesmo jeito que saíram na sexta feira.

Nos anos de 2007 e 2008, fiquei com a mesma turma de alunos, e tive a experiência de dar continuidade aos trabalhos que estava realizando. A grande maioria dos alunos finalizaram o ano alfabetizados, graças ao projeto de culinária que desenvolvemos: neste projeto, as crianças precisavam escolher as receitas, escrevê-las e executá-las. Foi um projeto muito gratificante e gostoso de realizar. Nesta época, iniciei o uso de diário de bordo para registrar as atividades desenvolvidas, assim como meu relacionamento com os alunos. O ato de escrever e ler os registros foram, para mim, atividades que tiveram um caráter formador muito significativo. Esse projeto rendeu muitas atividades que envolveram as famílias, os alunos e professoras de uma turma de Berçário II no CEI, a qual eu lecionava no período da tarde, e que em sua turma haviam irmãos dos alunos que eram da minha turma da EMEI. Realizamos muitas atividades em conjunto com as turmas, nas quais as crianças maiores puderam conviver com as crianças pequenas. Este é o tipo de atividade que é possível somente em espaços integrados como o CEU, no qual temos crianças de diferentes faixas etárias presentes. Uma experiência enriquecedora para todos.

Figura 16 – Projeto de culinária (2009)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

A cada receita que escolhíamos preparar, escrevíamos bilhetes para as famílias, solicitando um pequeno auxílio. O bilhete era produzido inicialmente no papel carbono e impresso no mimeógrafo, depois cada criança foi copiando da lousa. Foi muito gratificante acompanhar a evolução da escrita das crianças.

Lembro que consegui realizar todas as atividades, apesar da gestão pedagógica apresentar muito despreparo: nesta época vivenciei em horário pedagógico a coordenadora abandonando o projeto da escola e realizando a leitura do livro “Quem mexeu no meu queijo”; fazendo declarações do tipo: “se as crianças estão gostando da brincadeira no parque, não há porque sair do espaço” e, com isso, acabando com a organização de horários do uso coletivo do espaço, permitindo o uso concomitante de duas turmas com 35 alunos cada e aumentando a probabilidade de acidentes graves. Era uma gestão pautada no “*laissez faire*”, e seus protagonistas tinham apenas discursos condizentes com a política educacional. Nas reuniões pedagógicas, alguns membros da equipe docente faziam declarações riquíssimas de citações dos autores em voga, no dia-a-dia, o que era observado não correspondia em nada sua fala. A sala dos professores não era um ambiente saudável, muito pelo contrário. Ali eu entendi como era importante uma gestão pedagógica que desse de fato um direcionamento, e senti falta da coordenadora do outro CEU que trabalhou com a equipe a elaboração de portfólios.

Meu trabalho como professora de educação infantil foi pautado na qualidade do ensino

e das experiências, pois, como sou filha da escola pública, queria que os alunos que passassem por mim fossem trabalhados ao longo do tempo para terem acesso a coisas que permitiriam que, no futuro, eles tivessem ferramentas suficientes para conseguir um emprego e terem habilidades socioemocionais para se manterem nele. Além disso, trabalhei o gosto pela cultura: livros, arte visual, música, ampliando o repertório e estimulando-os a continuar buscando apreciar coisas que nem sempre faziam parte do contexto dos quais estavam inseridos.

Já no CEI CEU Pêra Marmelo, permaneci no período de 2007 ao final de 2009, e encontrei uma situação muito mais branda em relação à gestão escolar. O quadro era fixo, não foi alterada a direção e nem a coordenação durante esses anos, mas, nesta época, contaminada pela indignação que vivia no andar de baixo, na EMEI, considerava a gestão demasiadamente permissiva e amável com o quadro docente. Frequentemente tinha embates com a diretora, que considerava boazinha demais, principalmente com as colegas que trabalhavam concomitante, assim como eu, no CEI e na EMEI. Testemunhava diversos comportamentos que, de fato, não colocavam as crianças em primeiro lugar, e estávamos lá por elas. Na época, considerava o fato da amabilidade na relação como se a gestão estivesse fazendo vista grossa e agindo com negligência. Hoje, ao lembrar das situações, vejo que meu julgamento era demasiadamente duro: na verdade, a amabilidade, o respeito, o carinho, devem sim fazer parte da relação entre gestores e equipe docente. Saber ouvir, analisar, respeitar cada um deveria ser a regra e não a exceção. Mas eu estava ali, me sentindo em um campo minado, desconfiando de tudo e de todos.

Figura 17 – Atividades conjuntas com as turmas do CEI e da EMEI (2009)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

Nesta fotografia, é possível ver as crianças do CEI e da EMEI juntas, durante a rotina de hidratação. A coordenadora pedagógica do CEI está na janela observando a atividade desenvolvida. Ela nunca emitiu nenhuma opinião a respeito do trabalho que desenvolvíamos com essas crianças. Hoje, após ter passado pela experiência da coordenação, acredito que, se o trabalho tivesse um acompanhamento, poderia ter um impacto e visibilidade muito maior, inclusive divulgando para a rede municipal como um todo. Uma pena!

Em 2007 a Prefeitura de São Paulo realizou um concurso para o cargo de Coordenador Pedagógico, e, ao contrário das outras vezes, não realizei cursos preparatórios. Quando me dei conta que gabaritei a prova objetiva e fui reprovada na dissertativa, fiquei muito indignada e decidi que era uma questão de honra ser aprovada no próximo concurso. Desde aquele momento, até a prova do concurso seguinte, em 2009, estudava por minha conta diariamente, além de me matricular em dois cursos preparatórios. Durante todo o preparo para a prova, lia os textos e me indignava ainda mais com as situações que me deparava ao longo do dia a dia. Achava que o caminho era só colocar em prática tudo que tinha estudado. Quanta ingenuidade! Para Perrenoud, “na área da educação não se mede o suficiente o desvio astronômico entre o que é prescrito e o que é viável nas condições efetivas do trabalho docente” (Perrenoud, 2008, p. 17); e eu tinha uma visão romântica do poder que cabia ao cargo de coordenador. Os anos de 2010 a 2015 trouxeram um amadurecimento através da dor, e descrevê-los para essa narrativa foi um processo que exigiu um tempo maior do que eu imaginei. De acordo com Abrahão, “os processos autorregulatórios do aprender a ser estão entrelaçados às experiências narrativas e à aprendizagem de cada indivíduo ” (Abrahão, 2016, p. 33). A cada fato relatado, maior foi a certeza de que essa experiência serviu para evidenciar o que estou ou não disposta a enfrentar no âmbito profissional.

Os anos de 2008 e 2009 foram dedicados para, além das turmas que ministrava aulas, estudar para o concurso e planejar meu casamento. Precisava garantir minha aprovação no concurso, pois estava com problemas de voz, adquiri três (3) calos nas cordas vocais e, se continuasse em sala de aula, provavelmente seria readaptada. O desejo de ser aprovada em uma boa classificação se tornou um plano para o futuro, para o qual me dediquei intensamente.

Meu casamento foi agendado com mais de um ano de antecedência. Muita gente, ao saber que tinha interesse em prestar o concurso, brincava: “já pensou se o concurso cair no mesmo fim de semana que o seu casamento? ”. Eu sabia que corria esse risco, mas jamais imaginava que isso de fato ia acontecer. Quando o edital foi publicado, agradei a mim por ter escolhido casar ao meio dia, pois se casasse à noite, não teria tempo hábil para descansar e realizar a prova na manhã seguinte.

Figura 18 – Meu casamento (2009)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

Casei no dia 23/09/2009 no civil, uma sexta feira. Minha festa de casamento iniciou ao meio dia de um sábado ensolarado. Foi uma festa muito planejada e sonhada, tudo aconteceu do jeito que queríamos. Nossa família e amigos relatam que foi uma das cerimônias mais emocionantes que presenciaram. No domingo, às 07h, estava na sala de uma grande faculdade realizando a prova do concurso. Naquela semana, eu fiquei tão nervosa que travei a coluna, de tanta tensão muscular. Tive gastrite, e passei a lua de mel tomando medicamentos para o estômago. Como tudo ocorreu muito próximo, o grau de ansiedade foi quase que incontrolável. E, apesar da coluna travada e do estômago dolorido, tudo saiu muito bem: meu casamento foi lindo, modéstia à parte, e saí da prova do concurso com a certeza que tinha ido muito bem.

Quando a classificação do concurso foi publicada no diário oficial, algumas colegas da EMEI deixaram claro sua indignação, pois não imaginavam que eu “daria conta” de casar e ir bem em uma prova no dia seguinte. A aprovação veio, em 41º lugar. No CEI fui parabenizada pela grande maioria. Hoje, ao escrever esse texto, penso: como eu pude ser tão ingênua! Tudo mostrava que o ambiente naquela EMEI era muito, muito ruim. Não sou uma pessoa de afirmar que a gente só aprende na dor, nem mesmo acredito que estava predestinada a passar por algumas coisas. Prefiro aceitar que o que veio depois foi um misto de estupidez com ingenuidade.

Como estava recém-casada e morando em um novo bairro, pedi remoção para perto de casa, para os dois cargos. Assim, iniciei o ano de 2010 no CEU Jaguaré, trabalhando no CEI pelas manhãs e na EMEI à tarde. A carga de esforço para organizar meu casamento e para

estudar para o concurso tinha sido exaustiva, e eu estava totalmente sem energia. No dia 11 de março, dia do meu aniversário, me dei de presente a exoneração do cargo da EMEI, pois sabia que em muito breve seria convocada para assumir o concurso. E, realmente, no dia 26 de março, recebi a convocação para a nomeação, que ocorreu em 30 de março de 2020. Lembro com muitos detalhes do dia da escolha da escola, encontrei muita gente na porta da COGEP (Coordenadoria de Gestão de Pessoas). Eu fui convocada a escolher no primeiro horário, e fui uma das primeiras a entrar. Na época, foram oferecidas vagas em caráter definitivo e vagas em caráter provisório, e eu sabia que tinha uma vaga definitiva na EMEI CEU Pera Marmelo. Chegou a minha vez e ninguém tinha escolhido, e eu achei que, escolhendo essa vaga, saberia exatamente como agir. Cheguei a comentar com a colega que encontrei na porta: meu desafio será trabalhar as pessoas, os relacionamentos. Saí de lá cheia de sonhos e achando que sabia quais caminhos teria que percorrer.

Cheguei na escola munida dos livros que constavam na bibliografia do concurso. Como já conhecia as pessoas, a rotina, os alunos, acreditava que bastava esse conhecimento e força de vontade para mudar a realidade da escola e fazer ela deslanchar, no âmbito pedagógico. A diretora que assumiu tinha vaga provisória, pois a diretora efetiva estava prestando serviços na diretoria de ensino como supervisora. Uma nova equipe gestora, uma nova chance de fazer as coisas acontecerem. Era o que eu pensava. O que de fato ocorreu foi muito diferente e decepcionante.

A primeira situação desconcertante que passei ao assumir o cargo de coordenador foi com uma colega que, assim como eu, tinha cargos na EMEI e no CEI. Uma vez, ao ver eu falar que estava estudando para o concurso, falou, em tom de ameaça: “já pensou se eu passar nesse concurso e se tornar sua coordenadora? ”. Respondi, na época, no mesmo tom: “já pensou o contrário? ”; e de repente estávamos diante uma da outra, e eu que era, de fato, sua coordenadora. A questão da fala foi o grande problema, porque no pouco tempo que permaneci na escola, a única situação desconfortável que vivenciamos foi a constatação da realidade.

Era próxima de algumas professoras, e, por isso, não tinha meias palavras. Algumas tinham o hábito de ir ao parque em duplas, até mesmo em trios. Conversei durante os horários pedagógicos sobre a importância de respeitar os horários e não amontoar crianças, pois os brinquedos disponíveis tinham sido projetados para crianças maiores, e acidentes poderiam ocorrer. Uma manhã, um aluno caiu do escorregador e teve uma fratura exposta no braço. Apesar de gostar muito da professora do aluno, fui dura com ela, e disse: “eu avisei! ”. Orientei a ATE – Auxiliar Técnico de Educação para acompanhá-la na ambulância até o hospital, enquanto cuidava da documentação na escola e entrava em contato com a família, além de

distribuir os alunos da turma dela em outras salas de aula. Essa situação estremeceu tanto a nossa relação que cortamos laços de amizade.

Como era de se esperar, a equipe de professores não gostou do fato, e como retribuição, combinaram de fazer doação de sangue, todas no mesmo dia. No total, tive que lidar com a ausência de 7 professoras, e, como não podia dispensar as crianças, aloquei-as no teatro do CEU e durante todo o período eles assistiram filmes, pois não tinha equipe suficiente para mantê-los na sala de aula. Éramos apenas eu e mais duas ATE's para dar conta de todas as crianças. Onde estava escrito na bibliografia do concurso que eu passaria por isso? E qual era a forma de lidar com tudo isso?

Somado a esse contexto, a diretora nomeada pouco permanecia na unidade, e trocou a assistente de direção que já estava na unidade antes dela assumir. Sentia que estava lutando sozinha. A gota d'água foi o dia em que sofri uma tentativa de assalto na porta da escola. Fui estacionar o carro, e, saí do veículo para verificar se o carro estava bem estacionado, quando me deparei com um homem vindo na minha direção com arma em punho. Sem pensar, entrei no carro e arranquei. Encontrei uma viatura no caminho, bem próximo da escola, relatei o fato e o indivíduo foi preso em flagrante. Tive que passar o dia na delegacia para fazer o reconhecimento e todos os trâmites. Não me recordo se descobri no mesmo dia, ou no dia seguinte, por meio de uma professora que trabalhava no CEI, que o indivíduo tinha recebido alvará de soltura na semana anterior e que residia na porta da escola. Entrei em pânico. Com muito medo, fui até o CEU, peguei minhas coisas, pedi para agendar uma perícia médica, e nunca mais voltei lá. No dia da perícia, apresentei o boletim de ocorrência para o médico perito, que me afastou por 60 dias. Neste intervalo de tempo, procurei todos os sindicatos que representavam a categoria de professores e gestores e informei que desejava fazer remoção por permuta, um procedimento que ocorre no meio do ano, e que precisa da anuência dos dois diretores. Pedi para colocarem no anúncio que aceitava ir para qualquer escola de São Paulo. Nesta época, foi a primeira vez que busquei ajuda psiquiátrica, que me afastou do trabalho por transtorno do estresse pós-traumático.

Consegui alinhar a remoção por permuta com a colega que encontrei em COGEP no dia da atribuição, a mesma que eu disse que tinha como desafio trabalhar as pessoas e as relações interpessoais. Ela estava trabalhando no Grajaú, e a EMEI que eu tanto queria sair era do lado da casa dela. Foram inúmeras as vezes que ela me perguntou se eu tinha certeza que desejava trocar com ela, pois a escola era muito longe. Era o que eu mais queria naquele momento. E foi assim que eu fui parar no CEI Parque Cocaia.

Este CEI está localizado a cerca de 45 quilômetros de onde eu morava, mas em nenhum

momento eu reclamei da distância, ou de acordar muito cedo para estar na escola às 6:30. Lá encontrei professoras que estavam exaustas de acompanharem gestores indo e vindo; como a escola era de difícil acesso, ninguém efetivo permanecia na gestão. Algumas professoras eram contratadas por emergência, outras estavam lá desde quando os CEI's eram creches e pertenciam à Secretaria de Assistência Social. Fiquei 6 meses nesta escola, e a diretora que me acompanhou foi uma das coordenadoras que passou pela EMEI do CEU Pera Marmelo. Nossa sintonia era muito boa, e aprendi muito com as situações vividas. Assim que cheguei à unidade, minha principal missão era organizar a documentação pedagógica: Projeto Especial de Ação, que era o projeto pedagógico anual que era desenvolvido com as professoras no horário pedagógico, Projeto Político Pedagógico da Unidade, que precisava ser atualizado e ajustado, e as atas dos encontros desenvolvidos nos horários pedagógicos, que estavam por fazer.

Em agosto, tirei alguns dias de férias, e quando voltei me deparei com um pedido inusitado: a diretora tinha se acidentado e precisava fazer uma cirurgia nos joelhos, o que iria afastá-la por um tempo considerável. E ela queria que eu a substituísse. Justo eu, que falava toda hora para ela que o cargo dela era pior ainda que o meu, pois lidava com salários dos funcionários, livro ponto e verba pública. Lembro até hoje a cara de cachorro que caiu da mudança que ela fez para mim, e claro que aceitei substituí-la. Foi um processo gigante de aprendizado e de vivência, com direito a um episódio tragicômico: teve um dia que estávamos com o quadro de professores muito defasado, e todos os funcionários administrativos estavam em sala de aula ajudando a cuidar das crianças, inclusive eu. De repente, o telefone toca e era alguém da diretoria de ensino, exigindo que um relatório de utensílios presentes na cozinha fosse enviado imediatamente. No telefone, eu ouvi: “gabinete está exigindo que isso seja feito agora”, e a minha resposta foi: “gabinete vai esperar, porque agora estou cuidando das crianças, minha prioridade”. Só depois de algumas horas, que fui atrás para saber quem era esse tal de gabinete. A ATE ficou assustadíssima quando contei, pois, para ela, era certo que minha atitude soou como insubordinação. No final, o relatório foi enviado apenas no fim do dia, e eu fiquei de consciência tranquila, pois sabia que as crianças tinham sido atendidas.

Tive que enfrentar outras burocracias, relacionadas a um furto que a escola sofreu. Em um fim de semana, invadiram a escola pelo telhado e roubaram 15 quilos de frango. O fato se tornou um processo administrativo e criminal, do qual tive que ir diversas vezes na delegacia de polícia depor e na diretoria de ensino buscar ajuda da supervisão. A supervisora foi muito amável e solícita, com ela aprendi muito sobre como funciona cada processo administrativo dentro da prefeitura. Uma mulher incrível, trabalhadora, inteligente e inspiradora: assim descrevo essa supervisora de ensino.

Também cuidei da atribuição dos professores para o ano seguinte, e, ao conferir a classificação e pontuação de cada professor, encontrei diversos erros. Chamei uma a uma, ensinei a calcular seus pontos, a entender a classificação; usei o horário pedagógico para dar uma aula sobre como funciona esse processo detalhadamente, e, principalmente, falei da responsabilidade de cada uma em cuidar da própria vida funcional e de seus números.

Outro aprendizado gigante que tive neste CEI foi com um Agente de Apoio, funcionário administrativo da escola que cuidava da vigilância. Ele estava na escola há muitos anos, e, em uma tarde, desmaiou no pátio, bem na hora do jantar dos bebês. Ele bateu a cabeça em uma quina e caiu convulsionando, em seguida ficou inconsciente. Eu tinha experiência em lidar com este tipo de situação, pois meu avô era epilético e passei a infância e a adolescência toda socorrendo ele. O mais triste foi que, embora tenhamos aberto diversos protocolos, nem o SAMU – Serviço de Atendimento Móvel de Urgência, nem os bombeiros fizeram o socorro. O funcionário foi transportado de maneira completamente inadequada em uma viatura policial, acompanhado de seus familiares. Ele ficou internado por 15 dias no Hospital do Campo Limpo, e, quando retornou para a unidade, tive que solicitar sua avaliação de capacidade laborativa, pois sabia que ele enfrentava questões relacionadas à dependência química. O departamento médico emitiu um laudo informando que ele não estava apto para trabalhar e fez seu afastamento, o que ocasionou diminuição em seu salário, que era composto por salário base e gratificações. Diversos funcionários da escola me acusaram de ser cruel com ele e prejudicá-lo, no entanto, eu tinha plena consciência de que estava fazendo o certo para ele e para a escola.

Logo em seguida a diretora retornou para suas atividades e voltei a responder apenas às atividades da coordenação. Não localizei nenhuma foto dessa escola, nada que retratasse essa época, e ao procurar, me dei quanta de quanto tempo já se passou. Mantenho contato com algumas pessoas que trabalharam comigo na época pelas redes sociais, e minha relação de amizade mais próxima é com a diretora, nos encontramos ocasionalmente para colocar o papo em dia.

Logo também saiu o resultado do concurso de remoção, e consegui remoção para uma escola na Vila Sônia, a EMEF Theodomiro Dias. Nunca havia trabalhado em uma EMEF, seria uma experiência totalmente nova. No dia em que me apresentei na escola, fui recepcionada pela diretora, que, ao me olhar, afirmou: “você é novinha! ”. A escola era enorme, tinha três andares, funcionava em três turnos e atendia alunos do Ensino Fundamental I e II nas modalidades regular e EJA. A equipe gestora era composta pela diretora, que já estava há alguns anos na unidade, por uma assistente de direção que acompanhava essa diretora onde ela fosse e uma assistente que estava chegando junto comigo, além de uma coordenadora designada que fazia

parte da equipe docente da escola. Optei por trabalhar no período tarde e noite, e ficar responsável pela equipe de professores que atuavam no Ensino Fundamental I e na EJA. Logo nos primeiros encontros pedagógicos da JEIF e do PEA, uma professora que estava na unidade há muitos anos afirmou: “Aqui todos os coordenadores choram!”, e já entendi que iria enfrentar diversos embates. Logo ao solicitar o plano de ensino de cada professor, enfrentei resistência do professor de Artes, que não entregou absolutamente nada; e ao informá-lo que faria uma advertência por diário oficial, o mesmo se recusou a assiná-la. Este era o cenário que permeava a rotina dos professores que trabalhavam no turno da noite. Quanto às professoras que trabalhavam com o Ensino Fundamental I, tive alguns conflitos com apenas duas professoras, uma que apresentava um comportamento displicente com a turma de alunos e outra que, sinceramente, acho que não sabia como conduzir seu trabalho, pois nem corrigir sozinha a Provinha Brasil ela conseguia, precisava de gabarito cedido pelas colegas. As demais, realizavam um excelente trabalho, impecável! Até hoje tenho contato com algumas professoras, que se tornaram minhas clientes de maquiagem.

Neste ano, tínhamos acabado de comprar um apartamento novo e estávamos reformando-o, e o desejo de ter filhos era grande. Começamos a tentar sem nenhum tratamento, e um dia acordei com uma dor tão grande que não conseguia me movimentar sozinha, e com um grande inchaço na pelve. Chegando ao hospital, soube que estava com hemorragia interna, pois meu ovário direito tinha rompido. O médico informou que, caso a hemorragia não diminuísse, seria necessário realizar cirurgia aberta para contê-la. Fiquei 7 dias internada, e não precisei de cirurgia. Saí do hospital com diversas guias de exames para verificar como estava o quadro de endometriose. Sentia diariamente dores incapacitantes, que nem consigo descrever. Fiquei durante os meses de abril, maio e junho afastada do trabalho, realizando exames e buscando médicos especialistas em endometriose para realizar a cirurgia, que aconteceu no dia 28 de junho de 2011. Foi uma cirurgia utilizando o método de laparoscopia, porém sua extensão foi de grande porte: removi parte dos dois ovários, ureter, bexiga, todo o ligamento da hérnia inguinal, o apêndice e 20 centímetros de intestino. Permaneci 7 dias internada e mais 60 dias de licença médica para me recuperar totalmente. A recuperação da cirurgia foi horrível, fiquei 20 dias sem poder comer nada sólido, apenas com dieta líquida e no fim desse período a dieta pastosa foi liberada. Um verdadeiro teste de resistência.

Ao retornar para a unidade, tive um grande embate com a assistente de direção mais antiga, que afirmou que a doença que tive era falta de Deus na minha vida. Mais uma vez, procurei a direção e informei que isso era assédio e que iria ingressar com ação judicial e queria que ela cuidasse dos papéis para os trâmites do processo no âmbito administrativo. Dias depois

essa mesma assistente veio me pedir perdão, dizendo que era cristã e que jamais quis me ofender, tentando me convencer a não ingressar de fato com os processos. No contexto em que estava, arcar com custos de uma ação judicial só me prejudicaria, pois, a cirurgia que realizei não foi coberta totalmente pelo convênio e tivemos que pagar R\$36.000,00 em honorários médicos, e recebemos do convênio o reembolso de apenas R\$3.600,00. Como a diretora não se mostrou disposta a me ajudar a levar em caráter administrativo, decidi simplesmente trocar o horário de trabalho no ano seguinte e, assim, evitar contato com essa assistente.

Em relação ao trabalho pedagógico, devido ao período em que estive ausente, não consegui desenvolver nada em especial. Observava que a escola tinha uma rotina de encerrar as atividades antes do horário oficial, nunca os alunos da EJA tinham a última aula, sempre eram dispensados antes. Tivemos um episódio no qual uma professora foi assaltada à mão armada ao abrir o portão do estacionamento, o que intensificou nosso receio de permanecer até às 23h horas na escola, sendo a Diretora e eu, como Coordenadora, duas mulheres responsáveis pelo fechamento de uma escola enorme, junto com duas ATE's também mulheres.

Minha relação com os alunos do Ensino Fundamental I era muito afetuosa, sentia muita saudade de conviver com crianças pequenas, e a turma das crianças do 1º ano, com 6 anos de idade, eram meu xodó. Uma aluna, em específico, lembro com um carinho enorme: ela era pequenina e engraçadinha; um dia chegou na escola reclamando de muita dor abdominal, e quando levantamos sua camiseta, estava com uma hérnia umbilical enorme. Imediatamente tentamos contato com a família e chamamos o SAMU. Como ninguém da família respondeu, fui com ela de ambulância até o Hospital da USP, que era perto da unidade, ela passou por ultrassom, exames, recebeu medicação para tomar em casa e orientações. Retornamos à unidade e nada da família retornar os chamados da escola. Não autorizei a saída dela com o transporte escolar e solicitei que o condutor do transporte orientasse a mãe a ir pessoalmente buscar a filha na escola para conversarmos. Quando ela chegou, demonstrou pouca importância ao estado de saúde da filha, que inclusive estava com escabiose, respondendo que não tinha tempo para dedicar mais cuidados à filha. Em nenhum momento, o tom da conversa foi de acusação, mas a mãe ficou o tempo todo se justificando. Senti um aperto grande no peito, pois estava tentando engravidar, tive que passar por uma baita cirurgia e estava diante de uma pessoa que não tinha dimensão de que ter uma criança como sua filha era um desejo de muitos que não podiam. Depois desse dia, todo dia que ia cumprimentar as professoras, no início do meu turno de trabalho, essa garotinha grudava em mim e me dava muito carinho. Lembro que comentei com minhas colegas de trabalho que a minha vontade era pedir para ficar com ela, mesmo sabendo o tamanho da loucura que isso seria.

Teve um período em que os professores aderiram à greve e, neste momento, para não dispensar os alunos, assumi as aulas da turma correspondente ao Ensino Fundamental I. Estes alunos já chegavam exaustos para a aula, depois de um dia de trabalho e de transporte público; chegar na escola depois de tanto esforço e não encontrar nenhum professor para dar aulas colocava-me como gestora em uma situação muito delicada. Ao assumir essas aulas, percebi o quanto de dificuldade estes alunos enfrentavam para realizar atividades simples de leitura e de cálculo, a defasagem era enorme, e com isso, o desinteresse também era grande. Trabalhar com EJA é um desafio enorme!

No ano seguinte, passei a coordenar a equipe de professores responsáveis pelo Ensino Fundamental II, e embora conhecesse alguns que atuavam também na EJA, tudo era muito diferente: no horário da entrada dos alunos, eu e a assistente de direção que ingressou na unidade junto comigo, precisávamos ficar na porta praticamente implorando para os alunos entrarem na escola e vestirem o uniforme. Na frente da escola, há uma praça enorme, com quadra poliesportiva, e os alunos ali ficavam aguardando a gente chamar sua atenção. As ocorrências envolvendo traquinagem eram muitas, e em alguns momentos eu ria muito junto com eles, porque também aprontei algumas coisas quando tinha essa idade: no dia em que eles fizeram guerra de corretivo no corredor, todos os funcionários ficaram “pintados”, pois voou tinta para tudo quanto era lado; um dia meia dúzia de alunos rabiscaram os degraus da quadra e adoraram “matar aula” para limpar com bucha e sabão sua “arte”. Mas tínhamos em conjunto situações bem mais delicadas, envolvendo agressividade entre alunos. Não foram poucas as vezes que tivemos que acionar a GCM – Guarda Civil Metropolitana para ajudar a conter a situação.

Trabalhei em sintonia fina com a assistente de direção, éramos um time! No entanto, as ocorrências eram tantas, que o horário previsto para o desenvolvimento do PEA era o momento dos professores se queixarem do que passavam em sala de aula. Juntas, tentávamos minimizar a situação, realizando mediação de conflitos entre alunos e professores, registrando ocorrências, convocando as famílias para conversar. Todos os dias, diversos alunos eram encaminhados para que a gente conversasse e orientasse. No entanto, não tínhamos apoio da supervisão para resolver os casos mais críticos: tínhamos alguns alunos que por mais que conversássemos com eles ou com as famílias, nada era resolvido. Quando sugeri que realizássemos troca de alunos entre escolas da mesma região, fui fortemente criticada pela supervisão, que inclusive ameaçou me advertir por diário oficial pelo fato de soltar uns palavrões em nossa reunião. A escola, sozinha, não tem autonomia para tomar decisões em casos mais graves, ela precisa de ajuda da supervisão e da diretoria de ensino.

Durante o primeiro semestre, essa foi a realidade vivida: todo dia diversas ocorrências,

muitas conversas e reclamações por todos os lados, e poucos avanços com meia dúzia de alunos que aterrorizavam a todos. No início de agosto, um professor teve uma discussão feia com um desses alunos que acumulavam reclamações, expulsou-o de sua sala e criou uma situação bem conflituosa envolvendo a mim, a ATE e demais funcionários. Naquele dia, solicitei a presença da GCM na porta da escola na hora da saída, de forma a evitar uma situação pior de conflito entre esse professor e o aluno, e este professor decidiu lavrar um boletim de ocorrência. O problema foi que neste documento ele afirmou que eu era testemunha que o aluno tinha falado que mataria o professor. A dimensão tornou-se maior ainda quando procuramos a diretoria de ensino e esta situação se tornou um inquérito administrativo, acusando eu e a diretora de assédio moral contra este professor.

O nível de estresse foi tão grande, que voltei a ter cólicas incapacitantes e tirei licença médica, pois a exposição ao estresse pode piorar a endometriose. Isso porque tinha passado pela cirurgia no ano anterior, realizado um tratamento pesado com hormônios para bloqueio da hipófise. No período em que estive afastada, procurei colegas que trabalharam comigo na diretoria de ensino da Capela do Socorro, enquanto estava no CEI, e fui convidada para fazer parte da diretoria pedagógica. Ao solicitar anuência e liberação da diretoria do Butantã para exercer a função, ela me foi negada, alegando que a escola precisava de mim. Depois deste episódio, retornei ao trabalho e fui recebida como uma pessoa não quista pelo grupo de professores, que se sentiram mal ao saberem que havia tentado buscar outros caminhos. Fiquei apenas uma semana na escola até tirar outra licença médica, que perdurou até o início do ano seguinte. Durante minha licença médica, fui diversas vezes convidada a participar de oitivas referentes ao processo de assédio moral, no entanto, como estava afastada, não podiam me convocar. Me senti aliviada por não precisar participar de nenhuma oitiva, sentia que o mundo estava caindo sobre mim. Para o concurso de remoção, indiquei todas as escolas possíveis, de forma a garantir que sairia daquela EMEF. Não tinha como desenvolver mais nenhum trabalho lá, depois dos últimos episódios. Estava com o “filme queimado”.

Dessa escola, não guardo nenhuma fotografia. Simplesmente não fazia questão de registrar as atividades, os encontros na sala dos professores, nada. Reconheço que não sinto falta, embora tenha passado alguns momentos agradáveis e desenvolvido amizades.

Consegui me remover para uma EMEBS, em Pirituba, bem próxima à casa da minha mãe. A EMEBS é uma escola municipal de educação bilíngue para surdos, e o trabalho que lá é desenvolvido é muito diferente de tudo que já tinha vivenciado. O principal idioma é a LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais, e o segundo é o português na modalidade escrita.

Ao se apresentar na escola, constatei que ela atendia pouquíssimos alunos, na época

cerca de 100, divididos em três períodos, e contava com um quadro de professores bem experiente e robusto, o diretor e diversos professores estavam na escola desde sua inauguração. Ali, senti que meu papel como coordenadora deveria ser o de facilitadora, pois não tinha como ensinar o padre a rezar a missa. A realidade que tive ao longo do período em que permaneci lá começou bem diferente do que tinha vivido na EMEF. No ano de 2023, fui acolhida e cuidada pela maioria das pessoas que ali estavam no período em que realizei uma fertilização in vitro. Foi um período que me demandou muitas consultas médicas, exames de ultrassom a cada dois dias, muitos medicamentos. O pessoal cuidava da minha alimentação, pedia para usar o elevador em vez das escadas, estavam na torcida para que tudo desse certo.

Figura 19 – Fertilização in vitro (2013)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

Tiramos essa fotografia momentos antes de eu ser anestesiada para a colocação de três (3) embriões. Fizemos tudo que estava sob nosso alcance: repouso, alimentação, controle do estresse. Quando o resultado foi negativo, o sentimento de luto foi tomado por todos que participaram desse momento, e fui muito acolhida nesse momento de tristeza.

Permaneci na EMEBS até dia 19 de novembro de 2015, data da minha exoneração. Nos anos de 2013 e 2014, trabalhei no horário noturno e era responsável por coordenar a equipe de professores do Ensino Fundamental I e da EJA, e gerenciar o segundo período de JEIF,

composto por poucos professores, assim como era na EMEF – a grande maioria dos professores prefere realizar esta atividade no primeiro período, que corresponde ao horário das 12h às 13:20. Nas duas escolas, o projeto era o mesmo para ambos os períodos, mas a forma como realizávamos as atividades era completamente diferente, cada coordenadora dava o seu tom, o seu jeito nas atividades. E, no ano de 2014, tivemos um concurso para Professor de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na rede municipal. Todas as professoras que participavam da JEIF no meu horário desejavam prestar o concurso para dobrar período, então, reservamos o horário da JEIF para estudarmos juntas. Isso gerou burburinhos na escola, mas mesmo assim, dei continuidade a esta atividade. Todas as professoras, inclusive eu, fomos aprovadas neste concurso. Naquela escola, tive a oportunidade de atualizar o projeto da escola, incluindo novas informações documentais, análises numéricas, e também pude conhecer a história de cada aluno, lendo cada prontuário e observando o trabalho desenvolvido.

Figura 20 – Festa Junina EMEBS Prof.^a Vera Lucia Aparecida Ribeiro (2013)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

Nas festas promovidas pela EMEBS, sempre contávamos com a presença de ex-alunos e familiares; a comunidade surda é muito atuante, unida e festeira. Eles gostam muito de festas tradicionais, como a Festa Junina, e participam das atividades de dança e música ativamente. Em todas as festas que presenciei, eles não queriam ir embora, quando o evento estava prestes a acabar. Eles têm uma relação de muito afeto pela escola e pela equipe escolar, muito bonita de se ver.

Figura 21 – Formatura dos alunos do 9º ano (2013)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

No ano de 2013, formamos algumas turmas de 9º ano do Ensino Fundamental. Para realizar a cerimônia de formatura, reservamos o teatro do CEU Vila Atlântica. Foi um dia que trabalhei em duas frentes: como Coordenadora Pedagógica e como maquiadora, pois presenteei todas as alunas com a maquiagem para o evento. A Bruna, minha parceira de trabalho, e mais duas colegas, me ajudaram a cuidar de todas as meninas, antes do evento começar. Foi muito gratificante realizar essa ação, com meninas que não tinham acesso a recursos para uma produção elaborada, e que desejavam realçar a beleza para registrar esse momento tão importante da vida delas.

No meio do ano de 2014, tivemos a notícia que a oferta da EJA seria descontinuada, pois não tínhamos alunos suficientes para manter o período noturno em funcionamento. A partir desta informação, tomei ciência que em muito breve a escola não teria quantidade de salas de aula em funcionamento para manter duas coordenadoras no quadro da equipe gestora. Como eu era a mais nova de casa e de cargo, seria o meu cargo que ficaria à disposição. Por esta razão, participei do concurso de remoção, mas não consegui nenhuma vaga. Para o ano de 2015, ainda tinha salas de aula o suficiente para permanecer na escola, mas sabia que meus dias por lá estavam contados.

Muito se falava pelos corredores e nas reuniões de gestão da Diretoria de Ensino sobre a fama do diretor da escola, mas tínhamos um relacionamento bom na maior parte do tempo. Lembro que no dia que me apresentei na escola, ele comentou que já tinha ouvido falar algumas

coisas sobre meu trabalho, e imediatamente, respondi que ele teria a oportunidade de vivenciar trabalhar comigo e tirar suas próprias conclusões. E, realmente, durante o tempo que trabalhamos juntos, tivemos uma boa sintonia, e nutrimos uma amizade. Em alguns momentos, tínhamos discussões, mas nunca nos desrespeitamos ou desvalorizamos nosso trabalho individual e coletivo. Acredito que isso tenha incomodado algumas pessoas, pois um dia cheguei do trabalho e meu marido relatou que recebeu uma ligação anônima no telefone fixo de casa informando que eu estava tendo um caso extraconjugal com o diretor. A pessoa que se dispôs a fazer isso não parou para pensar que a amizade nutrida incluía os familiares, e alguns finais de semana de convivência juntos. Fiquei indignada, pois como não encontraram nenhum “defeito” no meu trabalho, se dispuseram a tentar prejudicar meu casamento. Pouco tempo após essa situação extremamente desconfortável, o diretor me procurou questionando o fato de eu não ter fluência em LIBRAS. Pronto! Acharam o “defeito” e colocaram-no para “fazer seu trabalho” e me chamar a atenção. Neste momento, respondi a ele que não havia nenhuma reclamação de aluno, nem de pais ou de professores quanto a não fluência, afinal, tínhamos intérprete à disposição, e era o trabalho dele fazer a intermediação. Além disso, a não fluência não me impediu de realizar todas as atividades inerentes ao meu cargo, não tinha absolutamente nada pendente. Finalizei a conversa pedindo para ele informar à pessoa que o “envenenou” que eu iria participar do concurso de remoção. Depois desse episódio, passei a me sentir completamente sem rumo, porque o ambiente já estava diferente, a convivência com as pessoas tinha mudado e eu sentia como se meus esforços não fossem suficientes para mudar a realidade. Em alguns dias, cheguei até a porta da escola e não tive coragem de entrar com o carro, uma vez que consegui forças para entrar, não cheguei a ficar nem 10 minutos e fui embora. Acumulei diversas faltas injustificadas, e arqueei com a perda financeira. Definitivamente, eu não queria mais estar lá. Hoje, eu sei que tudo que senti tem nome: síndrome de *burnout*.

De acordo com o site do Ministério da Saúde:

Síndrome de *Burnout* ou Síndrome do Esgotamento Profissional é um distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico resultante de situações de trabalho desgastante, que demandam muita competitividade ou responsabilidade. A principal causa da doença é justamente o excesso de trabalho. Esta síndrome é comum em profissionais que atuam diariamente sob pressão e com responsabilidades constantes, como médicos, enfermeiros, professores, policiais, jornalistas, dentre outros (Brasil, 2024)

Pensar que em muito pouco tempo, meu destino era outra escola, e não sabia se encontraria um ambiente minimamente amistoso para trabalhar, ou outra situação tão desagradável quanto as que eu tinha vivido até o momento me gerou uma ansiedade muito grande. Eu não me sentia capaz de começar tudo de novo. Mas, fui vivendo um dia de cada vez e aguardando o resultado do concurso de remoção. Quando o resultado da remoção saiu, e eu não consegui vaga em nenhuma outra escola, a secretária veio me relatar o fato com tom de deboche e eu devolvi à altura: disse a ela que ela poderia pegar uma faca descartável, daquelas que vêm na embalagem de bolo pronto, e tentar cortar os pulsos. Afinal, tínhamos mais um ano de convivência. O meu nível de cordialidade, de alegria em estar ali já tinha se esgotado totalmente.

Logo após o início do ano letivo, depois de organizar os horários de aula dos professores, me vi em uma situação que não tinha mais vontade de trabalhar, e já pensava em exonerar o cargo. Eu queria me livrar de tudo que tinha vivido. Quando comentei com meu esposo e com minha família, todos achavam que eu havia enlouquecido. Os últimos dias que fui trabalhar foram penosos, exaustivos, eu queria estar em qualquer lugar, menos na escola. Tinha adotado um cachorrinho no fim do ano de 2014, e só pensava nele em casa sozinho, enquanto eu estava lá na escola. O diretor estava de licença médica, e, com sua ausência, percebi um movimento diferente dentro da escola: eu já estava no mesmo horário que a outra coordenadora, cuidando das mesmas atividades, a assistente de direção que estava no controle das atividades, junto com a secretária, e percebi que estava sobrando ali.

Por sugestão do diretor e da minha família, fiquei um período de licença médica para avaliar com calma este passo. Na época, pensava que tirar essa licença médica tinha uma justificativa pífia, hoje percebo que a síndrome de *burnout* é uma doença, e que o afastamento realmente é necessário. Permaneci de licença do começo de abril até o dia 19 de novembro, data da minha exoneração. Eu tinha neste dia um agendamento no departamento médico com a psiquiatra perita, responsável por avaliar casos de licença médica com duração longa, que era o meu caso. Só de pensar que eu poderia ser avaliada como apta para retornar ao trabalho, me dava arrepios. Decidi levar o formulário de exoneração a pedido preenchido de casa, e cheguei na escola pedindo apenas para protocolar, sem realizar perguntas. Não estava disposta a justificar a minha resposta para ninguém. Só queria me livrar de uma situação que me fazia muito mal. Tive apoio tanto da psicóloga quanto da psiquiatra que me acompanhavam, pois, nossa análise concluía que o ambiente que vivia na Prefeitura realmente não me fazia bem. Hoje, quase 10 anos após essa tomada de decisão, não me arrependo. Meu entendimento é que a cultura institucional da Prefeitura contribui muito para que situações como a que eu vivi

aconteçam. Não existe nenhum tipo de treinamento, campanha de conscientização ou outra ação que motive o servidor público a não praticar nenhum tipo de assédio. Algumas pessoas conseguem viver em ambientes assim sem prejuízos, mas este não é o meu caso, eu preciso de um ambiente acolhedor para desenvolver minhas atividades. Por muitas vezes questionei se o problema estava comigo, se era “coisa da minha cabeça”, se eu que buscava problemas e “atraía” situações de assédio. Mas, olhando para o passado, não tive nenhum tipo de problema sequer parecido nas outras experiências profissionais, e também não sofria situações como essa nas atividades que desenvolvia em paralelo. Além disso, sempre fiz psicoterapia e fazia acompanhamento psiquiátrico desde que iniciei no cargo de Coordenadora, após a situação do assalto na porta da escola. Eu me cuidei para evitar as situações que estavam dentro do meu escopo.

Percebi que em nenhuma das escolas nas quais eu exerci o cargo de coordenadora, me senti genuinamente parte do grupo, era apenas tolerada, jamais integrante de fato. E, para mim, o sentimento de pertencimento é extremamente importante, é o que faz a gente “segurar o tranco” quando surgem as adversidades. Como sentir falta de algo que você não fazia parte, não era de fato aceita, acolhida? Creio que as atribuições do cargo e a forma como ele é empossado geram essa repulsa no grupo, essa aceitação compulsória. Mas não apenas isso: o fato de eu ser jovem (assumi o cargo efetivo com 28 anos), de ter experiência docente apenas na educação infantil, a ausência de ferramentas de inteligência emocional e de gestão de pessoas também contribuíram para esse quadro. Somando a minha inquietude e o desejo de atuar em outras áreas, a competitividade feminina e o meu jeito de ser que combina sarcasmo com comédia, não tem como o resultado ser diferente. O único sentimento bom desta época é quando me lembro das crianças e do contato carinhoso que tinha com elas.

4.4 As vendas diretas e as primeiras experiências como empreendedora

Meu pai é minha maior inspiração quando penso no empreendedorismo. Ele obteve formação técnica profissional de nível médio antes de empreender, e trabalhou em grandes empresas, tais como Ofner e Tostines. Após participar de uma greve e ser demitido, passou a empreender, abrindo uma serralheria, que funcionou por cerca de 12 anos. Recebeu um convite de sua irmã para auxiliá-la na condução de uma empresa de reciclagem de plástico em Araranguá, Santa Catarina, sua terra natal, atividade que conduziu até o fim de sua vida em agosto de 2023. Acompanhar a trajetória empreendedora do meu pai fez com que eu desenvolvesse uma visão clara de que não existia nenhuma fórmula mágica de sucesso e

nenhum glamour em ser empresário; e que era necessário acompanhar todas as atividades de perto, colocar a mão na massa e ter muita humildade para solicitar ajuda especializada, principalmente nos campos jurídicos, contábeis, financeiros e de recursos humanos.

Figura 22 – Fábrica de reciclagem de plástico do meu pai (2007)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

A estrutura física da fábrica do meu pai contava com um total de três (3) galpões, nos quais se realizava todo o processo de reciclagem de dois tipos de plástico: o polietileno e o polipropileno. Desde a separação dos materiais, limpeza e reprocessamento, no qual o plástico é moído em flocos e extrusado em grânulos, já coloridos. Nos últimos tempos, após uma crise financeira, o número de funcionários diminuiu consideravelmente, mas quando meu pai faleceu, em 2023, o quadro era composto por aproximadamente 60 funcionários. Era uma empresa grande, com muitos processos e muitas famílias envolvidas. Após o falecimento do meu pai, a minha madrastra deu continuidade ao trabalho.

Em paralelo com a docência, atuei com vendas diretas de cosméticos. Iniciei representando a Natura, na qual realizei apenas as vendas de produtos. Foi minha primeira experiência como empreendedora, que me auxiliou a ter visão acerca de conceitos relacionados a lucros, despesas, planejamento de vendas, técnicas de vendas e atendimento ao cliente.

Iniciei esta atividade vendendo para um senhor, pegava os produtos com ele e revendia para as colegas, por uma porcentagem minúscula. Quando percebi que tinha uma demanda considerável, realizei meu cadastro na empresa e passei a vender bastante. Durante o período

em que estive em contato com a revenda, me apaixonei pela empresa e busquei informações sobre como me tornar uma Gerente de Vendas, pois atuei com vendas na época em que trabalhei no CNA e gostaria muito de ter um cargo com mais responsabilidade em uma empresa como a Natura. Cheguei a me candidatar em algumas vagas, mas não cheguei a fazer entrevistas ou dinâmicas destes processos seletivos. Realizava as vendas para colegas de trabalho, amigos e algumas indicações, e o volume de vendas era considerável.

Figura 23 – Reconhecimento Destaques Natura (2009)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

No fim de 2009 participei do evento de reconhecimento Destaques Natura 2009, no qual fui presentada com um perfume exclusivo e participei de um jantar com o diretor da empresa. Lembro que não estava preparada para a palestra do diretor, e acabei anotando em guardanapos tudo que ele falava. Na mesa onde eu estava sentada, era a única que, de fato, prestava atenção naquelas palavras tão importantes, relacionadas ao contexto da empresa, momento de mercado e expectativas para o ano seguinte. Foi a primeira vez que vivenciei este tipo de experiência.

Atuei na venda direta desta empresa durante cerca de 5 anos, quando decidi migrar para uma empresa americana, a Mary Kay, que oferecia além dos ganhos em comissão, a possibilidade de formar equipe e receber uma quantia em dinheiro como bonificação sobre as vendas realizadas pela equipe, o que muito me interessou, pois nutria a frustração de não ter passado pela vivência de gerente de vendas na Natura. Quando ingressei na empresa, pensava inicialmente na revenda dos produtos, por conta do contexto que vivia na EMEF e do meu estado de saúde. Porém, em junho de 2011, ao realizar a cirurgia de endometriose e arcar com

os honorários médicos, que custaram 36 mil reais e fizeram meu esposo vender seu carro para custeá-los, comecei a considerar mais urgente a possibilidade de gerenciar uma equipe.

Figura 24 – Retiro de Consultoras (2011)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

No período em que estava de licença médica para me recuperar da cirurgia, fui convidada pela minha diretora de vendas para participar de um evento no interior, um retiro de consultoras, com duração de três dias. Estava vivendo um momento em que me sentia muito frágil, e participar deste evento no qual as consultoras compartilhavam suas histórias, eram aplaudidas pelas suas conquistas, me fez muito bem. Me senti acolhida e pertencente a um grupo. Hoje, ao ver as fotos destes dias, percebo que construí amizades que permanecem até hoje.

Logo após este evento, tive uma reunião com a diretora de vendas, que conversou comigo sobre a possibilidade de aumentar meus ganhos tornando-me diretora de vendas independente, o que me interessou bastante, devido às recentes despesas com a minha cirurgia. O processo para a construção da minha equipe durou exatos um ano, contados a partir da data da realização da cirurgia, uma meta estabelecida por mim, como forma de aumentar meus ganhos financeiros e poder custear um novo carro para o meu esposo.

No começo do ano de 2012, a Mary Kay, em seu Seminário de Vendas, reconheceu a equipe de vendas da minha diretora como a número um do Brasil em volume de vendas, o que serviu de combustível para que eu cumprisse a meta de um ano que estabeleci. Nas reuniões semanais para treinamento, que ocorriam às segundas-feiras, o tema mais trabalhado era

convidar pessoas para fazer parte desta equipe campeã. Usávamos como chamariz aulas de cuidados com a pele e aulas de auto maquiagem gratuitas, nas quais as convidadas podiam conhecer os produtos e um pouco sobre a empresa. Esta estratégia funcionou muito bem, principalmente porque a diretora aproveitava essas reuniões para realizar os reconhecimentos semanais da equipe.

A empresa sempre estimulou a força de vendas através de reconhecimentos, tanto voltados a volume de vendas quanto à formação de equipe. Mary Kay Ash, fundadora da empresa, criou uma metodologia de vendas que foi estudada e replicada em vários outros negócios e publicada em dois livros: *Milagres que Acontecem* e *Mary Kay on People Management*. Muito do que foi falado nesses dois livros é possível aplicar a qualquer venda de negócios e serviços, tais como: ensinar a cliente a utilizar da forma correta os produtos, realizar a demonstração na qual ela faça a auto aplicação, entrar em contato com a cliente após dois dias para verificar se restou alguma dúvida a respeito do uso do produto, contatar novamente após 15 dias para perguntar se a cliente está satisfeita com os primeiros resultados, e, por último, após dois meses para verificar se a cliente já precisa repor o produto. O aprendizado gerado por vivenciar essa cultura ao longo de 8 anos foi fundamental para a manutenção e a obtenção de novos clientes em meus negócios.

Os materiais de estudo eram vastos, incluíam livros, vídeos, reuniões presenciais, folhetos, eventos diversos. Não havia como não se familiarizar com a filosofia e técnicas para desenvolver o trabalho; tínhamos uma padronização, uma forma de agir que incluía inclusive o vestuário. Tínhamos como uniforme lenços, blazers, vestido. Fazer parte da força de vendas era como mergulhar neste universo. Este contexto, aliado à escrita delicada, estimulante, da fundadora da empresa, faziam com que eu me sentisse no lugar certo, encaixada; muito diferente de como me sentia na escola. Muito do que estava nos livros escritos pela fundadora me auxiliavam nos momentos em que estava com o emocional muito fragilizado. Em seu livro, Mary Kay relata: “quando era criança mamãe sempre me dizia: ‘Tudo o que todos podem fazer, você é capaz de fazer melhor!’ Após ouvir isso por suficientes vezes, convenci-me de que eu podia fazer melhor” (Ash, 2015, p. 10). Essa era a cultura da empresa, composta por uma competitividade na qual aplaudíamos a todos que conseguiam bons resultados, e buscávamos superar aqueles números.

Figura 25 – Reconhecimento como Diretora em Qualificação (2012)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

Na época, poucas pessoas sabiam que estava no processo de qualificação, no qual tinha metas de vendas e de inclusão de membros na minha equipe. Tinha muito receio de não atingir os números estabelecidos, mas como minha diretora também estava em qualificação para se tornar uma diretora nacional de vendas, o mais alto patamar na carreira independente, me ajudou a cadastrar as consultoras que faltavam para que eu alcançasse a meta. Ali, embora tivesse a consciência de que os números eram “manipulados”, o fato de fazer parte de um grupo, que se ajudava para atingir objetivos em comum, falou muito mais alto. Em agosto, estávamos novamente em um retiro de vendas, e desta vez, estava como Diretora de Vendas formada.

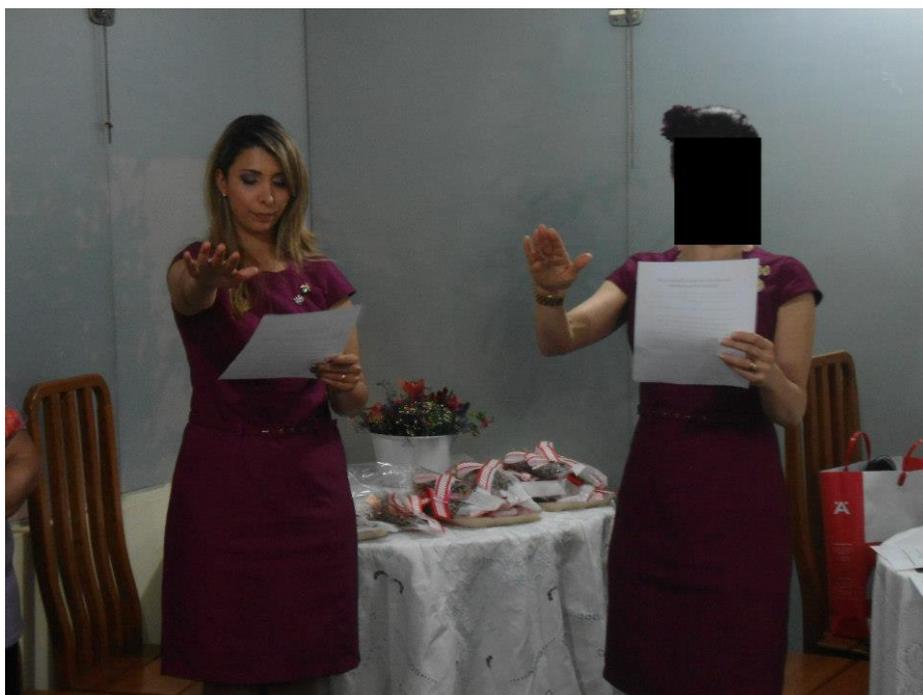
Naquele momento, compreendi também que precisava trabalhar arduamente para obter a quantidade de consultoras cadastradas e trabalhando na equipe, pois, ao longo do caminho, as pessoas tomavam decisões pessoais e deixavam de se dedicar à atividade. E haviam muitas metas estabelecidas pela empresa para se manter na função de diretora, assim como diversos desafios e reconhecimentos para quem desejava crescer dentro da carreira independente da empresa. O trabalho como diretora de vendas previa ações semanais, diárias e mensais: diariamente entrava em contato com as consultoras com alguma mensagem motivacional, muitas vezes por e-mail. Semanalmente, realizava a reunião de unidade, na qual dava treinamentos diversos sobre produtos, técnicas de vendas, explicava detalhadamente o plano de carreira; também entrava em contato com as consultoras para realizar o planejamento semanal de vendas e de metas de cada uma. Mensalmente, organizava eventos para convidadas, que eram aulas de beleza e coquetéis, nos quais encantava-as com os produtos, com a filosofia da

empresa, e com os reconhecimentos dos membros da equipe. Era como uma imersão naquele universo! E, desta forma, repetia todo o trabalho que havia sido feito pela minha diretora; o que a companhia chamava de “passar o legado”.

Já o trabalho como consultora de vendas incluía estudar os produtos e seu modo de uso, agendar encontros nos quais as clientes faziam a experimentação e aprenderiam o passo a passo para utilização dos produtos, realizar a venda, o acompanhamento da satisfação da cliente com sua compra, a divulgação do método do trabalho da empresa e o convite para fazer parte da equipe. Esse trabalho era realizado nas casas das pessoas, que eram chamadas de anfitriãs, e também era realizado em empresas, salões de beleza, hospitais. Como eu trabalhava na época 8 horas por dia na escola, realizava estas atividades no contraturno e aos finais de semana. Muitas vezes, estes eventos aconteciam em lugares distantes da minha casa, e envolviam custos não apenas com os materiais descartáveis e com os produtos que eram demonstrados, mas também com deslocamentos, sem contar o risco de estar em um lugar desconhecido e perigoso. Ainda assim, nunca cheguei a desmarcar um agendamento. Era um trabalho simples, mas não era nada fácil executá-lo. Na grande maioria do tempo, realizava atividades dentro de salões de beleza, onde permanecia por todo o sábado abordando clientes, fazendo demonstrações e vendas; mas quem mais comprava eram os funcionários e proprietários destes estabelecimentos. Também realizei eventos em grandes hotéis, hospitais e empresas, sendo que nestes momentos sempre levava alguma consultora da minha equipe ou uma diretora parceira para dividir o trabalho e as vendas.

Para o recebimento das bonificações, foi-me exigido a abertura de um CNPJ e a contratação de um contador para auxiliar na emissão das notas fiscais e documentos. Ou seja, era uma empresa individual, com todas as responsabilidades fiscais. Também tive que assinar um contrato, no qual haviam diversas regras que precisava cumprir para me manter no cargo. Com essa exigência, tive que ir até a cidade onde meu pai residia, em Araranguá, para retirar o meu nome da sociedade que tinha com ele, pois naquela época, não era permitido que uma pessoa tivesse um CNPJ de empresa individual e outro com sócios. Lembro até hoje que esse processo foi bem doloroso, pois envolveram discussões sobre a forma como meu pai estava conduzindo sua empresa.

Figura 26 – Formatura como Diretora de Vendas (2012)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

Para documentar a minha conquista na carreira independente, realizamos um evento no salão de festas da minha casa. A cerimônia de formatura de diretora de vendas foi idealizada pela fundadora da empresa, e possuía diversos rituais, envolvendo velas, flores e juramentos. O principal objetivo era motivar as consultoras a também se tornarem diretoras de vendas, compreendendo a responsabilidade do cargo e a importância que a empresa atribuiu à sua força de vendas independente. São cerimônias carregadas de emoção e simbologias. A cerimônia que organizei foi simples, com a presença das pessoas que fizeram parte desse processo, que durou cerca de três (3) meses, entre o início da qualificação até a obtenção dos números finais.

Lembro-me que fui muito estimulada a escrever um currículo de minhas conquistas da empresa, de forma a inspirar não apenas aos membros que faziam parte da minha equipe, mas também colegas que faziam parte da força de vendas em todo o Brasil. Na minha carreira dentro da Mary Kay, minha primeira conquista foi o cargo de diretora de vendas independente, que foi obtido cerca de um ano e meio após meu ingresso na empresa. Por esta conquista, permaneci com o carro cor de rosa da minha diretora de vendas por cerca de 8 meses, o que me foi muito prazeroso. Este não foi um reconhecimento por parte da empresa Mary Kay, e sim por parte da minha diretora. Creio que sua intenção, ao promover este reconhecimento, era me estimular a atingir os números da empresa para conquistar meu próprio carro, o que não chegou a acontecer.

Figura 27 – Carro cor de rosa (2012)

Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

Durante o período em que o carro rosa esteve comigo, fazia o uso diário para me locomover, e sempre era uma festa onde eu chegava. Realmente, o carro chamava muito a atenção, pois sua cor é patenteada, e de uso exclusivo da empresa. Na época, pouquíssimas pessoas faziam uso desse carro, o que o tornou um objeto de desejo de muitas consultoras e diretoras de vendas.

Na época em que permaneci com o carro, a demanda como coordenadora pedagógica era muito intensa, e já me dedicava bastante para ampliar o número de clientes, assim como o número de consultoras. Atingir os números para ganhar o carro demandava dedicação integral e intensa, compromisso esse que não tinha condições de assumir. Agradeço a oportunidade de ter vivenciado um período com este “troféu sobre rodas”, como a Mary Kay costuma chamar o carro, mas ultrapassar todos os meus limites para alcançar os números nunca foi meu objetivo. Sabia que, assim como os números para a qualificação para me tornar diretora foram manipulados, poderia realizar o mesmo para obter o carro, porém, no meu entendimento, era melhor ir na concessionária e comprar o próprio carro. O contexto para tornar-me diretora foi uma junção de objetivos pessoais com os objetivos da minha diretora, que almejava alcançar o patamar máximo na carreira, o que não se aplicava nesse caso. Não tinha o menor interesse de realizar esse tipo de “jogo” com os números, apenas para manter um carro cor de rosa na garagem.

Figura 28 – Palestra no Congresso da Associação das Mulheres de Paraisópolis (2013)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

Nessa época, uma das consultoras que compunha minha equipe de vendas era presidente da Associação das Mulheres de Paraisópolis, e me convidou para palestrar no Congresso, que aconteceu em agosto de 2013 no CEU Paraisópolis. Foi um evento grandioso, com participação ativa de todos do bairro, e nesse dia percebi o quanto é importante divulgar informações básicas sobre empreendedorismo. Na palestra que ministrei, abordei os benefícios de se tornar um MEI: Microempreendedor Individual, noções básicas de fidelização de clientes e a importância de estudar continuamente. A grande maioria presente no teatro desconhecia muitas informações que ali apresentei. Essa é a maior comprovação que o que é óbvio para mim, nem sempre é para o outro, e que, ao trabalhar um tema de forma pública, é importante detalhar todas as informações, para que elas possam de fato ajudar os expectadores.

No final de 2013, formei minha primeira diretora de vendas descendente, e, nesta época, percebi que os conflitos também existiam nesta empresa, apesar da filosofia e da cultura institucional. Lembro que minha relação com minha diretora descendente se tornou conflituosa por conta de uma consultora que havia estudado junto com ela no mestrado, e que tinha o hábito de gerar ruídos de comunicação que resultavam em discussões. Infelizmente, esta diretora não conseguiu permanecer no cargo por muito tempo, pois para continuar era necessário manter os números relacionados à produção de vendas e quantidade de pessoas na equipe, o que era bem desafiador. Hoje em dia, pouco vejo essa minha diretora descendente, mas nutrimos uma pela outra carinho e admiração, apesar dos conflitos que vivemos. Já com a consultora, nunca mais tive contato.

Figura 29 – Viagem a *Punta del Este* – Uruguai (2013)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

Também no ano de 2013 ganhei uma viagem para Punta Del Este, de cerca de 3 dias. Foi uma viagem deliciosa, na qual pude participar de vários eventos promovidos no hotel que ficamos hospedadas, e depois pude aproveitar a cidade junto com meu marido, que foi se encontrar comigo. Lembro que um dia fomos jantar fora do hotel, num pequeno grupo de diretoras, e conversamos sobre as particularidades da vida de cada uma, e fui questionada sobre as dificuldades para equilibrar as funções na escola e na Mary Kay. Deixei claro que não era simples, mas que estava acostumada a realizar diversas atividades ao mesmo tempo, e que sempre fui muito agitada. Ouvi de uma colega que minha vida profissional poderia ser comparada a um marinheiro em alto mar, com um pé em cada barco, e que estava correndo o risco de cair dos dois; e que era prudente tomar uma decisão de focar em um só. Na época, me questionei se isso era uma verdade, e se deveria me preocupar a dar um enfoque de fato. Lembro que meu marido falava: muitas das grandes empresas pertencem a um único dono, geram diferentes fontes de renda, e quando uma entra em crise, a outra faz o papel de equilibrar os números. No contexto em que estava na época, pagando um empréstimo consignado há anos, não tinha perspectiva nenhuma de focar em uma coisa única, pois dependia da junção das duas rendas. E esse era meu principal e verdadeiro argumento para convidar novas pessoas para fazerem parte da minha equipe: o dinheiro que eu ganhava fazia de fato diferença na minha vida.

Figuras 30 e 31 – Seminário de vendas (2014)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

No início do ano de 2014, no seminário da empresa, fui uma das integrantes da corte de vendas pessoais e, forma de reconhecimento, ganhei um anel de ouro e participei de um coquetel exclusivo. Também neste ano passei a realizar minhas reuniões de equipe em uma sala maior, e formei minha segunda diretora descendente, que trabalhou comigo como professora na Prefeitura e também necessitava de uma renda extra, apesar de ter dois cargos. Lembro que

muita gente que me conheceu na Prefeitura me procurou nesta época para entender como o negócio funcionava e se era uma possibilidade para elas também, motivadas por diversas razões: financeiras, descontentamentos com relacionamentos interpessoais, condições de trabalho inadequadas, assim como casos de assédio moral. Definitivamente, não era só comigo que essas coisas aconteciam. Nesta época, a Mary Kay estava muito popularizada, e sua força de vendas cresceu consideravelmente. Foi a época que minha equipe foi mais próspera. Muitas atividades que realizei para a gestão de equipe exigiram um conhecimento e comprometimento equivalente a abertura de uma franquia: ter um espaço físico para promover encontros semanais para formação e acompanhamento da equipe, investimento em produtos para disponibilizar a demonstração para membros da equipe e clientes, realização de eventos de pequeno, médio e grande porte com a finalidade de realização de vendas e de crescimento da equipe, comparecimento aos eventos promovidos pela empresa, gestão de estoque, controle de vendas, preenchimento de DRE e fluxo de caixa, planejamento estratégico de vendas e de liderança de equipe, cumprimento de metas e desafios estabelecidos pela empresa.

Nesta época, vendi um apartamento que estava em meu nome e, junto com meu marido, decidi que compraria um conjunto comercial com o dinheiro da venda. O lugar foi escolhido com muita atenção, sabia que a Vila Leopoldina era um bairro em ascensão e estava localizado a 300 metros de uma estação de trem, o que facilitaria muito as consultoras a se deslocarem até lá. Já estava cansada de arcar com as despesas relacionadas ao aluguel do espaço que compartilhava para realizar as reuniões de equipe, e dos pequenos imprevistos que lá ocorriam. Considerava que o fato de ter meu espaço próprio para realizar meu trabalho já era uma grande conquista, e que me estimularia ainda mais a desenvolver o meu trabalho. Não ganhei mais nenhum reconhecimento importante da empresa no ano de 2024, tais como joias e viagens. Foi nesta época também que comecei a sentir os efeitos da Síndrome de *Burnout*, e nos meses finais sentia muito desânimo para buscar os números das metas. Estava concentrada na reforma e na montagem do espaço, para começar o mais rápido possível a utilizá-lo. Lembro que o intervalo entre pegar as chaves do conjunto comercial e da inauguração do *Studio* foi de cerca de dois meses. Para isso, precisei instalar iluminação, pia para a copa, forro para o teto e piso elevado, além da compra dos móveis. A inauguração do *Studio* Priscila Baumann aconteceu dia 22 de novembro de 2014, e contou com a presença não apenas de consultoras, mas também da minha família e amigos.

Figura 32 – Inauguração do *Studio* Priscila Baumann (2014)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

Para a realização do evento, providenciei alguns sanduiches de metro, bolos caseiros preparados por uma consultora e amiga, e bebidas. Foi um evento simples, mas muito importante para mim: uma grande conquista!

No ano de 2015, enquanto estava de licença médica da Prefeitura, trabalhei Mary Kay de forma discreta. Naquela época, já existiam redes sociais e eu evitava ao máximo postar fotos ou indícios que eu estava realizando alguma atividade, pois sabia que isso poderia ser utilizado contra mim em um processo administrativo. Diante de tudo que vivi, desconfiava de todos; pois era de conhecimento que eu tinha adquirido há pouco tempo o conjunto comercial, e quem me conhece, sabe que eu não fico parada, sempre estou fazendo alguma coisa. Realizava eventos em empresas sem divulgar em lugar algum, fazia atendimentos domiciliares, e eventos no meu *Studio*, porém não fazia nenhum tipo de divulgação. Consequentemente, meu rendimento financeiro foi muito menor que o ano anterior, e para piorar o cenário, o Brasil enfrentava uma crise econômica. De acordo com o TCU - Tribunal de Contas da União, “o PIB (Produto Interno Bruto) em 2015 totalizou R\$ 5.904,33 bilhões, com variação negativa de 3,8%, em termos reais (descontada a inflação), em relação ao PIB de 2014. Essa variação negativa foi a maior da série histórica mais recente, iniciada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 1996” (TCU, 2015, p. 1). Tempos difíceis estavam por vir, no âmbito econômico.

Assim que pedi a exoneração, passei a utilizar as redes sociais para divulgar os eventos e trabalhos que realizava. Foquei em elaborar materiais para envio para empresas, salões de beleza e diferentes estabelecimentos para criar parcerias, e assim, ter novas clientes e novas consultoras.

Figura 33 – Aula de automaquiagem (2016)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

Explorei meu *Studio* para realizar muitas aulas de automaquiagem, reuniões de equipe, coquetéis, todo tipo de evento voltado para clientes e também para as consultoras que faziam parte da minha equipe. Até a decoração foi planejada com elementos do universo Mary Kay, havia encomendado um adesivo de parede com uma frase da fundadora, que nunca chegou, mas que era considerado por mim uma das melhores frases: “qualquer coisa que você imaginar vivamente, desejar ardentemente, acreditar sinceramente e trabalhar entusiasticamente, acontecerá inevitavelmente!” (Ash, 2015, p. 116). Essa frase fazia parte de um discurso muito sedutor e entusiasta, que cai muito bem quando você enfrenta dificuldades e precisa ter fé que as coisas darão certo. E, após uma exoneração, precisava muito que tudo desse certo! Infelizmente, esse tipo de discurso pode, também, induzir a tomar ações precipitadas, o que também chegou a acontecer comigo.

Nessa época, as redes sociais Facebook e Instagram já se destacavam, e divulgava em meus perfis todos os eventos que promovia. Muitas mulheres que me acompanhavam compareciam nos eventos, e realizavam compras, o que ajudava muito a manutenção das vendas, assim como estimulava as consultoras a participarem e levarem suas convidadas. Lembro que algumas clientes, nessa época, chegavam a investir cerca de R\$1000,00 em produtos para uso próprio e para presentes, o que significava um volume grande de vendas por evento. O desconto para compra dos produtos chegava a quarenta por cento (40%), ou seja, em um evento, era possível atingir a meta de vendas semanal. Porém, nem todos os eventos eram exitosos assim. Muitas vezes, realizei aulas sem vender nada, sendo que uma vez uma cliente

disse que compraria um batom para me ajudar. Lembro que me senti péssima naquele momento!

Figura 34 – Aula de automaquiagem no SPA da Anhembi Morumbi (2016)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

Foi no ano de 2016 que estabeleci, junto com uma consultora da minha equipe, uma parceria com a Universidade Anhembi Morumbi, que me autorizava a expor os produtos dentro da Universidade e no SPA (*Salus Per Aquam*) que os alunos dos cursos de Maquiagem e Visagismo realizavam as aulas práticas. Conheci muita gente, realizei boas vendas e aprendi muito com essa nova experiência. Permaneci na universidade durante todo o ano, estando presente de uma a duas vezes por semana. Nem sempre as vendas eram volumosas, na grande maioria dos dias a interação com as pessoas era o que fazia valer a pena ir até lá. Conversava bastante com a coordenadora responsável pelos cursos de estética e visagismo, assim como com a coordenadora responsável pelas atividades do SPA. Entendi que era uma possibilidade atuar como professora de ensino superior, caso me dedicasse à carreira de beleza no âmbito acadêmico, e pude acompanhar de perto como era a dinâmica de aulas e de estágio prático dos alunos. Conheci profissionais que já eram referência no mercado de beleza, que ali estavam para obter um diploma de nível superior e se diferenciar mais ainda da concorrência. E, curiosamente, conheci muita gente que cursava Medicina, pois as salas de aula ficavam no mesmo andar que os laboratórios de beleza.

Embora me esforçasse bastante, percebi que o volume de vendas e de novas consultoras não aumentava, só se mantinha, e me perguntava diariamente o que mais precisava fazer para mudar esse cenário. Afinal, estava com dedicação integral à beleza, e não chegava a faturar o salário que recebia como coordenadora pedagógica.

Figura 35 – Coquetel para futuras consultoras (2017)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

Ao longo do ano de 2017 promovi diversos eventos que realizei no meu espaço para atrair novas consultoras para a equipe e, embora a participação fosse expressiva, os números não eram satisfatórios. Esse ano trouxe resultados financeiros piores que os do ano de 2015, o que me fez refletir muito sobre o esforço que realizava para manter a minha equipe e minhas vendas pessoais. Muitas colegas diretoras de vendas alugavam minha sala para fazerem suas reuniões e treinamentos, e sentiam na pele a mesma situação. Nossas equipes foram diminuindo, e as convidadas novas que compareciam nos encontros tinham um perfil muito diferente: eram pessoas que necessitavam urgentemente uma renda, não uma atividade paralela, como era o público que estávamos habituadas a trabalhar. Nos eventos promovidos pela Mary Kay, não eram poucos os depoimentos de pessoas que encontraram nas vendas diretas o caminho para seu sustento. Esse perfil de pessoas me deixava em uma situação desconfortável, pois precisávamos pagar nossos pedidos de produtos à vista ou parcelado no cartão de crédito. Muitas destas pessoas não tinham crédito, muito menos dinheiro à vista para comprar produtos sem garantia de venda. Os produtos não eram populares, e seus valores não eram acessíveis, então como essas pessoas encontrariam o público ideal para revender? Sentia que, se estimulasse esse grupo de pessoas a realizarem pedidos, estava contribuindo para que sua situação financeira piorasse. Inclusive tive uma discussão com uma diretora que estava fazendo a reunião de equipe junto comigo, pois a consultora dela perguntou a mim por que a Mary Kay não permitia realizar a compra usando dois cartões de crédito, e eu respondi que era para evitar

problemas financeiros; que o ideal era a consultora realizar o pedido à vista em dinheiro. Quando esta consultora afirmou que vendia “fiado” para suas clientes, alertei-a que esta prática poderia prejudicá-la muito. Ao final da reunião, a diretora discutiu comigo afirmando que esta era sua melhor consultora e, com a minha postura, estava colocando tudo a perder. Questionei-me se valeria realmente a pena colocar em risco nossa ética em troca de bonificações e metas atingidas.

Em relação às vendas, a abertura para realização de eventos em empresas estava cada vez menor, haja visto que o número de consultoras havia aumentado consideravelmente, e conseqüentemente, muito mais pessoas ofertavam a mesma proposta. Por muitas vezes, consegui a oportunidade de realizar o evento, dedicava meu tempo, gastava produtos e descartáveis para serem utilizados pelas clientes em potencial, para no final não realizar vendas, pois sempre tinha alguém que já vendia para aquele grupo de pessoas.

Analisando a trajetória correspondente ao ano de 2015 até o início de 2018, percebo que fui precipitada a comprar diversos produtos em promoção em uma quantidade muito superior ao que costumava vender, na expectativa de realizar grandes eventos e aumentar os lucros. Em diversos encontros promovidos pela empresa e por minha diretora, ouvia relatos de consultoras que realizaram compras em alto volume e, com os produtos em mão, tiveram o poder para vender mais com um lucro muito maior, pois havia aproveitado a promoção da empresa. Chegavam a relatar que compravam 300 unidades de cada produto. Achando que esse era um caminho viável, cheguei a comprar 100 unidades de alguns produtos, tais como lápis de olho, demaquilante e o combo de cuidados com a pele, que incluía sabonete e hidratante facial.

O prejuízo financeiro foi enorme, porque embora diversas consultoras relatassem nestas reuniões que realizavam vendas astronômicas, essa nunca foi a minha realidade. Fui motivada pelo desespero e tomei decisões que de nada correspondiam às minhas condições de vendas. E sofrer as conseqüências dessas escolhas me desanimou muito, sentia como se eu fosse um exemplo de fracasso, pois, logo após exonerar meu cargo na Prefeitura, não conseguia êxito em uma atividade que já desenvolvia há algum tempo e que já tinha colhido bons resultados. Me penalizava porque o esforço para buscar parcerias era imenso, e não conseguia realizar as vendas necessárias para liquidar todo o estoque que havia adquirido. Me sentia em um labirinto!

Em 2018, decidi buscar ajuda no SEBRAE para entender melhor o contexto no qual estava e encontrar ferramentas que me ajudassem. Realizei algumas consultorias, e o primeiro curso que realizei foi o Seminário Empretec. Ao longo dele, são trabalhados diversos comportamentos e características empreendedoras, que ajudam muito na reflexão e na tomada de decisões. E foi através dessas atividades que percebi que estava sendo teimosa, em vez de

persistente: nesta época o Brasil e o mundo estavam vivendo uma recessão econômica, as vendas online estavam em alta e o sistema de atendimento proposto pelas vendas diretas estava em baixa com o consumidor. Ao analisar o contexto que vivenciava naquele período, percebi que não conseguia vender o suficiente e nem adquirir novas integrantes para a equipe, e que persistir em algo que não condizia com os princípios morais e éticos não me fazia bem, tanto quanto a vivência que eu tinha na Prefeitura nos últimos anos também não estava me fazendo bem.

Figura 36 – Empretec (2018)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

Participar do Empretec contribuiu não apenas na aquisição de conhecimentos, tomada de decisões, como também nos relacionamentos. Mantenho contato com diversos participantes, assim como dois facilitadores, que sempre estão dispostos a contribuir com ideias, parcerias e me indicam clientes. É uma experiência que indico para todos que empreendem e que desejam conhecer o universo do empreendedorismo. Após 15 dias da finalização do Empretec, enviei um e-mail para a Mary Kay do Brasil solicitando minha resignação do cargo e solicitei ao meu contador toda a alteração dos CNAE's (Classificação Nacional das Atividades Econômicas) do meu CNPJ, colocando como atividade principal a prestação de serviços de beleza e retirando a atividade de Marketing Direto. E, com essa decisão, encerrei minha atividade na área de vendas diretas. Ter participado do Empretec foi fundamental para compreender o grau de amadorismo que estava realizando todas as minhas atividades, principalmente as compras de produtos em alto volume. Por mais êxito que tivesse, jamais conseguiria dar conta de vender tantos produtos.

Também me esclareceu que jamais conseguiria agir de forma antiética para trazer novos membros para a equipe, sem considerar a realidade de cada uma daquelas pessoas. Esse era um preço que eu não estava disposta a pagar, pois sabia que estava colocando em risco minha imagem pessoal, minha reputação e meu caráter.

A despedida com a minha equipe de vendas foi de surpresa: convidei uma amiga diretora de vendas para participar, e apenas avisei a equipe que teríamos a presença dela na reunião. Ao finalizar o encontro, e os reconhecimentos da equipe, informei a todas que tinha tomado a decisão de não dar continuidade ao trabalho como consultora e diretora de vendas e, literalmente, “entreguei o bastão” para a minha amiga, presenteando-a com diversos materiais que havia comprado para realizar reconhecimentos das consultoras, exclusivos das diretoras de vendas. Lembro que todas reagiram com muita surpresa, mas deixei muito claro que estava bem consciente da minha decisão e que não voltaria atrás. A conversa com minha diretora nacional não foi amistosa, pois ela pediu para que eu aguardasse um pouco antes de tomar essa decisão; porém eu já estava decidida e disposta a dar um ponto final nesta fase. Imagino que ela contava comigo e com minha equipe para a manutenção de seus próprios números, pois uma diretora nacional também tinha metas a cumprir. Naquele momento, pensei apenas em mim e na minha necessidade de encerrar aquele ciclo para poder estabelecer metas e desafios para meu *studio* de maquiagem. Era minha esperança de ver as coisas “darem certo”.

4.5 A paixão por maquiagem e a profissionalização

Quando comecei a organizar meu casamento, em 2008, me apaixonei pelo universo de eventos e casamentos. Casei em um sítio, em Mairiporã, e eles tinham estrutura para que eu fizesse o dia da noiva lá. No entanto, o maquiador que tinha parceria com o sítio, usava produtos que considerava de baixa qualidade. Diante disso, optei por realizar este serviço em uma grande rede de salões de beleza, especializada em dia da noiva. Diante do valor pago, que foi bem expressivo, brinquei com o meu noivo, na época: se nada der certo na minha vida, serei maquiadora de noivas, porque isso dá dinheiro. E as palavras têm poder!

No final de 2011, estava em um salão de beleza realizando uma aula de beleza Mary Kay com algumas clientes, quando a dona do salão me procurou solicitando que eu fizesse três (3) serviços de maquiagem, pois a maquiadora do salão estava doente. Como estava dando uma aula de auto maquiagem básica, fiquei em uma saia justa, na qual não poderia afirmar que não era maquiadora. Encarei o desafio e realizei o serviço, mas logo me matriculei em um curso de Maquiagem Profissional no SENAC, que iniciei em fevereiro de 2012. O curso teve duração de

quatro meses, e realizei-o à noite, três vezes por semana. Embora tenha sido cansativo, era muito estimulante realizar as aulas e ver o resultado da minha prática no rosto das pessoas. Durante todo o curso, percebi que desempenhava as atividades propostas pelo professor com facilidade e com um resultado muito satisfatório, isso devido ao investimento de tempo treinando, aos produtos de qualidade que utilizava e também ao prazer que sentia ao maquiar.

Figura 37 – Curso de Maquiagem Profissional no SENAC (2012)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

O meu foco ao realizar o curso era tornar-me maquiadora especializada em Noivas, pois percebi que os ganhos eram muito maiores que em atendimentos para o público comum, devido à complexidade e a responsabilidade da atividade. Meu trabalho de conclusão de curso foi com essa temática, e assim que finalizei o curso, já divulguei em redes sociais a nova atividade profissional, além de participar de feiras e eventos com fornecedores que contratei para meu casamento em 2009.

Lembro que meu primeiro contrato de dia da noiva foi graças a uma feira de casamentos que participei com a cerimonialista do meu casamento. Nessa feira, montei meu primeiro estande de divulgação, no qual improvisei muitos materiais, mas graças às estratégias de vendas aprendidas e utilizadas durante muito tempo nas vendas diretas, firmei esse contrato e conheci diversos fornecedores. Realizar esse dia da noiva foi uma experiência muito gratificante, e acompanho até hoje essa noiva nas redes sociais. Lembro que, além de realizar a maquiagem, também precisei gerenciar as interações que ali aconteciam no momento em que ela se arrumava

para o casamento: ela optou por realizar o dia da noiva em casa, e me deparei com situações nas quais os familiares compartilhavam informações que a deixaram ansiosa e nervosa, o que fez com que eu intervisse e controlasse a comunicação com a noiva. Esse foi um aprendizado que até hoje aplico nos meus atendimentos à noivas e debutantes, para garantir que o momento que elas se preparam para o evento seja tranquilo e agradável.

Foi neste primeiro contrato de dia da noiva que firmei parceria com minha colega de profissão, Bruna. Na época, realizava apenas serviços de maquiagem, e ela cuidava dos penteados. Esta parceria, que iniciou em 2012, continua até hoje. Hoje eu já realizo os dois serviços, mas sempre que fecho um contrato com mais pessoas, ela é a primeira pessoa que chamo para trabalharmos juntas. Ela também me repassa as clientes que não consegue atender, e, desta forma, estamos sempre ajudando uma a outra.

Desde este primeiro contrato, sempre tive a preocupação de realizar as atividades o mais profissional possível: criei um contrato de prestação de serviços baseado no que assinei quando fui noiva, adquirei materiais de papelaria, tais como pastas e envelopes, cuidava dos mínimos detalhes. Nos primeiros atendimentos, percebi que o lucro sobre a prestação de serviços era imensamente maior que sobre a venda de produtos. Sempre utilizei produtos de primeira qualidade, e de finalidade profissional, e embora isso tenha gerado um alto investimento, sempre fui reconhecida pelas clientes pelas boas escolhas de produtos, pelo acabamento delicado, e pela durabilidade da maquiagem.

Ao longo dos anos de 2012 até o fim de 2014, o meu foco com esta nova atividade era oferecer apenas o serviço de maquiagem, pois realizava aulas de auto maquiagem gratuitas para divulgar os produtos da Mary Kay. Cheguei a atender como maquiadora em alguns salões de beleza onde realizava a divulgação dos produtos da Mary Kay, por um breve período de tempo. Mas a grande maioria dos atendimentos eram realizados em domicílio. Minha cartela de clientes era composta por amigos, parentes, e algumas clientes de produtos Mary Kay. Comecei a receber algumas indicações naquela época, oriundas daquele primeiro contrato de dia da noiva. Aos poucos, começava a sentir os resultados financeiros.

No final de 2012, quando estava na casa do meu pai realizando os trâmites de retirada do meu nome de sua empresa, para então abrir minha empresa individual, recebi um e-mail do SENAC Lapa Faustolo, convidando-me para palestrar para os alunos, relatando como conduzi meu trabalho como maquiadora após realizar o curso profissionalizante. Fui considerada um caso de sucesso da minha turma, pois fui uma das poucas que, após a finalização do curso, consegui gerar uma nova fonte de renda com os aprendizados adquiridos.

Figura 38 – Palestra no SENAC Lapa Faustolo (2012)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

A palestra teve como expectadores algumas pessoas do meu círculo de convivência, pois divulguei na minha rede de contatos, a modelo do meu trabalho de conclusão do curso de maquiagem, além dos alunos dos cursos que tinham aulas naquela data na unidade, professores e meu marido. Ao alinhar os detalhes da palestra, estabeleci uma relação mais próxima com a coordenadora dos cursos de beleza, e cheguei a verbalizar a vontade de dar aulas no curso de maquiagem profissional. Embora tenha participado de alguns processos seletivos ao longo dos anos, nunca cheguei a ser entrevistada para realizar esta atividade.

Logo após inaugurar o *studio*, em 2014, passei a vislumbrar novas possibilidades. A ideia inicial da compra da sala era utilizá-la não apenas para as atividades relacionadas à Mary Kay, mas também realizar atendimentos de maquiagem, ministrar cursos para mulheres que desejavam aprender a se cuidar e dar formação técnica através de cursos de maquiagem profissional. Na época, acompanhava nas redes sociais diversas maquiadoras que inauguraram suas escolas de maquiagem do zero e estavam, aparentemente, com grande êxito no negócio, e, como Pedagoga, me senti muito capaz para também realizar este feito. O meu sonho era montar uma escola de maquiagem no *studio*, onde eu pudesse ministrar aulas profissionalizantes. Lembro que tive o desejo de patentear o termo academia de maquiagem, pois tinha o entendimento de que, para alcançar a excelência nesta atividade, era necessário se exercitar, assim como ao realizar atividades físicas. Não realizei esse registro de marca, o qual continua disponível até hoje no INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial.

Naquela época, dediquei-me a comprar materiais necessários para a realização de todas

essas atividades, tais como: televisão, mesa para reunião, cadeiras empilháveis, dentre outros materiais. Com o valor recebido das minhas férias, que não cheguei a desfrutar na Prefeitura, comprei 5 cadeiras diretor de maquiagem, de forma a equipar o espaço para realizar aulas e atendimentos para pelo menos 6 pessoas simultaneamente, por período. Também adquiri livros técnicos de maquiagem, para compor uma pequena biblioteca. Os materiais de maquiagem já eram vastos, e permitiam trabalhar diferentes tipos de pele, assim como atender a todas as necessidades de clientes e de alunos em potencial. Sentia-me pronta para compartilhar conhecimentos e ser gestora de uma escola de maquiagem, graças à minha experiência anterior como professora e coordenadora pedagógica.

Figura 39 – Primeiro logotipo (2015)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

Criei, em parceria com um *designer* gráfico, o material para a divulgação do *studio*, que incluía papel de carta, certificados de conclusão de cursos, panfletos, cartões de visita, carimbo. Tudo foi planejado nos mínimos detalhes, de forma a criar uma identidade visual para o meu negócio: cores, fonte, desenho. Acreditava muito que esse projeto seria de enorme sucesso! Como estava de licença médica da Prefeitura de São Paulo, realizava as atividades de planejamento com muita discrição e cuidado, pois sabia que poderia ser penalizada se divulgasse qualquer coisa. Nessa época pude contar com o apoio da minha psicóloga, que a cada sessão reforçava que a licença médica era um direito meu, e que eu não estava, ao exercer esse direito, fazendo corpo mole ou me beneficiando da máquina pública para receber sem trabalhar. Depois de muitos anos após a exoneração, ao ler o livro de Isabella Camargo, intitulado “Dá um tempo!”, encontrei palavras de consolo: de acordo com seus estudos, passar por um episódio de síndrome de *burnout* é uma experiência traumática, e o preconceito que o acompanha sempre traz olhares desconfiados por parte de quem observa. Planejar as atividades

do meu espaço me desligava desse universo e me servia de combustível para continuar a desempenhar uma atividade remunerada. Recusava-me a prestar o papel de uma pessoa inválida, depois de tantas cirurgias e questões relacionadas à saúde que enfrentei. Em alguns dias, era muito difícil sair da cama; em outros, uma força de vontade de fazer as coisas acontecerem me impulsionava. E era nesses momentos que me dedicava a planejar e executar ações que me trariam retorno num breve futuro.

Figura 40 – Ensaio fotográfico (2015)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

Contratei uma fotógrafa para realizar uma sessão fotográfica na qual eu ministrava cursos de maquiagem e evidenciava toda a estrutura do espaço, e, com esse material fotográfico, comecei a criar os primeiros materiais institucionais. Nesse momento, tomei muito cuidado ao documentar a participação de todas as pessoas fotografadas, com termo de uso de imagem, pois logo após a finalização do curso de maquiagem, enfrentei um problema sério com a modelo que participou do meu trabalho de conclusão de curso, pois a mesma não tinha assinado o termo e depois questionou o uso das imagens por mim: cometi o pecado de recortar uma foto da maquiagem do olho dela para fazer meu cartão de visitas. A intenção era que no meu material de divulgação eu utilizasse uma maquiagem feita por mim, para ser o mais realista possível. Lembro que uma consultora da minha equipe, que era formada em *design* gráfico, me ajudou com as artes. Quando fui mostrar a ela, achando que ela iria se sentir prestigiada por ter sido minha modelo, ela, aos berros, pediu para eu não utilizar nunca aquele material, pois ela não queria jamais que uma foto dela estampasse um salão de periferia. O mais contraditório é que

antes, radiante ao participar da palestra que ministrei no SENAC, com sua foto estampada no *slide* da apresentação, ela estava radiante de alegria, e inclusive fez questão de tirar uma foto para documentar o momento. Diante disso, deixei todos os cartões de visita impressos na portaria do prédio dela, e refiz todo o material, sem utilizar nenhuma foto. Foi um enorme aprendizado, pois nunca mais repeti o mesmo erro! Até hoje guardo em uma pasta todas as autorizações de uso de imagem de fotografias que realizei ao longo das minhas atividades, e incluí no contrato de noivas e debutantes uma cláusula permitindo o uso de fotos e vídeos.

Para que a academia de maquiagem dos meus sonhos saísse do papel, dediquei horas para elaborar o plano pedagógico, planos de aula, material didático, comprei todos os materiais necessários, mas falhei na análise crítica do negócio. A minha preocupação era ter tudo pronto para, então, colocar em ação a divulgação e a busca de clientes em potencial. Ao realizar pesquisa de preço nas escolas da região e nas escolas das maquiadoras que acompanhava nas redes sociais, percebi que o valor viável para ministrar cursos profissionalizantes não me deixava em vantagem competitiva para concorrer com as empresas que já estavam consolidadas no mercado, tais como o SENAC e outras escolas de pequeno, médio e grande porte. Me senti pequena, sem condições de arcar com as despesas para realizar uma grande ação de marketing e me tornar “famosa”.

Embora eu sempre tenha participado do universo das redes sociais, nunca fui de expor meu dia a dia, minhas opiniões e rotina. Como meu marido sempre trabalhou na área de tecnologia e especificamente na área de segurança da informação, sempre consideramos que divulgar onde estávamos e o que estávamos fazendo era algo que nos deixávamos muito vulneráveis. Outro fator que sempre considerei é que fui funcionária pública durante muito tempo, e, portanto, uma pessoa pública, com salário publicado em portal da transparência, e, desde quando montei meu *studio*, com o telefone celular publicado no portal de buscas Google, nunca gostei da ideia de “aparecer” muito na Internet. Então, como iam me contratar, se poderiam contratar uma pessoa ou uma instituição mais conhecida? Esta foi minha primeira grande frustração como empreendedora, pois percebi que não basta apenas ter o capital para investir nos materiais e conhecimento técnico, é necessário também muita estratégia de posicionamento e um alto valor em marketing. Entendi neste momento a importância de trabalhar a imagem pessoal, criar um *branding* pessoal e do negócio.

Durante todo o período em que mantive o *studio* em funcionamento, continuei divulgando cursos de maquiagem profissional. Criei materiais que explicavam todo o conteúdo que considerava importante um profissional ter acesso, e cheguei a enviar o prospecto a diversas pessoas, porém nunca fechei um contrato de curso de maquiagem profissional, apenas de cursos

e aulas de automaquiagem. Meu foco, a partir de então, foi retomar o projeto de especializar-me em Dia da Noiva, e ser reconhecida como uma profissional referenciada na área. Tudo que envolvia o universo de noivas e casamentos, eu participava ativamente: nas feiras que eu não conseguia participar como expositora, visitava e trocava cartões de visita com os fornecedores, promovia ensaios fotográficos para divulgar o trabalho, firmava parcerias com lojas e estilistas de vestidos de noiva.

Figura 41 – Participação em feira de noivas (2017)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

Conforme participava desses eventos, entendia mais sobre o universo no qual estava inserida e com quem eu deveria investir tempo para firmar parcerias. Nessa feira de noivas, em 2017, sofri uma sequência de situações inusitadas: as modelos que maquiei e penteei para o desfile de vestidos de noiva estavam com os cabelos demasiadamente sujos, dificultando o processo de realização de penteados, a voltagem das tomadas não estava sinalizada corretamente, o que causou o curto circuito de um aparelho de *babyliss*, e, após finalizar as maquiagens e os penteados, a proprietária do sítio adentrou o espaço informando que naquele evento o espaço oferecia uma condição especial de preços. O valor do meu pacote de dia da noiva correspondia a vinte por cento (20%) do valor total do aluguel com decoração e alimentação inclusa, o que me fez ter a certeza que estava ali em parceria com fornecedores que não trabalhavam o mesmo público alvo. Perdi tempo, tive prejuízo financeiro e retorno zero. A partir de então, comecei a analisar melhor os convites que recebia. Nestes eventos, o serviço de

maquiagem e penteado funcionam como uma moeda de troca para a divulgação dos serviços, mas para que isso de fato funcione, é necessário alinhar tudo nos mínimos detalhes.

Nessa época, compreendi que era importante produzir um material de divulgação específico para noivas, e para isso, firmei parceria com uma loja de vestidos de noiva, que me cedeu o espaço e os vestidos para realizar um ensaio fotográfico. Convidei uma amiga para realizar os penteados, e para serem modelos, convidei amigas e uma modelo que fiz a maquiagem e o penteado para seu *book*, quando ela chegou em São Paulo para concorrer em desfiles para miss, em 2015. Em 2023, quando essa modelo faleceu em um incêndio, fiquei muito chocada, pois acompanhei toda sua trajetória em busca de um sonho, e quando ela finalmente ia concorrer ao Miss Brasil, sofreu essa fatalidade.

Figura 42 – Ensaio fotográfico de noivas (2017)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

Em 2018, intensifiquei o foco nos eventos voltados para casamentos, e conheci fornecedores mais alinhados com o público alvo que tinha em mente. Nessa época, senti a necessidade de aperfeiçoar meus conhecimentos em penteados, pois não podia depender da disponibilidade de outros profissionais para firmar um contrato de dia da noiva. Já havia investido muito tempo e dinheiro no negócio, e a prestação desse serviço me tornava uma profissional completa. Optei por realizar o curso com um profissional reconhecido como “mago das noivas”, e o valor investido no curso foi altíssimo, muito maior que o valor pago no curso de maquiagem profissional que realizei ao longo de quatro (4) meses. O curso teve duração de dois (2) dias, e nele pude aprender diversos truques que facilitam muito a preparação do

penteados e otimizam tempo na execução. Ali, percebi o quanto a voz da experiência impacta ao ensinar um ofício. Quem já sentiu na pele o tempo passando no relógio, precisando entregar o resultado, sabe ensinar como chegar lá. Essa constatação reforça muitos conceitos trabalhados na formação profissional, que destacam a importância do saber fazer para então ensinar.

Figura 43 – Curso de penteados profissional (2018)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

O aprendizado adquirido no curso foi combustível para que eu divulgasse com mais intensidade meu trabalho, e buscasse oportunidade de fechar mais contratos de noivas. Ele também despertou meu interesse pela fotografia, pois até então não tinha fotografias de penteados realizados por mim. Passei a convidar amigas e clientes como modelos, e realizava os penteados e as fotografias no meu espaço. Dessa forma, passei a depender menos de fotógrafos para divulgar meus trabalhos.

Lembro que nessa época, assinei diversos contratos para a realização de dia da noiva no local do evento, e pude conhecer diversos espaços novos. Muitos desses locais ofereciam estrutura adequada para os atendimentos; outros não pensavam no básico, tais como iluminação do camarim, alimentação da noiva no período em que se arrumava, até a colocação de sabonete e toalha no banheiro. Passei a carregar tudo para garantir que a noiva tivesse um mínimo de conforto, desde garrafas de água, chocolate, cadeira apropriada, maleta camarim, iluminação para fotografia. Ou seja: cada casamento que eu fazia o dia da noiva, lotava o porta malas do carro!

Figura 44 – Dia da noiva (2018)

Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

Esse dia da noiva em específico teve um episódio que me causou muita indignação: a noiva optou por realizar a cerimônia de casamento em um espaço aberto, em um sítio. O dia começou ensolarado, mas de repente o tempo mudou, o que gerou muita insegurança na noiva, que não desejava realizar sua cerimônia na chuva. O espaço cobrou cinquenta reais (R\$50,00) por guarda-chuva para os convidados se acomodarem ao longo da cerimônia. Mesmo se a noiva comprasse todos os guarda-chuvas, sairia mais barato do que ela pagou. Ali, eu vivenciei uma situação na qual a cliente foi explorada financeiramente. E, no final, não caiu uma gota de chuva e eles não devolveram o dinheiro.

Após participar do Empretec, em abril de 2018, realizei um curso de gestão financeira no SEBRAE. Assim que o curso finalizou, passei por consultorias individuais, que me ajudaram a entender que meu serviço não era recorrente como imaginava que era, pois quando você coloca na planilha os atendimentos, os ganhos, percebe uma alta variação entre um mês e outro. Concluímos que era necessário ter volume para aumentar o faturamento, e a partir de então passei a oferecer pacotes de *design* de sobrancelhas, combos de maquiagem e penteado, de forma a estimular as clientes a realizarem ambos os serviços, e também combo de dia da noiva mãe e filha, para desta forma atender pelo menos duas pessoas no dia do evento. Estas são estratégias que utilizo até hoje para garantir uma frequência razoável de atendimentos, mas nem sempre os resultados são prósperos, depende muito da época do ano e do contexto de vida de cada cliente. Conforme adquiri experiência, percebi que não adianta utilizar discursos com palavras-chave, com estratégias de persuasão, se a cliente não está no momento de desfrutar daquele serviço.

Figura 45 – Segundo ensaio fotográfico de noivas (2018)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

Após as consultorias, realizei mais um ensaio fotográfico de noivas, em parceria com um fotógrafo e um estilista. Dessa vez, a Bruna também aproveitou a oportunidade para levar duas modelos e criar seu portfólio de noivas. Devido à experiência anterior, o processo foi muito tranquilo, e rendeu muitas fotos lindas, que usei amplamente para divulgar meus serviços. Uma das modelos participantes também estava no ensaio anterior, e acompanhou toda a evolução do trabalho desenvolvido.

Em agosto de 2018 promovi um evento para noivas no *studio*, nomeado *Workshop Pré Wedding*. Para realizar o evento, convidei diversos fornecedores para divulgarem seus negócios: banda musical, assessora de casamento, decoradora, importadora de vinhos, agência de viagens, fotógrafos, estilista, *personal organizer*, loja de semijóias. Todos esses fornecedores ofereceram como benefício para os casais participantes cupons de desconto, além de mimos que foram acondicionados em sacolas personalizadas. Organizei sozinha o evento, criei diversos materiais para divulgação em redes sociais e criei links para os interessados se cadastrarem e garantirem sua participação. Como brinde, cada participante ganhou uma edição impressa do meu *e-book*: *Dicas de beleza para noivas: fique linda no dia do seu casamento e no dia a dia também*, que foi lançado no *workshop* e colocado à venda no *website* da Amazon. A produção desse *e-book* teve a intencionalidade de ampliar minha visibilidade como profissional de beleza especializada em noivas, assim como ser um brinde funcional para todas que entrassem em contato comigo.

Figura 46 – *E-book* Dicas de beleza para noivas (2018)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

Lembro que na época em que produzi esse material estava debilitada fisicamente, e levava o notebook para a cama e fazia cada etapa bem devagar, revisando muitas vezes cada trecho. Aprendi sozinha a criar um perfil para comercializar o livro, assim como a diagramação para a impressão em gráfica. Solicitei a impressão de cem (100) unidades, e a gráfica errou uma página na hora de imprimir; para redimir o erro, realizaram a impressão correta em mais cem (100) unidades, o que me gerou o dobro de material para prospectar e presentear as clientes.

O *workshop* foi um sucesso, com lotação máxima do espaço. Como resultado, fechei dois contratos de dia da noiva. A experiência que tive como diretora de vendas na Mary Kay serviu de base para organizar todos os detalhes, desde o planejamento até a execução de todas as etapas. Foi um evento que demandou cerca de dois meses de trabalho, e envolveu o alinhamento com parceiros, captação de brindes, organização dos materiais e do espaço físico, elaboração de cronograma e de material para palestra, convite às modelos. No dia do evento, o único imprevisto que enfrentei foi o mal funcionamento do ar condicionado, mas, como estávamos no inverno, a maioria que estava presente sequer percebeu. O evento teve duração total de três (3) horas, nas quais as convidadas tiveram acesso a dicas de moda, tendências de beleza, técnicas de organização do lar, dicas para viagem de lua de mel, e puderam degustar doces finos e vinhos, e foram recepcionadas com um músico tocando violino na porta. Quando comecei a planejar o dia, não tinha ideia que ele se transformaria em um megaevento! Foi uma grata surpresa protagonizar a realização desse *workshop*.

Figura 47 – *Workshop pré wedding* (2018)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

Um mês após a realização deste workshop, participei de um evento promovido por um *blog* especializado em casamentos, no mesmo espaço onde casei. Eu já tinha conhecimento que não era a única fornecedora do serviço de dia da noiva presente no evento, então, me preparei para criar a melhor impressão possível: providenciei camisetas personalizadas com logotipo, levei minha maleta camarim, a cadeira de maquiagem, folhetos, cartões de visita e o *e-book* impresso. Cheguei cedo no espaço, acompanhada da minha irmã, minha prima e da Bruna, que foram minhas parceiras de trabalho e modelos. Organizamos todos os materiais com capricho, realizei as maquiagens, a Bruna realizou os penteados, e uma estilista que já havia realizado eventos em parceria cedeu os vestidos de noiva para as meninas desfilarem durante o evento.

Figura 48 – Evento Casar na Cantareira (2018)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

Lembro que a outra fornecedora de dia da noiva, ao chegar no local e se deparar com tudo estruturado, solicitou aos organizadores do evento, aos berros, cadeira apropriada e espelho para improvisar um camarim. Ali, naquela situação, percebi o quanto me diferenciava dentro desse mercado, por planejar e ter estratégia.

Após esses eventos, promovi mais dois workshops para noivas no mesmo formato, porém os resultados já não foram os mesmos. Ou seja: não existe receita pronta para um evento dar certo. Embora o planejamento e a expertise sejam fundamentais, não há garantia nenhuma que os resultados serão frutíferos.

Diante dessa constatação, voltei a procurar o SEBRAE para realizar novas capacitações. No mês de março de 2019, participei de um programa chamado *speed mentoring*, que foi desenvolvido para auxiliar empreendedores na validação de negócios. Minha intenção ao participar dessa formação era validar a oferta de cursos de automaquiagem na modalidade online, e conhecer novas ferramentas para aplicar no meu negócio. Ao longo do programa, conheci diversas ferramentas e me apaixonei pela metodologia *design thinking*. Mas também passei por uma situação desagradável: ao relatar as dificuldades enfrentadas no meu negócio, durante uma atividade, ouvi de uma professora que estava fazendo algo muito errado, pois o mercado de festas e eventos era muito próspero. Ouvir essa afirmativa doeu e me causou uma grande indignação. Hoje entendo que, ao pedir ajuda e orientação para pessoas que não compreendiam a complexidade do nicho no qual estou inserida foi meu grande erro, e não que eu estava fazendo algo errado ao longo das atividades que desenvolvia. Eu não tinha um salão de beleza, e sim um espaço que oferecia apenas maquiagem, penteado e *design* de sobrancelhas. Meu negócio não se sustenta apenas com noivas, não tenho funcionários; sou uma empresa individual que oferece serviços específicos, e que são realizados de forma a atrair um grupo específico de mulheres, que possuem uma visão de que os serviços de maquiagem e penteado devem ressaltar a beleza natural, e não transformar a mulher. E nem todos os consultores de empreendedorismo compreendem a especificidade do trabalho do maquiador de festas e casamentos; para eles, todos os serviços relacionados à beleza possuem as mesmas características.

A prestação de serviços de maquiagem e penteado se difere porque não é um serviço recorrente; a pessoa que busca esse tipo de serviço possui algum compromisso importante o suficiente para não se arrumar sozinha; é um serviço custoso para a cliente, portanto, ela vai pensar muito antes de contratar, diferentemente de um serviço de manicure ou depilação, por exemplo. É um serviço com baixa demanda comparado à quantidade de profissionais disponíveis no mercado, e muitas vezes a divulgação em redes sociais pode ter um caráter

apelativo, em busca de conquistar uma nova clientela; sendo que muitas vezes as novas clientes chegam apenas por indicação de quem aprovou o serviço. Elaborar um plano de vendas e uma estimativa mensal de faturamento é praticamente uma missão impossível, pois nunca se sabe se naquele fim de semana várias clientes desejarão ser atendidas ou não. Embora tenha conhecimento de muitas estratégias de vendas, nunca consegui aplicá-las com resultados satisfatórios, por diversas razões: quando investia em marketing digital para obtenção de novas clientes em potencial, embora fizesse todo o trabalho de delimitação territorial, de preferências, e todas as ferramentas disponíveis para filtrar o público alvo dos anúncios, os leads adquiridos, na grande maioria das vezes, não se convertiam em clientes; a divulgação de benefícios para clientes que indicassem amigas trouxe pequenos resultados; a venda de pacotes de serviços pareceu promissora na venda do primeiro pacote, porém na grande maioria das vezes, a cliente não renovava ao finalizar o combo; enfim, muitas foram as dificuldades enfrentadas e as ações realizadas para reverter essa situação. Levei cerca de 3 anos para compreender que a baixa demanda não era um problema causado por má gestão ou omissão de minha parte, e sim que esta é uma característica própria do negócio - característica do negócio dentro do contexto no qual estava inserida: trabalhando sozinha, de forma independente. E esta foi uma escolha minha durante muito tempo; depois de enfrentar diversas dificuldades ao ser coordenadora pedagógica, não tinha vontade e interesse de trabalhar fazendo parte de equipes, agências, salões de beleza; e também não tinha interesse em explorar o mercado oferecendo um serviço escalável, no qual poderia contratar maquiadores a um custo baixo e colocá-los para realizar atendimentos no meu lugar. Transformar meu *studio* de Maquiagem em um salão de beleza também nunca foi um desejo meu, pois honestamente, não gosto do ambiente de salão de beleza: espaço barulhento, pessoas realizando serviços simultaneamente nas clientes, muita fofoca. E é interessante destacar que o *studio* sempre foi frequentado por clientes que também não gostam do ambiente de um salão de beleza tradicional, e buscam um atendimento personalizado, em um ambiente tranquilo, com privacidade.

Vender serviços é muito diferente de vender produtos, que envolve o desejo, o impulso; com serviços como maquiagem e penteado, é necessário a cliente precisar daquele serviço em uma data específica. E, caso as clientes estejam passando por dificuldades financeiras, os serviços de beleza são os primeiros a serem cancelados de sua rotina. No período que iniciou em 2014 até o fim de 2016, enfrentamos uma grande recessão econômica no Brasil: “a grande recessão iniciada no segundo trimestre de 2014 é a mais profunda e duradoura queda do nível de atividade econômica desde o término da Segunda Guerra Mundial. (Oreiro, 2017, p.75). Os impactos desta recessão foram sentidos em meu negócio até meados de 2019. Naquela época,

compreendi que insistir no oferecimento de serviços me fazia apenas inconveniente. Ao longo dos anos, desenvolvi muitas técnicas de vendas de produtos, porém observei que nem todas são aplicáveis para a venda de prestação de serviços.

A experiência adquirida ao trabalhar como Coordenadora Pedagógica contribuiu também para a gestão do meu negócio, haja visto que precisei desenvolver uma visão do todo, em que as ações se complementam, assim como no funcionamento de uma escola. Todas as atividades que desenvolvi ao longo dos nove anos de existência do *studio* foram pautadas em planejamento e estudos de gestão de negócios. Por muitas vezes fiz uso de ferramentas como Metas *Smart*, 5W2H – *Who? What? Where? When? Why? How? How Much?* e muitos *templates* de *Design Thinking*. O que percebi diante da aplicação destes e da análise dos resultados obtidos é que muitas vezes, os resultados divulgados em mídias são demasiadamente fantasiosos. A complexidade de obter e manter clientes, de garantir uma receita mínima mensal que custeie as despesas e o pró-labore é imensa, e fazer comparações com essas divulgações servem apenas para que o empreendedor se enxergue como alguém que sempre está fazendo algo de errado, como se ele estivesse sempre um passo atrás de todo mundo. O discurso meritocrático no empreendedorismo chega a ser nefasto, pois faz com que toda essa categoria se dispunha a pagar, muitas vezes, muito caro, por soluções de *marketing*, de *networking* que não garantem em absoluto que a realidade será melhorada. Enquanto muitos empreendedores se desesperam, trabalhando de domingo a domingo, esperando um resultado rápido que solucione suas contas do mês, muitos enchem os bolsos oferecendo soluções que parecem o canto da sereia para quem vive essa realidade.

Continuei prospectando noivas e melhorando o processo de realização do trabalho. A cada atendimento, pensava o que poderia melhorar e proporcionar para minha cliente. O planejamento do dia da noiva incluía fotografias do dia da prova, croqui de desenho com as cores selecionadas, relação com a ordem de aplicação dos produtos, além de toda a estrutura física. A biossegurança também era uma prioridade, e para cada atendimento, deixava um kit montado com pincéis e descartáveis. Tudo muito planejado e estruturado. Assim, conseguia ter tempo para realizar diversos atendimentos no mesmo dia e aumentar meu faturamento por festa. As respostas para minhas perguntas foram obtidas na vivência e na análise crítica de cada situação vivida. As formações que até então tinha realizado, traziam conceitos e ferramentas gerais, que podem ser aplicadas para qualquer negócio. Encerrei o ano de 2018 com sensação de dever cumprido, pois estudei muito o meu negócio, desenvolvi ações de divulgação que me auxiliaram no posicionamento dentro do mercado de casamentos, realizei parcerias e conheci muita gente.

Iniciei o ano de 2019 com um ciclo de palestras na UNIP, nos campus Anchieta, Alphaville, Cidade Universitária e Marquês, que ministravam o curso de estética. Nelas, abordava a questão da biossegurança nos atendimentos, relatava um pouco da vivência no mercado de festas e eventos, e executava uma maquiagem e um penteado para as alunas conhecerem o passo a passo desses procedimentos.

Figura 49 – Palestra na UNIP Cidade Universitária (2019)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

A partir dessa experiência, passei a considerar mais viável a ideia de trabalhar como professora no Ensino Superior na área da beleza, e comecei a sondar esse mercado, analisando as universidades que ofereciam cursos, quais as titulações dos professores atuantes, quais os passos que precisava tomar para começar a explorar essa oportunidade.

Durante o primeiro semestre de 2019, continuei promovendo eventos para noivas no meu espaço, e realizei dois ensaios fotográficos, em parceria com uma estilista que tinha o ateliê próximo ao meu *studio*. O primeiro ensaio foi um sucesso, rendeu fotos belíssimas e foi um trabalho muito prazeroso e gratificante. Já o segundo ensaio incluiu um desfile de noivas, e assinei a beleza de cinco (5) modelos, as demais foram produzidas pela irmã da estilista, que também era maquiadora. A produção das modelos foi na casa dessa maquiadora, e o desfile aconteceu em um espaço para eventos no mesmo bairro. Assim que me dirigi ao local para acompanhar o desfile, me deparei com uma situação que jamais imaginei viver: a irmã da estilista havia alterado as maquiagens e penteados que realizei! No momento em que vi que as

modelos estavam completamente diferentes do que havia produzido, fiquei atordoada e me retirei do local. Compreendi que não tinha espaço para mim ali. Ao comunicar a estilista por mensagem, a mesma apenas me respondeu que não podia fazer nada a respeito. Perdi meu tempo, meus produtos e não pude aproveitar nenhuma fotografia, o que me causou muito desgosto.

Naquele momento, decidi realizar um curso de fotografia, para que não fosse mais dependente de fotógrafos para ter bons registros do meu trabalho. Na época, eu tinha uma câmera semiautomática, que me gerava boas fotografias, mas desejava aprender mais sobre as funcionalidades e recursos. Inicialmente fiz um curso na Canon, e em seguida, retornei ao SENAC e realizei um *workshop* de fotografia para redes sociais. Mais uma vez, fiz uso de uma situação desfavorável para aprender e ter mais autonomia para realizar meu trabalho.

Logo após finalizar os cursos, decidi alterar minha logomarca. Dessa vez, fiz a criação sozinha, usando aplicativos de código aberto. Já não me sentia mais confortável em utilizar o termo academia de maquiagem, meu foco era outro.

Figura 50 – Nova logomarca (2019)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

Optei por uma produção simples, com cores e fonte selecionadas cuidadosamente. Já havia investido tanto dinheiro em diversas coisas, que não estava disposta a pagar alguém para realizar esse trabalho. Passei a utilizar o aplicativo Canva para gerar materiais para divulgação em redes sociais, assim como para elaborar a parte gráfica da newsletter que enviava semanalmente para as clientes cadastradas e materiais gráficos. A cada dia, aumentava a minha autonomia quanto aos processos que envolviam o meu negócio e sua divulgação.

Foi em 2019 que criei um canal no YouTube e intensifiquei a divulgação de meu trabalho em redes sociais. Comecei a gravar vídeos com dicas de beleza, sobre o processo que envolve o trabalho do dia da noiva, relatando minha história pessoal e a decisão de trabalhar com beleza. Realizei sozinha todo o processo de criação de vinhetas, edição e publicação dos

vídeos, o que demandou muita dedicação aos estudos. Como nunca realizei impulsionamento do canal, tenho poucos inscritos, porém cheguei a fechar um dia da noiva graças à *playlist* que retrata todo o meu trabalho com esse público. Uma das produções do canal foi realizada em parceria com a empresa Limelife By Alcone, pertencente ao Grupo L'occitane, que permaneceu no Brasil no intervalo de 2019 a 2022.

Figura 51 – Parceria com a Limelife by Alcone (2019)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

Essa parceria gerou frutos para a consolidação da minha imagem como maquiadora profissional, e também na ampliação dos produtos da minha maleta, pois ganhei um kit completo com todos os itens da marca, com excelente qualidade.

Outro foco que dei à divulgação do meu trabalho e construção de rede de relacionamento com empreendedores foi participar de diversos eventos promovidos pelo SEBRAE, pela Rede Mulher Empreendedora e pelo Grupo Mulheres do Brasil. A partir desses contatos, fui convidada a palestrar no SEBRAE de Guarulhos em maio de 2019, contando minha história de vida e a transição de carreira.

Ao longo do ano, tive o privilégio de firmar contratos com muitas noivas, o que evidenciou que os esforços estavam gerando frutos. Finalmente estava começando a colher os resultados do trabalho árduo.

Figura 52 – Dia da noiva (2019)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

Nesse dia da noiva, realizei a maquiagem de cinco (5) pessoas, mais a maquiagem e o penteado da noiva. Foi o evento que consegui realizar mais atendimentos, e não tive nenhuma intercorrência ou atraso: tudo saiu conforme planejado e todas ficaram muito satisfeitas com o resultado, me rendendo boas avaliações na ferramenta Google Meu Negócio.

Aproveitei o resultado financeiro positivo do momento para investir em uma MBA de Gestão Estratégica de Negócios, o que me auxiliou muito na compreensão do processo que vivenciava. Em paralelo, participava de um grupo de estudos promovido pelo SEBRAE, exclusivo para profissionais da área da beleza e estética. Uma das etapas de estudo do grupo consistia em realizar o curso de gestão financeira, como eu já havia feito no ano anterior, fiz o curso de marketing. Logo após a finalização dessa etapa, o grupo diminuiu muito, e um dos motivos que ocasionou essa evasão foi a linguagem utilizada para explicar os termos financeiros. Naquele momento, percebi que muitas pessoas que começam a empreender por necessidade não conseguem acompanhar a linguagem utilizada no universo do empreendedorismo. Essa constatação foi a base para a criação de um novo projeto: o Empreenda na Beleza. Em maio de 2019, minha empresa foi selecionada pelo SEBRAE para participar do Programa ALI, que objetiva trazer inovação e aumento de faturamento para as empresas participantes. Inicialmente, desejava criar algo relacionado ao consumo consciente de cosméticos, mas ao validar a ideia junto a clientes, percebi que não era viável sua aplicação. A partir da indignação que senti ao ver o grupo se esvaziar e não perceber nenhuma movimentação

para reter esses profissionais no grupo, utilizei as ferramentas do ALI para criar um programa de educação não-formal para trabalhar com esse público o passo a passo do planejamento e da estruturação de um pequeno negócio de beleza. Para realizar as etapas de validação e criação do Empreenda na Beleza, fiz uso dos meus conhecimentos como Pedagoga, como empreendedora do segmento, e os conteúdos abordados ao longo da MBA. Para a divulgação, criei website, perfis e grupos em redes sociais, canal no YouTube, *podcast* e fiz o registro da marca no INPI. Esse processo iniciou em 2019 e finalizou em meados de 2020.

Figura 53 – Cerimônia de encerramento do Programa ALI (2019)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

A cerimônia de encerramento do Programa ALI teve como programação a apresentação do projeto desenvolvido por cada empresa, e foi realizado no escritório da Hackathon Brasil. Foi uma noite de grande aprendizagem e reconhecimento do trabalho dos empreendedores da região, pois o simples fato de compartilhar cada projeto fez eu conhecer um pouco mais sobre os trabalhos desenvolvidos em outros segmentos.

Em 2019, também investi na reforma do *studio*, que ficou mais aconchegante e funcional para os atendimentos. Para a realização da reforma, eu e meu esposo colocamos a mão na massa, e realizamos os serviços de pintura, instalação de bancada no lavabo, colocação de pastilhas no lavabo, instalação de azulejos na copa. A reforma durou cinco (5) dias, foi um processo bem cansativo, mas o resultado foi muito satisfatório.

Figura 54 – Reforma do Studio (2019)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

A conquista de ter meu próprio espaço de trabalho sempre foi muito valiosa para mim, e cuidar de cada detalhe, manter tudo organizado e limpo, era uma atividade terapêutica. Frequentemente comprava flores, aromatizadores de ambiente, docinhos para as visitas. Preparava o café assim que a visita era anunciada pelo interfone, assim a recepção tinha um gosto especial. Todo mundo que visitava, falava como o ambiente era gostoso. Após a reforma, decidi aumentar a possibilidade de ganhos e passei a ofertar o aluguel do espaço por hora, como um *coworking* de beleza. Consegui firmar alguns contratos e obter uma renda extra. O mesmo cuidado que eu tinha para recepcionar as minhas clientes, também tive com as pessoas que alugavam o espaço. Foi uma estratégia que oportunizou o uso do espaço de forma inteligente e que mantive durante todo o tempo de funcionamento do *studio*.

No final de 2019, firmei parceria com uma publicitária que divulga os negócios locais em suas redes sociais e website, e com isso, ganhei uma visibilidade maior no bairro. Tudo estava caminhando para consolidar minha imagem profissional. Em dezembro de 2019, realizei o primeiro evento presencial do Empreenda na Beleza, que foi um workshop de planejamento estratégico, no qual ensinei a utilização de ferramentas como o Canvas, 5W2H e troquei experiências sobre o universo da beleza.

Figura 55 – Prepare-se para 2020 (2019)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

O evento teve um total de três participantes, que conheci através da divulgação do evento. Uma delas fechou em seguida uma consultoria específica para trabalhar com dia da noiva. Para a divulgação, utilizei os mesmos passos dos eventos anteriores.

Estava orgulhosa de todo o processo e crente de que o êxito seria grande em 2020. Para março, meus planos era intensificar a divulgação do serviço de dia da noiva, e incentivar as noivas a se arrumarem no meu espaço. No dia 08 de março de 2020 participei de uma feira exclusiva para a comunidade judaica, em um grande espaço de eventos, localizado no bairro de Higienópolis.

Figura 56 – Feira *Le Chain* (2020)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

A intenção em participar de uma feira destinada à comunidade judaica era fazer parte desse rol de fornecedores, atendendo a um novo perfil de clientes. Embora tenha ao longo do evento distribuído gratuitamente unidades do meu *e-book*, e trabalhado nos dias seguintes a relação de clientes participantes do evento, não tive nenhum retorno: nenhum contrato assinado, nenhuma nova parceria.

4.5 – A pandemia de COVID-19 e as mudanças de planos

Naquele dia em que estava na Feira *Le Chain*, não tinha a menor ideia do que estava prestes a acontecer, embora as notícias em jornais fossem bem alarmantes. De acordo com o website da OPAS – Organização Pan-Americana da Saúde, no dia do meu aniversário, em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS – Organização Mundial da Saúde como uma pandemia, devido à ampla distribuição geográfica da doença no mundo. Logo em seguida, foi anunciado a quarentena pelo Governo do Estado de São Paulo, em 21 de março de 2020. Lembro que tive que cancelar diversos agendamentos, tais como reuniões com noivas e aulas de automaquiagem. A sensação foi de insegurança total, nunca imaginei que viveríamos uma pandemia tão longa. Durante muitos dias chorei e me senti presa dentro de minha própria casa, com uma sensação muito grande de impotência.

Para não ficar parada, reformulei meu *website* e criei diversos materiais para divulgação em redes sociais e na ferramenta Google Meu Negócio. Não enfrentei dificuldades para realizar essa atividade, porém ela demandou bastante tempo, pois trabalhei intensamente os metadados para melhorar o resultado orgânico na ferramenta de busca do Google. Até hoje, ao realizar a busca do serviço de maquiagem na região onde estou localizada em São Paulo, meu *website* vem como um dos primeiros resultados, sem eu precisar pagar para isso.

Aproveitei a energia demandada e elaborei o *website* do Empreenda na Beleza, que foi um pouco mais complexo pelo fato que tive que realizar a compra do domínio. Para o *website* do studio, fiz uso de um domínio que meu marido havia adquirido anteriormente. Precisei elaborar uma relação de serviços oferecidos, o que me fez pensar nas diferentes oportunidades que o programa poderia explorar: treinamento em salões de beleza já estabelecidos, *workshops*, palestras e consultorias personalizadas.

Até hoje, mantenho os mesmos *websites* em funcionamento, e eles sempre me trazem novos clientes e interessados em conhecer meu trabalho; grande parte de novos clientes que me encontram na Internet são oriundos dos resultados de busca do Google e das visitas aos

websites, em uma porcentagem muito maior se comparados aos clientes que me conheceram através de redes sociais.

Dediquei tempo também para produzir um *e-book* sobre biossegurança e beleza, voltado para os clientes conhecerem quais os procedimentos que devem ser adotados pelos profissionais nos atendimentos. Esse *e-book* foi distribuído gratuitamente pelas redes sociais, pelo *website* e pelo Instituto Vasselo Goldoni.

No total, fiquei sete (7) meses sem realizar nenhum atendimento e sem faturar. Foram momentos bem difíceis, pois não tinha reserva financeira. Nessa época, meu esposo arcou com todas as despesas de casa, as minhas despesas pessoais e também as despesas do meu negócio, o que estremeceu o nosso relacionamento. Voltei a realizar os atendimentos duas (2) semanas após a liberação oficial pelo governo, tomando todos os cuidados em relação à biossegurança. Investi em descartáveis, criei um protocolo de atendimento e retomei aos poucos as atividades. Durante esse período, consegui junto ao Banco do Povo, um empréstimo a juros zero, no valor total de quinze mil reais (R\$15.000,00), pagos em vinte e quatro (24) parcelas, com uma carência de três (3) para iniciar os pagamentos. Com esse dinheiro, adquiri um notebook com configuração avançada, para realizar edição de fotos e vídeos, uma impressora a laser, uma nova câmera fotográfica, materiais gráficos, e também realizei o pagamento da publicitária que divulgava meu negócio na região. Não foi um processo fácil para a obtenção desse crédito, precisei elaborar um planejamento do uso do dinheiro, apresenta-lo e também tive que me dirigir diversas vezes ao Banco do Povo para que meu processo fosse analisado e aprovado. Exigi muita persistência e paciência, mas valeu muito a pena. Até hoje, esses são meus instrumentos de trabalho, e nenhum apresenta sinais de obsolescência.

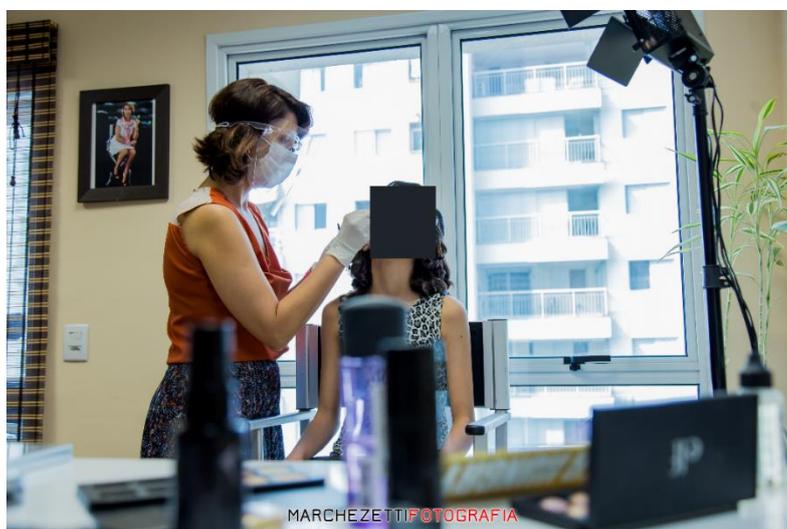
Nessa época, repensei minhas decisões profissionais, e decidi retornar à educação, mas para trabalhar com educação superior. Tinha certeza que meu papel como professora de educação básica já tinha concluído com êxito, e que precisava de um desafio maior: ingressar em um novo universo. Para isso, dei o primeiro passo ao realizar o curso de extensão de Tutoria em EAD, e redigi um projeto de pesquisa de Mestrado para apresentar a diversos programas de pós-graduação. Como estava distante do universo acadêmico desde 2015, senti muita dificuldade para realizar esse trabalho sozinha. Cheguei a pedir ajuda para alguns amigos que trabalharam comigo na Prefeitura de São Paulo, mas acabei apenas pegando algumas dicas, e o trabalho foi realizado sozinha, assim como a inscrição em diversos processos seletivos. Realizei essas atividades em paralelo ao trabalho, o que me demandava muitas horas de estudo e de escrita. O processo de escrita durou cerca de quatro (4) meses, e ocorreu em meados de 2020.

Nesse período também realizei diversas transmissões ao vivo em parceria com amigas,

com o Shopping próximo à minha casa, e participei de uma feira online de casamentos, com o objetivo de manter a visibilidade no mercado e não arriscar perder os resultados de todo o trabalho realizado até o momento. Em setembro de 2020, me associei à Intercoiffure Brasil, associação de cabeleireiros e maquiadores que atua internacionalmente, com o objetivo de interagir e compreender como os profissionais do meu segmento enfrentavam as dificuldades impostas pela pandemia. De todos os clientes que precisei cancelar o atendimento no início da pandemia, não perdi nenhuma noiva em potencial, apenas clientes de aulas de automaquiagem. Graças a esses contratos, consegui retomar o faturamento assim que reestabeleci os atendimentos. Lembro que nessa época também atendi muitas gestantes que agendaram ensaio fotográfico em uma sala comercial no mesmo prédio, o que também me gerou renda. Ainda assim, o sentimento de impotência e de incerteza era muito grande.

Dando continuidade a criação de portfólio, realizei em parceria com uma assessora, uma estilista e fotógrafo um ensaio para debutante. A intenção era realiza-lo em um espaço de festas e eventos, mas na última hora a gerente recusou o convite para participar do editorial. Acabamos realizando no studio, utilizando os recursos que tínhamos em mãos, e o resultado foi muito bom. Não é necessário ter uma estrutura robusta para realizar um bom trabalho, é necessário ter estratégia. Se não fosse por minha persistência, o trabalho não teria saído do papel, pois as fornecedoras parceiras ficaram muito decepcionadas com essa desistência do espaço. E, por conta disso, pudemos aproveitar muito as áreas comuns do condomínio onde o *studio* está localizado, e utilizar esse material para apresentar opções de fotografia para noivas que decidissem realizar seu dia da noiva no espaço.

Figura 57 – Ensaio debutante (2020)

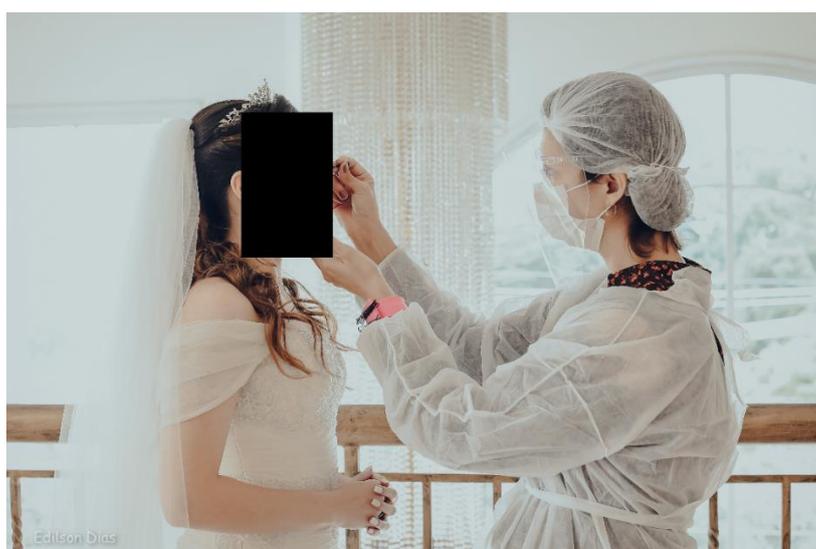


Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

Em nenhum momento fiquei estagnada durante a pandemia, ao contrário, buscava alternativas para manter o meu negócio visível e ativo, analisando os riscos para minha saúde. No entanto, os resultados financeiros demonstraram que o meu negócio era muito frágil, não apenas por conta de não ser um serviço recorrente, mas também pelo fato que questões ambientais e políticas podem causar um grande impacto nos resultados. Foi nesse período que planejei e iniciei uma nova trajetória profissional, voltada à retomada da carreira na área educacional. Compreendi que o ideal era levar a profissão de maquiadora em paralelo, de forma ter sempre uma renda recorrente. Não foi uma constatação fácil de digerir, afinal, depois de tanto trabalho e investimento de tempo e dinheiro, perceber que o que foi construído corria grandes riscos, é de tirar o sono de qualquer um.

Mas em nenhum momento desisti da jornada, mantive contato com diversos fornecedores, e em novembro de 2020 participei de mais dois (2) editoriais para noivas, tomando o máximo de cuidado para que a maquiagem e o penteado fossem realizados de forma segura. Fiquei com muito medo de adoecer, devido ao meu histórico de saúde e o fato da COVID-19 poder gerar sequelas pulmonares. Hoje, ao ver as fotos desses ensaios, percebo que os cuidados foram tomados nos mínimos detalhes, e que meu protocolo de atendimento mudou radicalmente. Esse cuidado me diferencia dos demais profissionais, pois as clientes percebem o cuidado e valorizam essa postura. Muitos comentários realizados na página de avaliação da empresa no Google relatam esse cuidado com a biossegurança como um diferencial.

Figura 58 – Ensaio de Noivas (2020)



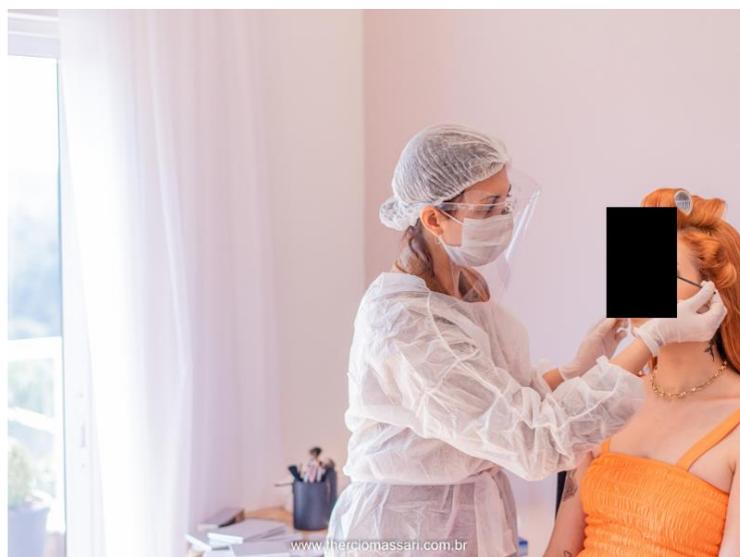
Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

Esse editorial foi realizado em um espaço para eventos localizado na Vila Mariana, e

rendeu fotos lindíssimas que foram utilizadas nas redes sociais. A organização para a realização foi um tanto tempestuosa, pois a assessora que idealizou o trabalho não tomava a frente do planejamento. Precisava toda hora lembrá-la que o planejamento deveria ser realizado por ela, e não por mim; e que meu papel era realizar a maquiagem, o penteado e o auxílio na colocação dos vestidos e acessórios. Por conta disso, não tive mais interesse em realizar atividades em parceria com essa profissional, meu entendimento era que se eu precisava tomar as rédeas de todo o planejamento, poderia realizar o trabalho sozinha, sem a necessidade de ter ela como parceira.

Já o último editorial do ano de 2020 foi realizado em um espaço recém-inaugurado, no qual tive a oportunidade de conhecer novos fornecedores e firmar novas parcerias, que me renderam muitas indicações. Embora esses trabalhos não sejam remunerados, os frutos gerados pelo trabalho em equipe são vastos; ao longo do desenvolvimento de cada projeto é possível analisar com quem desejamos trabalhar novamente ou não, quem tem a mesma visão de negócio que você, quem trabalha com o mesmo público alvo. São momentos importantes para o amadurecimento tanto do negócio quanto do profissional.

Figura 59 – Ensaio de Noivas (2020)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

Nesse editorial, tive uma sintonia muito grande com a assessora, a dona do espaço, a estilista e o fotógrafo, e repetimos a dose em um outro evento, voltado para apresentar o espaço para as noivas interessadas em fechar o casamento no espaço. Convidei a Bruna para participar do evento, no qual preparamos diversos modelos para um desfile de vestidos de noiva. Cada

convidada ganhou uma edição do meu e-book e bloquinhos de anotações que preparei como brinde. Não cheguei a fechar nenhum contrato de dia da noiva com essas clientes em potencial, mas muitos clientes vieram dessa parceria.

Para o ano de 2021, quis ampliar a oferta de serviços, e passei a oferecer o combo de maquiagem, penteado e ensaio fotográfico. Para divulgar esse serviço, convidei algumas amigas para serem modelos, e rapidamente fechei algumas clientes de ensaio fotográfico para redes sociais. Com a pandemia, muita gente compreendeu a importância de ter um perfil profissional nas redes sociais, e buscaram esse serviço. Todos os serviços foram realizados no studio e na área comum do condomínio, de forma a minimizar despesas adicionais.

Logo no início daquele ano, ao abrir a rede social Facebook, apareceu uma mensagem em pop-up com os dizeres: “Seu negócio foi afetado pela pandemia da COVID-19? Clique aqui”. De curiosa, cliquei e tomei conhecimento de um subsídio voltado para profissionais que tinham sofrido prejuízos durante o período de quarentena. Para comprovar, precisei enviar diversos documentos, o que deixou meu esposo muito ressabiado; ele duvidava que era algo para realmente ajudar os empreendedores, preocupava-se em ser algo para roubo de informações. No final de fevereiro recebi a notificação que havia sido contemplada com o subsídio, no valor de seis mil, oitocentos e cinquenta e oito reais (R\$6.858,00) em dinheiro e quatro mil, cento e catorze reais (R\$4.114,00) em cupons de anúncios do Facebook. Lembro o quanto chorei de emoção e de gratidão, e decidi aplicar esse dinheiro em um curso de micropigmentação de sobrancelhas, para assim gerar uma nova renda, e também adquirir materiais para fotografia, tais como lentes e iluminação profissional.

Figura 60 – Curso de micropigmentação de sobrancelhas (2021)

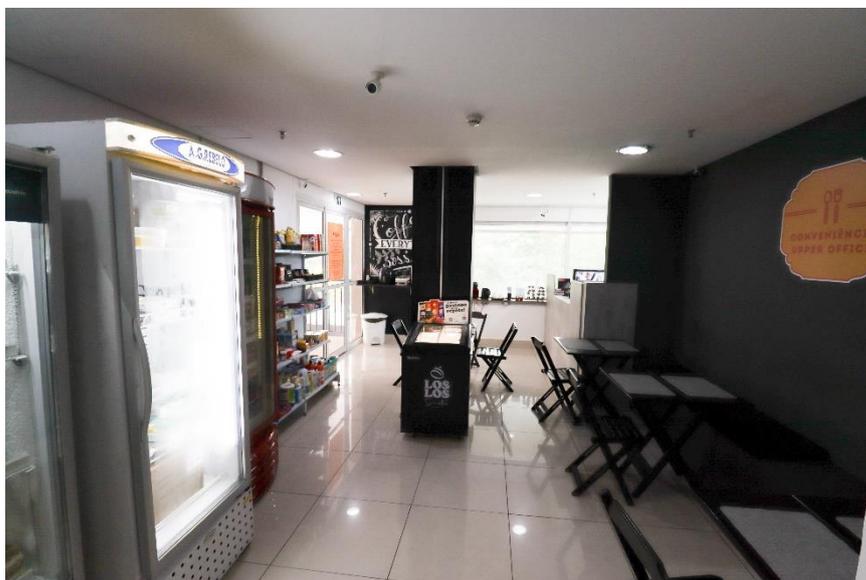


Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

A realização de um procedimento de micropigmentação envolve uma grande responsabilidade, pois é um procedimento permanente. Todas as clientes que atendi, realizei o atendimento em fases, para observar a cicatrização de cada pele, e entender como o pigmento fixava. Preferi sempre pecar na falta do que no excesso, pois a remoção do pigmento é realizada apenas com ácidos ou laser. A primeira cliente que tive após a realização do curso foi a minha irmã, e até hoje o resultado apresenta delicadeza. Me orgulho muito por ter realizado esses trabalhos com responsabilidade e sutileza.

Em maio de 2021, em uma conversa informal com um amigo, que é síndico do edifício onde tenho o conjunto comercial, fui convidada para abrir uma loja de conveniência. Naquela época, havia em funcionamento um minimercado autônomo, que deixava muito a desejar: pouca variedade de produtos, falhas no abastecimento, reclamações de furtos. Lembro que falei para ele que era um trabalho simples de ser realizado, que faltava boa vontade por parte de quem gerenciava, quando ele me desafiou: “então assumo o espaço! ”. Para isso, realizei um estudo de viabilidade, cotei os materiais necessários e aceitei o desafio. O contrato foi assinado no dia 22 de julho de 2021, e até hoje mantenho a Conveniência Upper Office em funcionamento diário.

Figura 61 – Conveniência Upper Office (2023)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

Em paralelo, continuei com os atendimentos a noivas e os materiais para divulgação do trabalho. Em agosto realizei em parceria com uma fotógrafa e a estilista que havia trabalhado nos últimos ensaios um editorial de noivas lindíssimo, realizado em um evento localizado na

serra do mar, em São Bernardo do Campo. Também atendi uma debutante belíssima, que me rendeu uma parceria muito significativa com o fotógrafo responsável pelos retratos na festa. Ele foi o responsável por gravar meu curso de automaquiagem online, tão idealizado, estudado e planejado. O material ficou belíssimo, e tenho muito orgulho dele, porém ainda não foi publicado em plataformas de curso online. O trabalho que iniciou em 2022 com a gravação, ainda está em desenvolvimento, pois não consegui desenvolver a apostila que acompanhará os vídeos da forma como gostaria. Toda vez que penso quanto tempo já se passou desde a gravação, lembro do ditado que o feito é melhor que o perfeito.

Figura 61 – Gravação do Curso de automaquiagem online (2022)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

Ao redigir essa narrativa, me emociono ao encontrar um comentário do meu pai na rede social Facebook, me desejando sucesso e me parabenizando. Meu pai faleceu no dia 04 de agosto de 2023, repentinamente. Ele adorava comentar as minhas postagens, sempre me elogiando: era a princesa do pai, como ele falava. A sensação de vazio é grande!

Foi início do ano de 2022, após não ser aprovada em alguns processos seletivos para mestrado, que tomei a decisão de iniciar a graduação em Psicologia. Na época, brincava que não havia feito plano A e plano B, e sim do alfabeto inteiro. Estava firme na decisão que nunca mais passaria pela situação financeira vivida no início da pandemia. Voltar para a sala de aula

depois de tantos anos foi muito desafiador, mas encarei firme e cursei o primeiro ano com aprovações em todas as disciplinas. No meio do ano, decidi cursar em paralelo uma pós-graduação em docência no ensino superior, já que não havia conseguido ingressar no mestrado. Com ela, poderia ingressar no ensino superior como professora especialista. A partir desse momento, passei a me candidatar a diversas vagas, para entender como funcionava o processo seletivo.

Nessa época, contratei uma funcionária para me auxiliar com as atividades da conveniência, que permaneceu comigo durante cinco (5) meses. Nunca havia contratado ninguém anteriormente, em regime CLT – Consolidação das Leis do Trabalho, e cometi a ingenuidade de realizar todos os trâmites legais sem o auxílio de um contador. Quando precisei demiti-la, passei por situações de muito estresse, pois não conseguia gerar a multa rescisória no sistema. Até eu descobrir que o problema estava no modelo do certificado digital, passaram-se meses, nos quais fui muito pressionada. Uma experiência que não desejo a ninguém, e tenho consciência de que é muito recorrente na vida de diversos empreendedores. Os desafios começam na realização das entrevistas, pois me deparei com candidatos sem preparo algum, outros que sabem se vender bem, como foi o caso dessa funcionária que contratei. No início, o trabalho atendia às expectativas, mas em pouco tempo os problemas com atrasos, faltas e falhas na comunicação tornam insustentáveis para mantê-la empregada. Ao realizar o processo de demissão, fui objetiva e falei apenas o suficiente, pois sabia que poderia, apesar de ter feito tudo dentro dos trâmites legais, ganhar um processo trabalhista. Hoje, não cogito contratar ninguém para voltar a trabalhar na conveniência, e quando preciso de ajuda, recorro ao meu esposo e ao meu sobrinho.

O trabalho como maquiadora continuou a ser realizado ao longo do ano de 2022. Naquele ano, aconteceram muitos dias de noiva que haviam sido reagendados por conta da pandemia, diversas maquiagens e penteados para eventos, algumas micropigmentações de sobancelhas. Em novembro, realizei uma festa para comemorar oito (8) anos do studio. Foi um evento muito gostoso, que contou com a presença de amigos, clientes e parceiros. Depois de ter passado pelo isolamento ao longo da pandemia, senti a necessidade de me reunir com pessoas queridas e comemorar a vida e os caminhos traçados. A definição de sucesso tem um significado diferente para cada um, e para mim, naquele momento, estar viva, poder estudar e trabalhar era sinônimo de sucesso e motivo de muita comemoração.

Figura 62 – Aniversário de oito anos do Studio (2022)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

Ao cortar o bolo, o pessoal achou graça quando disse que não ia fazer discurso bonito, mas simplesmente agradecer por ter sobrevivido à pandemia sem me acabar em dívidas e ter conseguido emagrecer vinte e cinco (25) quilos. Meu senso de humor sempre foi peculiar, para não dizer algo mais comprometedor.

Depois desse evento, realizamos uma viagem, pois fazia bastante tempo que não tirávamos férias. Ao longo da viagem, precisei estudar para as provas finais da faculdade, realizar algumas atividades da pós-graduação e, no dia em que retornava para São Paulo, realizei a prova escrita do processo seletivo para mestrado do Centro Paula Souza, em pleno voo. Consegui enviar as respostas das questões no último minuto, ao lado do portão de desembarque do aeroporto.

O no início do ano de 2023, recebi a notícia da aprovação no programa de mestrado, era a primeira da lista de espera. Nunca desejei tanto que alguém desistisse de algo para que eu pudesse usufruir! Assim que realizei a matrícula, optei por paralisar a faculdade, pois sabia que seria muito difícil conciliar a graduação, o mestrado, mais as atividades profissionais. Lembro que nessa época, algumas pessoas chegaram a dizer que eu estava exagerando, realizando muitas atividades ao mesmo tempo. Uma semana após as aulas do mestrado começarem, meu esposo foi demitido, depois de trabalhar dezessete (17) anos na mesma instituição, e

permaneceu desempregado por quatro (4) meses. Se não fosse pelo fato de eu buscar novas oportunidades e estudar, estaria sem perspectiva para lidar com essa situação. Tinha clareza que estava fazendo tudo que podia para melhorar meu presente e meu futuro. E, sinceramente, não sei como alcançar novos objetivos sem recorrer à educação formal.

Figura 63 – Seminário de Pesquisa (2023)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

Cursar o mestrado corresponde a uma grande realização pessoal, que me direciona para chegar aos objetivos que tracei desde o ano de 2020. Desde o início do curso, tinha em mente que precisava encontrar um caminho para ingressar no ensino superior enquanto estivesse cursando o mestrado, pois se finalizasse sem nenhuma experiência, correria o risco de ser mais uma com titulação de mestre e desempregada, e não queria fazer parte dessa estatística. Para isso, passei a me candidatar em muitas vagas na área.

Enquanto isso, dava continuidade às minhas atividades profissionais. No começo do ano, enfrentei alguns clientes da conveniência descontentes com o fato de que o local voltaria a ser autosserviço. Com muito diálogo, consegui contornar a situação e mantive a média de faturamento que tinha antes da contratação da funcionária. Ao longo do ano, participei novamente do Programa ALI, e desenvolvi uma loja virtual de congelados sem glúten, de forma a otimizar o uso da estrutura da loja de conveniência e ampliar o público-alvo e os lucros. Na área da maquiagem, o número de noivas diminuiu muito, o que me fez buscar novas oportunidades. Firmei parceria com uma loja do bairro para divulgar curso de maquiagem corporativa, e comecei a flertar com o universo de consultoria de imagem.

Foi em julho de 2023 que realizei o dia da noiva de minha aluna do berçário, momento em que me senti lisonjeada por ter sido escolhida para cuidar dela num dia tão especial. Foi o dia da noiva mais desafiador que tive, pois, ao fechar seu vestido, o zíper estourou e tivemos que costurar o vestido no corpo dela, ocasionando o atraso de quarenta (40) minutos para o início da cerimônia. Foi um momento de grande tensão para todos! No mês seguinte, realizei o último dia da noiva da história do studio, que foi a última remarcação da pandemia. Também intensifiquei a divulgação de ensaios fotográficos e fechei alguns trabalhos, realizei alguns serviços de micropigmentação e realizei um *workshop* de maquiagem profissional, voltado para quem deseja iniciar os trabalhos na área, de forma a retomar o antigo projeto de academia de maquiagem. Esse workshop trabalhou conteúdos de maquiagem profissional e também os conceitos que explico em profundidade nas atividades do Empreenda na Beleza, e representou uma junção do programa com a prática da profissão de maquiador.

Figura 64 – *Workshop* de maquiagem profissional (2023)



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

O *workshop* foi realizado em 30 de outubro de 2023, com muito esforço para fechar um número mínimo de participantes. Construir uma nova imagem profissional, como professora de maquiagem profissional, demanda a mesma energia que precisei para construir a imagem de maquiadora de noivas. Ali, vivia só o começo de mais uma etapa da minha carreira. Não tinha

ideia do que estava por vir nos próximos meses! Uma situação gera efeito em cadeia, impactando todos os âmbitos da nossa vida.

No dia 09 de novembro de 2023, realizamos a venda do nosso apartamento, e assinamos o compromisso de compra e venda de um apartamento maior, no mesmo bairro. Naquele ano, cursava o primeiro ano do mestrado, e já não passava tanto tempo no studio como antes. Em dezembro, tive a notícia que fui aprovada em uma seleção para Tutor EAD no Centro Universitário SENAC, e diante do fato que trabalharia diariamente todas as manhãs nessa nova atividade, decidi encerrar as atividades do studio em janeiro de 2024. Não foi uma decisão fácil, foi uma decisão racional: o espaço ficaria sem uso durante todo o período da manhã, diariamente; não tinha a menor intenção de contratar funcionários para utilizar o espaço na minha ausência; e no novo apartamento tinha um quarto para transformar em escritório. Não tinha o menor sentido manter o espaço em funcionamento parcial. Então, logo após realizar a mudança de apartamento, esvaziei o espaço, desapeguei de alguns itens que não precisaria utilizar em casa, e disponibilizei o imóvel para aluguel e para venda. Acabei alugando o espaço em maio de 2024, para uma cliente de maquiagem e de design de sobrancelhas.

Figura 66 – Evento Empreenda SENAC 2024



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora

Por muitas vezes, ao longo do período da pandemia de COVID-19, duvidei que tivesse um perfil empregável, pelo fato de ter me dedicado há anos para o serviço público e para o empreendedorismo. Mas foi justamente essa bagagem que me fez ser contratada, e a valorização da minha experiência fez com que eu valorizasse ainda mais as pesquisas com narrativas. Iniciei

as atividades de tutoria cuidando de algumas disciplinas voltadas à aprendizagem organizacional, educação infantil, linguagem e educação de jovens e adultos, temáticas que fizeram parte da minha vida como empreendedora e como docente, assim como realizando o atendimento de alunos através da ferramenta que gerencia o canal de WhatsApp. Em seguida, passei a cuidar de diversos projetos integradores que são comuns aos cursos de licenciatura oferecidos pela instituição, da validação das horas de atividade complementar, e também da disciplina de empreendedorismo, inovação e economia criativa, que conversa muito com a minha trajetória de vida.

Assim que tomei a decisão de encerrar as atividades do studio, firmei parceria com um grande salão de beleza da região, onde realizei diversos atendimentos, e compreendi que a dinâmica dos salões era muito diferente da que estava acostumada: as clientes atrasam, os colegas querem realizar atendimentos simultâneos ao seu, o que atrapalha muito o desenvolvimento do trabalho, a execução do trabalho atrai muitos curiosos que ficam literalmente em cima da cliente dando palpites no seu trabalho. Eu, que estava acostumada a trabalhar sossegada no meu espaço, tive que encarar essa situação com muita paciência. Ainda bem que trabalho de máscara facial, pois imagino que meu rosto transparecia a raiva e a indignação que sentia nesses momentos. Em junho, ao assinar um contrato com uma noiva mais dez (10) madrinhas, percebi que não tinha condições de manter a parceria: a proprietária enviou diversos textos para as madrinhas, dando a entender que a noiva havia pago para todas realizarem o dia da noiva junto com ela, o que me causou um transtorno muito grande, pois a noiva não parava de me enviar mensagens. Decidi assinar o distrato desse contrato e encerrar a parceria, informando ao salão que tinha novos planos para o segundo semestre e não teria tempo hábil para atender as clientes. Entendi que debater a situação não me levaria a lugar algum, pois ali era apenas uma prestadora de serviços, sem nenhum vínculo, e que cada um realiza a gestão de seu negócio como bem desejar. Encerrei o ano de 2024 sem realizar nenhum dia da noiva, o que me gerou um sentimento de frustração, mas entendo que o fato de ter parado as divulgações em redes sociais e não ter realizado mais nenhum editorial em espaços de festas e eventos impactou nesse resultado.

Desde então, realizo os atendimentos em domicílio. Algumas pessoas que me solicitam orçamento desistem do atendimento por conta de não ter mais espaço físico, mas os valores desses atendimentos não ultrapassam o valor recebido no aluguel da sala comercial, o que me evidencia que tomei a decisão mais sensata. Para o ano de 2025, pretendo firmar parcerias com salões próximos ao meu apartamento, aos quais posso me deslocar a pé para realizar os atendimentos. Por conta da rotina que tenho atualmente, o trabalho como maquiadora exerce o

papel de complementação de renda, que só pode ser realizado nos períodos em que não me dedico às demais atividades profissionais e aos estudos.

4.7 Considerações acerca do processo de escrita e de seleção de fotos

Existe uma intencionalidade ao contar essa história: as palavras foram cuidadosamente escolhidas, a descrição de cada contexto traz o sentimento que permeia o desejo e a intenção, assim como o a ordem cronológica e os acontecimentos destacados. Ao escrever, me transformo, aprendo com minha própria história e passo a valorizá-la e respeitá-la, porque somente eu calcei meus sapatos e percorri essa jornada.

Assim entendida, a biografização não é somente um processo sócio-historicamente inscrito, formal e estruturalmente determinado; é um processo essencial de socialização e de construção da realidade social. (Delory-Momberger, 2002, p. 28-29)

Cada vivência trouxe uma nova perspectiva, muitas vezes que não logrou êxitos, mas que merece ser cuidada. Como qualquer pessoa, também me pergunto como seria se fizesse escolhas e caminhos diferentes, e isso me dá forças para olhar o presente com a perspectiva de que, diante de tudo que vivi, tenho condições de aconselhar, orientar, sugerir, inspirar outras pessoas por meio da docência.

A utilização da pesquisa narrativa no contexto educacional está associada a uma dimensão flexível de pesquisa extrapolando os traçados rígidos, fechados e quantificáveis da ciência moderna. Por isso, o argumento central que mobiliza o uso da narrativa ancora-se na possibilidade privilegiada de compreender tais experiências, então desprezadas pela ciência moderna, que entrecruzam o pessoal e o social, num movimento singular de produção de conhecimento. (Souza; Meireles, 2018, p. 22)

Quantas vezes me perguntei porque muitas instituições não oferecem como disciplina eletiva o empreendedorismo para quem cursa Pedagogia, sendo que esta é a única graduação que permite que o profissional esteja apto a abrir uma escola, e gerir uma escola vai muito além dos aspectos pedagógicos. Até mesmo ao trabalhar na gestão escolar na Prefeitura de São Paulo, esses conceitos e conhecimentos seriam de grande valia, afinal, a equipe gestora é responsável pela gestão da verba destinada à escola, que é uma grande quantia em dinheiro. Como investir? Como gerir estoque? Como negociar? Como escolher um prestador de serviços?

Nos dias atuais, muitas instituições de ensino superior compreendem a importância de se trabalhar a temática de empreendedorismo nas diferentes formações. O SENAC EAD, onde

atuo, oferece a disciplina Empreendedorismo, Inovação e Economia Criativa para todos os cursos como optativa, é uma realidade muito diferente da que enfrentei quando comecei a empreender, em 2012. Hoje, é de senso comum que dificilmente um indivíduo permanecerá na mesma atividade profissional ao longo de toda sua vida, e cada vez mais comum que cada um tenha uma segunda ou até mesmo uma terceira fonte de renda. Aquele discurso que ouvi em 2013 que estava com um pé em cada barco não se aplica mais, porque uma única fonte de renda não garante o sustento de uma família, na maioria das vezes.

Muito se fala atualmente que o professor já conquistou um espaço para ser ouvido e valorizado, porém, não foi isso que vivenciei no período em que exerci os cargos de professora e de coordenadora. Quando era professora, observava uma competitividade que não cabia naquele ambiente, pois todos ali eram concursados, e, para crescer na carreira de forma efetiva, a aprovação em concursos era fundamental. A sensação que tinha era de que qualquer fala ou ação poderia se voltar contra mim, tanto na relação entre colegas, quanto na sanção administrativa. Por esta razão, tomava muito cuidado com as minhas atitudes, com a documentação pedagógica e com a minha vida privada, para não criar provas contra mim.

Esse processo de escrita aflorou não apenas uma leitura aprofundada de mim, mas também de como eu enxergo o mundo. De acordo com Passeggi e Souza, “a biografização é, portanto, esse processo permanente de aprendizagem e de constituição sociohistórica da pessoa que narra” (Passeggi, Souza, 2017, p. 9). O medo de transformar esse texto em uma declaração pífia e com sinais de textos de autoajuda ou terapêutico me fizeram estudar profundamente a pesquisa autobiográfica e compreender qual o papel que desejo desempenhar com este trabalho, que é o de legitimar os percursos históricos de cada passo dado em busca de uma formação profissional sólida, não apenas para manter minha competitividade no mercado de trabalho, mas também no universo do empreendedorismo, que em muitos momentos é pautado em histórias de empreendedorismo de palco e de situações dissociadas da realidade da maioria das pessoas que necessitam empreender no país. Fez também eu refletir sobre o papel que desempenho atualmente ao trabalhar na educação superior, especificamente ao ser tutora da disciplina Empreendedorismo, Inovação e Economia Criativa, e ser responsável por orientar os alunos na realização das atividades e ao sanar dúvidas.

Para o processo de construção da narrativa escrita, consultei documentos, tais como títulos de nomeação e de aprovação em concursos públicos, diplomas e contratos. Organizar os fatos em linha cronológica, em uma narrativa que o leitor consiga compreender como os fatos ocorreram, é uma tarefa que não pode depender exclusivamente da memória. Para localizar esses documentos, não enfrentei nenhuma dificuldade. Já para a seleção das fotografias, recorri

ao meu computador antigo, que estava guardado no fundo do armário, a diversos álbuns de fotografias impressas, além de pesquisar em diversas pastas digitais. Também recorri às redes sociais de meus amigos, além das minhas, pois não havia guardado algumas fotos. Foi um processo que também exigiu uma análise do que era importante ser relatado, afinal, a narrativa corresponde a histórias que ocorreram ao longo de uma vida inteira.

Muitos foram os textos escritos e descartados em seguida, assim como fotografias que não foram selecionadas ao estudar o texto escrito. O processo de revisão do texto incluiu em alguns momentos a troca de palavras e a inclusão de detalhes de forma a clarificar a situação narrada, o que corrobora com os estudos de Souza e Meireles (2018) ao afirmar que “a arte de lembrar e narrar histórias consiste, num sentido reflexivo, em (...) implicar-se e distanciar-se de si, no sentido que a implicação corresponde ao papel estabelecido pelo vivido, aquilo que conservamos de nós mesmos” (Souza; Meireles, 2018, p. 23). Escrever cada trecho, relacioná-lo com os acontecimentos mundiais e regionais da época, gerou uma nova compreensão dos momentos vividos.

Admite-se, pois, como pressuposto, que o sujeito, em todas as fases da vida, apropria-se de instrumentos semióticos (a linguagem, o grafismo, o desenho, os gestos, as imagens etc.) para contar suas experiências sob a forma de uma narrativa autobiográfica que até então não existia. E nesse processo de biografização, a pessoa que narra, embora não possa mudar os acontecimentos, pode reinterpretá-los dentro de um novo enredo, reinventando-se com ele (Passeggi; Souza, 2017, p. 8)

Ao ler cada parágrafo, pude refletir acerca do quanto me dedico às atividades profissionais e aos estudos, nas diferentes etapas da vida, o que, para mim, traz orgulho de ser quem sou e de tudo que realizei até agora. E, a partir das reflexões e das análises ocasionadas pelo ato de descrever e narrar cada etapa, tenho ferramentas para planejar meu futuro e realizar escolhas sob uma perspectiva que considera as experiências vividas.

Essas reflexões encerram esse capítulo, no qual compartilhei minha narrativa autobiográfica através de texto e de fotografias, para então trazer as considerações finais sobre essa pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta dissertação foi evidenciar como as abordagens biográficas contribuem para a auto formação e autoconhecimento ao longo da vida profissional, no contexto educacional e do empreendedorismo que vivenciei ao longo de mais de uma década. A partir da fundamentação teórica, buscou-se delimitar quais as linhas filosóficas, epistemológicas e formativas que esse trabalho foi desenvolvido. Evidenciou-se na escolha dos livros, artigos que fundamentaram os primeiros capítulos, que este trabalho parte de uma nova epistemologia da prática docente, que considera o indivíduo um ser dotado de voz, e que sua história de vida pode, além de contribuir para a compreensão de fatos e contextos históricos, ser um processo auto formativo e formativo para quem entra em contato com ela. Esse entendimento parte de uma nova epistemologia da prática, que iniciou por volta da década de 80 e está em desenvolvimento constante. Ao relacionar a abordagem narrativa com o conceito de lifelong learning, é possível constatar a máxima que somos seres em desenvolvimento permanente, e que aprendizados podem ocorrer através de diferentes experiências, por meio da educação formal, informal e não formal. Esta dissertação se situa em uma dimensão educacional epistemológica e política que atua no favorecimento de uma escuta sensível, e coloca em evidência a importância de tornar audíveis vozes que foram caladas por muito tempo, posicionando-se dentro de um movimento histórico de produção científica.

O produto, voltado à educação, desenvolvido a partir dessa pesquisa, será um e-book, voltado para profissionais que atuam na formação profissional, tanto na formação de formadores quanto no ensino técnico profissional, e ao estabelecer uma relação entre o biográfico e o empreendedorismo, propõe o uso de dispositivos com uma grande potência formativa, estabelecendo, assim, um tripé composto pelos pilares formação do formador, o conceito de lifelong learning e as narrativas autobiográficas. No estudo bibliométrico realizado, não foi encontrado nenhuma outra pesquisa que correlacionasse esses conceitos e abordagens, o que dá um caráter inédito a esse trabalho.

O desenvolvimento da escrita e da biografização das fotografias selecionadas demonstrou ser um processo formativo muito amplo, que possibilitou correlacionar acontecimentos com os diferentes contextos sócio econômicos que vivenciei, com uma nova perspectiva de olhar para o passado, sobre como enxergo o mundo e quais as minhas perspectivas futuras, pois ao reviver minha história, posso planejar meu futuro com muito mais clareza. As dificuldades enfrentadas ao traçar um contexto temporal envolvendo a narrativa escrita e a seleção de fotografias evidenciou como nossos memoriais pessoais possuem grande

importância nesse processo, tais como pastas de documentos, álbuns de fotografias e arquivos digitais. São estes documentos que nos auxiliam quando a memória falha e são fontes de pesquisa que desenvolvem em nós, ao consultarmos esse material, um conjunto de valiosas reflexões.

As limitações desse trabalho estão relacionadas à temporalidade biográfica do momento de sua produção. Conforme o passar do tempo, a forma de olhar o mundo e as perspectivas mudam, e novos aprendizados surgem. O que foi evidenciado hoje pode se alterar daqui a dez (10) anos. Ser ao mesmo tempo, pesquisador e objeto de pesquisa, permitiu-me ter um olhar que valorizou cada passo, cada dificuldade enfrentada, que certamente trouxe como consequência o desenvolvimento de uma nova visão sobre as diferentes histórias de vida que tenho contato, com muito mais sensibilidade e respeito.

Espera-se que esse trabalho contribua no debate acerca dos diferentes métodos que podem ser utilizados na formação profissional, valorizando a importância da subjetividade e da troca de experiências, assim como os processos de aprendizagem ao longo da vida. Ele demonstra que esse é um processo passível de ser replicado.

Este trabalho chega ao seu término respondendo à questão de pesquisa, ao objetivo geral e três objetivos específicos propostos. A pesquisa não se esgota em si, ela abre possibilidades a novos aprofundamentos em nível de doutorado e também pode ser utilizada como referência para outros pesquisadores para suas próprias pesquisas na abordagem autobiográfica.

REFERÊNCIAS

ASH, Mary Kay. **Milagres que acontecem**. Brasil, CLA Editora, 2015.

ASH, Mary Kay. **Mary Kay on people management**. Brasil, Schoba, 2019.

ABRAÃO, Maria Helena Menna Barreto. Intencionalidade, reflexividade, experiência e identidade em pesquisa (auto)biográfica: dimensões epistemo-empíricas em narrativas de formação. In: BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; ABRAÃO, Maria Helena Menna Barreto; FERREIRA, Márcia Santos. **Perspectivas epistêmico-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica**. Curitiba: CRV, 2016.

ALHEIT, Peter; DAUSIEN, Bettina. **The double face of lifelong learning: two analytical perspectives on a “silent revolution”**. Studies in the Education of Adults, London, v. 34, n. 1, p. 3-22, 2002.

ALHEIT Peter; DAUSIEN Bettina. **Processo de formação e aprendizagem ao longo da vida**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.1, p. 177-197, jan. /abr. 2006.

ALHEIT, Peter; DAUSIEN, Bettina. Processos de formación y aprendizaje. In: ALHEIT, Peter; DAUSIEN, Bettina (org.). **En el curso de la vida. Educación, formación, biograficidad y género**. Xàtiva: Instituto Paulo Freire de España y Crec, 2007. p. 35-47.

ALHEIT, Peter; HERNANDEZ-CARRERA, Rafael. **La doble visión de la educación permanente: dos perspectivas analíticas**. Linhas Críticas, Brasília, v.24. 2018. p. 555-581. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/19170>
Acesso em: 5 abr.2024.

ALMEIDA, Lygia Nascimento de. **O encantamento em sala de aula: narrativas reflexivas de experiências pedagógicas de uma professora alfabetizadora**. Campinas, UNICAMP, 2023.

BATISTA, Valter Pedro. **Do instituído ao instituinte: pesquisa narrativa autobiográfica sobre um projeto de formação de formadores de professores da educação básica e a experiência de si**. Guarulhos, UNIFESP, 2023.

BRAGANÇA, Inês F. de Souza. **Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2012

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo, Brasiliense, 1985.

BRASIL. **Lei nº 9394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, 23 dez. 1996.

BUENO, Belmira Oliveira; CHAMLIAM; Helena Coharick; SOUZA; Cynthia Pereira de; CATANI, Denice Barbara. **Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003)**. Educ. Pesqui. 32 (2). Ago. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/D3dkY9Z7VMn8WxY64Nv5gpd/> Acesso em 05.mar.2025.

BUENO, Belmira Oliveira; SOUSA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denice Barbara e SOUZA, Maria Cecilia C.C. de. **Docência, memória e gênero: estudos alternativos sobre a formação de professores**. *Psicol. USP* [online]. 1993, vol.4, n.1-2, pp. 299-318. ISSN 1678-5177.

BUENO, Belmira Oliveira. **O método autobiográfico e os estudos com as histórias de vida dos professores: a questão da subjetividade**. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v28, n. 1, 2002.

BURNIER, Suzana; CRUZ, Regina Mara Ribeiro; DURÃES, Marina Nunes; PAZ, Mônica Lana; SILVA, Adriana Netto; SILVA, Ivone Maria Mendes. **História de vida de professores: o caso da educação profissional**. Revista Brasileira de Educação, v. 12, n. 35 maio/ago. 2007.

CAMARA, Sandra C. Xavier; PASSEGGI, Maria da Conceição. Memorial autobiográfico: uma tradição acadêmica no Brasil. In: PASSEGGI, Maria da Conceição et al. **Pesquisa (auto)biográfica: Narrativas de si e formação**. Curitiba, Editora CRV, 2013.

CAMARGO, Izabella. **Dá um tempo!: como encontrar limite em um mundo sem limites**. Rio de Janeiro: Principium, 2020.

COSTA, Dilermando Moraes. **Atividade de trabalho e invenções de si: um estudo de narrativas autobiográficas de professoras de inglês do Programa Rio Criança Global**. Duque de Caxias, UNIGRANRIO, 2017.

COSTA, Maria do Socorro Correia. **A narrativa autobiográfica dos professores de geografia de Nova Russas – CE**. Sobral, Universidade Estadual Vale do Acaraú, 2020.

CUNHA, Maria Isabel da. **Conta-me Agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino.** Revista da Faculdade de Educação, São Paulo, v. 23, n. 1-2, jan./dez, 1997.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Testemunhos de outros tempos: um estudo sobre acervo pessoal de educadores (Santa Catarina – 1ª metade do século XX). In: BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FERREIRA, Márcia Santos. **Perspectivas epistêmico-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica.** Curitiba: CRV, 2016.

CURY Juliana Marques; VEIGA, Heila Magali da Silva. **Competências empreendedoras nos contextos de ensino-aprendizagem: revisão sistemática da literatura (2009-2020).** Revista Gestão & Conexões. Vitória (ES), v. 10, nº 03, set/dez, 2021.

DEGRANDE, Deize Heloiza Silva; TORRES, Julio Cesar. **Atuação profissional dos professores do campo: educação formal, informal e não formal.** Educação em foco, vol. 27, Juiz de Fora, 2022.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir.** São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2012.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo/projeto.** Tradução e revisão científica de Maria da Conceição Passeggi; João Gomes da Silva Neto e Luis Passeggi. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Álbuns de fotos de família, trabalho de memória e formação de si. In: VICENTINI, Paula Perin; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto, **Sentidos potencialidades e usos da (auto)biografia.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Fundamentos epistemológicos da pesquisa: biográfica em educação.** Educação em Revista, v. 27, n. 1, p. 333–346, abr. 2011.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **A condição biográfica: ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada.** Natal RN: EDUFRN, 2012.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular.** Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica, v. 1, n. 1, p. 133, 26 ago. 2016.

DOLWITSCH, Julia Bolssoni. **Narrativas (auto)biográficas: a mediação da literatura infantil nas trajetórias formativas de uma professora de classe multisseriada.** Santa Maria, UFSM, 2014.

DOMINICÉ, Pierre. A biografia educativa: instrumento de investigação para a educação de adultos. In: NÓVOA, Antonio; FINGER, Matthias (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação.** Lisboa: Departamento de Recursos Humanos/Ministério da Saúde. 1988.

DRAGO, Rogerio; SANTOS, Camila Reis. **História de vida na pesquisa com adultos com deficiência:** algumas reflexões. Educação: teoria e prática. Rio Claro, vol. 23, n. 44, set/dez 2013.

ENDEAVOR. **Day1 do Day1: como nasceu o principal evento de inspiração para empreendedores do Brasil.** Atualizado em 30 de março, 2023. Disponível em: <https://old.endeavor.org.br/sobre-a-endeavor/day1-day1-como-nasceu-o-principal-evento-de-inspiracao-para-empresendedores-brasil/>. Acesso em 09.fev.2025.

FARIAS, Marly Souza Brito. **Professoras alfabetizadoras bem-sucedidas: narrativas autobiográficas do desenvolvimento profissional docente.** Rondonópolis, UFMT, 2019.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). **O Método (Auto) biográfico e a Formação.** Lisboa: Ministério da Saúde, 2014, p. 29-56.

FERREIRA FILHO, João. **A escola pública e a formação do diretor: uma narrativa autobiográfica.** Presidente Prudente: UNESP, 2016.

FERREIRA, Manuel Portugal; SANTOS, João Carvalho; SERRA, Fernando Ribeiro. **Ser empreendedor: pensar, criar e moldar a nova empresa: exemplos e casos brasileiros.** São Paulo: Saraiva, 2010.

FROHMUT, Bruna Duarte Ferreira; RAMIREZ, Rodrigo Avella. **Narrativas formativas: método e fenômeno de pesquisa a ser aplicado na formação docente.** Revista Devir Educação, Lavras, vol. 4, n. 2, p. 14-33, jul. /dez. 2020.

GAULKE, Tamar Genz. **O desenvolvimento profissional de professores de música da educação básica: um estudo a partir de narrativas autobiográficas.** Porto Alegre, UFRGS, 2017.

GERGEN, Mary McCanney; GERGEN, Kenneth J. Investigação qualitativa: tensões e transformações. In: DENZIN, Norman Kent; LINCOLN, Yvonna Sessions. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 367-387. Tradução Sandra Netz.

GEM Brasil (2023). **Global Entrepreneurship Monitor: Empreendedorismo no Brasil 2023.** São Paulo: ANEGEPE, 2023. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2024/03/Relatorio-Executivo-GEM-BR-2023-2024-Diagramacao-v5.pdf>
Acesso em 13.fev.2025.

GOHN, Maria da Gloria. **Educação não formal e cultura política.** São Paulo, Cortez, 2005.

GOHN, Maria da Gloria. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas.** Ensaio: avaliação em políticas públicas educacionais. Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, 2006.

GOHN, Maria da Gloria. **Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos.** Investigar em Educação, Lisboa, II serie, n. 1, 2014.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação permanente do professorado.** [s.l.] Cortez Editora, 2022.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza.** São Paulo: Cortez Editora, 2022.

JAPIASSU, Hilton. **O Mito da Neutralidade Científica.** Rio de Janeiro: Imago, 1979.

JOSSO, Marie Christine. Da formação do sujeito... ao sujeito da formação. In: NÓVOA, Antonio; FINGER, Matthias (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação.** Lisboa: Departamento de Recursos Humanos/Ministério da Saúde. 1988.

JOSSO, Marie Christine. **Experiências de vida e formação**. Ed. Educa Formação Lisboa, 2002.

JOSSO, Marie Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. Porto Alegre, 2007.

JOSSO, Marie Christine. **O Caminhar para si: uma perspectiva de formação de adultos e de professores**. Entrevistador: Margarete May Berkenbrock-Rosito
Revista @ambienteeducação, SP, v. 2, p.136-139, ago. /dez.2009.

JOSSO, Marie Christine. **Caminhar para si**. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2010.

LANGHI, Celi. **Planejamento didático e teorias pedagógicas**. São Paulo, Editora Senac, 2023.

LEAL, Divani Floreni Soares. **Ateliês biográficos com trabalhadores-estudantes do Proeja: acolhimento, formação e projetos de si**. Porto Alegre, UFRGS, 2019.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê**. São Paulo, Cortez, 2005.

MAFFIOLETTI, Leda de Albuquerque. Reflexões sobre os fundamentos do método (auto)biográfico: inventando relações. In: BRAGANÇA, Inês F. de S. et al. (Org.). **Perspectivas epistêmico-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica**. Curitiba: CRV, 2016.

MARIANO, Maryelle Florêncio. **Eu deixo e recebo um tanto: diário de aula, narrativas autobiográficas e aprendizagem da docência em geografia**. Campinas, UNICAMP, 2023.

MARQUES, Joana Brás Varanda; FREITAS, Denise de. **Fatores de caracterização da educação não formal: uma revisão da literatura**. Revista Educ. Pesqui. São Paulo, v. 43, n.4, 2017.

MARTINS, Denise Aquino Alves. **Narrativas autobiográficas da experiência estética para si e o outro: memórias em mosaicos do projeto mobilizar-te**. Pelotas, UFP, 2014.

MARTINS, Rosana Maria. **Aprendendo a ensinar: as narrativas autobiográficas no processo de vir a ser professora**. São Carlos, UFSCar, 2015.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Histórico da EPT**. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/educacao-profissional-e-tecnologica-ept/historico-da-ept> Acesso em 14.fev.2025.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Síndrome de Burnout**. Disponível em:

<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/sindrome-de-burnout> Acesso em 09.out.2024.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Aprendizagem da docência: professores formadores**. Revista E-Curriculum, São Paulo, v. 1, n. 1, dez. - jul. 2005-2006.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Escola e desenvolvimento profissional da docência. In: GATTI, Bernadete Angelina et al. (Org.). **Por uma política nacional de formação de professores**. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 23-54.

MORAES, Camile Barbosa. **A motivação pela docência: narrativas autobiográficas de professores de biologia em formação**. Ilhéus, UESC, 2017.

NAKAYAMA, Barbara Cristina Moreira Sicardi; GAMA, Renata Prenstteter. Narrativas educativas e a constituição de grupos que integram ensino, pesquisa e extensão. In: NAKAYAMA, Barbara Cristina Moreira Sicardi; PASSOS, Laurizete Ferragut. **Narrativas, Pesquisa e Formação de Professores: dimensões epistemológicas, metodológicas e práticas**. Curitiba: CRV, 2018.

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães; BARROS, Vanessa Andrade de; ARAUJO, Adriana Dias Gomide; PIMENTA; Denise Aparecida Oliveira. **O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração**. Pesquisas e Práticas Psicossociais 12 (2). São João del Rei, maio-agosto de 2017.

NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). **O Método (Auto) biográfico e a Formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, 2014.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno. **Epistemologia e educação: bases conceituais e racionalidades científicas e históricas**. Petrópolis: Vozes, 2016.

OPAS – Organização Pan-Americana da Saúde. **Histórico da emergência internacional de COVID-19**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/historico-da-emergencia-internacional-covid-19> Acesso em 03.mar.2025.

OREIRO, José Luis. **A grande recessão brasileira: diagnóstico e uma agenda de política econômica**. Estudos Avançados 31 (89), 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/132419/128553>. Acesso em: 04. fev. 2025.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memórias: injunção institucional e sedução autobiográfica. In: PASSEGGI, Maria da Conceição et al. **(Auto)biografia: formação, territórios e saberes**. Natal: EDUFRN; São Paulo: PAULUS, 2008.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Experiência em formação**. Educação, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Narrativas da Experiência na Pesquisa-formação: do Sujeito Epistêmico ao Sujeito Biográfico**. Roteiro, [S. l.], v. 41, n. 1, p. 67–86, 2016. DOI: 10.18593/r.v41i1.9267. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9267>. Acesso em: 19. jul. 2023.

PASSEGGI, Maria da Conceição. NASCIMENTO, G. e OLIVEIRA, R. **As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa**. Revista Lusófona de Educação 2016.

PASSEGGI, Maria da Conceição. SOUZA; Elizeu Clementino de. **O movimento (auto)biográfico no Brasil: esboço de suas configurações no campo educacional**. Revista Investigação Cualitativa, 2017.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Enfoques narrativos em la investigación educativa brasileña**. Revista Paradigma, Vol. XLI, junho de 2020. Disponível em: <https://revistaparadigma.com.br/index.php/paradigma/article/view/929/827> Acesso em 05.fev.2025.

PINTO, Monique Dias. **Gestão democrática no contexto de uma escola técnica estadual paulista de educação profissional: narrativas autobiográficas de uma diretora de escola**. Ilha Solteira, UNESP, 2021.

RAMIREZ, Rodrigo Avella. **Histórias de vida na formação do professor**. São Paulo. Centro Paula Souza, 2014.

RIBEIRO, Fernando Fidelis. **Uma escalada sinuosa pelo terreno das narrativas (auto)biográficas em busca da (re)constituição docente frente a alunos com altas habilidades / superdotação**. Campo Grande, UFMT, 2017.

SACRISTAN, José Gimeno. **Educar e conviver na cultura global**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SANTANA, Hiller Soares. **Narrativa autobiográfica: inscrevendo minha(s) identidade(s) na cena curricular**. Rio de Janeiro, UERJ, 2019.

SANTOS, Helena Cristina dos. **De aluna, a professora e pesquisadora: experiência narrativa autobiográfica sobre minha trajetória no mestrado profissional, entre encontros e desencontros**. Campinas, UNICAMP, 2021.

SANTOS, Héllen Thais. **Narrativas autobiográficas de professores que atuam na modalidade de creche: saberes necessários à profissão**. Presidente Prudente, UNESP, 2018.

SANTOS, Renato. **Empretec: manual de operacionalização**. Brasília: Sebrae, 2018.

SEBRAE. **A taxa de sobrevivência das empresas no Brasil**. 29.mar.2023. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/a-taxa-de-sobrevivencia-das-empresas-no-brasil,d5147a3a415f5810VgnVCM1000001b00320aRCRD> Acesso em: 05.mar.2025.

SECOM – Prefeitura da Cidade de São Paulo. **Governo decreta quarentena em todos os municípios do Estado de São Paulo a partir da próxima terça-feira**. Atualizado em 21 de março de 2020. Disponível em: <https://capital.sp.gov.br/w/noticia/governo-decreta-quarentena-em-todos-os-municipios-do-estado-de-sao-paulo-a-partir-da-proxima-terca-feira> Acesso em: 03.mar.2025.

SICARDI, Barbara Cristina Moreira. **Biografias educativas e o processo de constituição profissional de formadores de professores de matemática**. Tese doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2008.

SILVA, Aline Pacheco; BARROS, Carolynne Reis.; NOGUEIRA, Maria Luisa Magalhães; BARROS, Vanessa Andrade. **“Conte-me sua história”: reflexões sobre o método de História de Vida.** Revista do Centro Acadêmico de Psicologia da FAFICH/UFMG, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 25-35, 2007.

SILVA, Edimicio Flaudísio. **Gestão democrática na perspectiva de Paulo Freire: narrativas autobiográficas.** São Paulo, PUC, 2021.

SILVA, Gutemberg, Lima da; SANTOS, Joseane Patricia dos; OLIVEIRA, Gilvaneide Ferreira de. **Epistemologia da educação profissional: conceitos pertinentes.** Revista Contribuciones a Las Ciencias Sociales. São José dos Pinhais, v. 18, n. 1, p. 01-15, 2024.

SILVA, Ronilda Nunes da. **A readaptação nas narrativas autobiográficas de professores em Mato Grosso: falácias, reflexões e percepções sobre si.** Rondonópolis, UFMT, 2023.

SILVA NETO, Sebastião Luiz; LEITE, Bruno Silva: **Design Thinking aplicado como metodologia para a solução de problemas no ensino de química: um estudo de caso a partir de uma problemática ambiental.** Ciência e Educação, Bauru, v. 29, 2023.

SILVA, Weigma Michely da. **Momentos formadores na narrativa autobiográfica de um professor de literaturas africanas.** Araguaína, UFT, 2016.

SILVEIRA, Paola Simone Alves da. **Narrativas autobiográficas de coordenadores pedagógicos: corpos que trabalham com educação.** Rondonópolis, UFR, 2023.

SOARES, Magda. **Metamemória-memórias: travessia de uma educadora.** São Paulo, Cortez, 2001.

SHÜTZE, F. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: Weller, W. Pfaff, N. (Orgs.). **Metodologia da pesquisa qualitativa em educação.** (pp. 210-238). Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido.** Revista Educação. Santa Maria, v. 39, n. 1, jan./abr.2014. Disponível em: [Vista do Diálogos cruzados sobre pesquisa \(auto\)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido](#) Acesso em 05.mar.2025.

SOUZA, Elizeu Clementino de; MEIRELES, Mariana Martins de. **Viver, narrar e formar: diálogos sobre pesquisa narrativa**. In: NAKAYAMA, Barbara Cristina Moreira Sicardi; PASSOS, Laurizete Ferragut. **Narrativas, Pesquisa e Formação de Professores: dimensões epistemológicas, metodológicas e práticas**. Curitiba: CRV, 2018.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, Vozes, 2014.

TARDIF, Maurice; MOSCOSO, Javier Nunes. Tradução SCHILLING, Claudia. **A noção de “profissional reflexivo” na educação: atualidade, usos e limites**. Cadernos de Pesquisa, v. 48, n.167, p. 388-411 abr./jun. 2018.

TCU. **Desempenho da Economia Brasileira**. 2015. Disponível em:

[https://sites.tcu.gov.br/contas-do-governo-](https://sites.tcu.gov.br/contas-do-governo-2015/3_Desempenho%20da%20Economia%20Brasileira_FINAL.pdf)

[2015/3_Desempenho%20da%20Economia%20Brasileira_FINAL.pdf](https://sites.tcu.gov.br/contas-do-governo-2015/3_Desempenho%20da%20Economia%20Brasileira_FINAL.pdf) Acesso em

02.fev.2025.

APÊNDICE

APÊNDICE A - Tabela base para análise bibliométrica

| | Tipo de trabalho | Área do Conhecimento | Título | Autor | Temática | Instituição | Ano | Relação com Lifelong learning |
|----|------------------|-------------------------------|--|------------------------------------|--|-------------|------|-------------------------------|
| 1 | Mestrado | Educação | A escola pública e a formação do diretor: uma narrativa autobiográfica | João Ferreira Fil | Formação profissional de um diretor de escola | UNESP | 2016 | Sim |
| 2 | Mestrado | Letras | Momentos formadores na narrativa autobiográfica de um professor das licenciaturas africanas | Weigma Michely da Silva | Análise narrativa do Prof. Dr. Manoel de Souza e Silva | UFT | 2016 | Sim |
| 3 | Mestrado | Geografia | A narrativa autobiográfica dos professores de Geografia de Nova Russas – CE | Maria do Socorro Correia Costa | Análise da narrativa biográfica de dois professores de Geografia | UVA | 2020 | Sim |
| 4 | Doutorado | Educação | Gestão democrática na perspectiva de Paulo Freire: narrativas autobiográficas | Edimício Flaudisio Silva | Autoreflexão crítica da prática como diretor de escola | PUC-SP | 2022 | Sim |
| 5 | Mestrado | Ciências | A motivação pela docência: narrativas autobiográficas de professores em biologia em formação inicial | Camile Barbosa Moraes | Investigação da motivação pela docência de estudantes de ciências biológicas | UESC | 2018 | Sim |
| 6 | Doutorado | Educação | Narrativas autobiográficas de professores que atuam em creche: sentidos e experiências de profissão | Hellen Thais dos Santos | Análise das experiências pessoais e profissionais de professoras de Educação Infantil | UNESP | 2018 | Sim |
| 7 | Mestrado | Educação | Narrativas autobiográficas de coordenadores pedagógicos: corpos que trabalham em educação | Paola Simone Alves da Silveira | Compreensão de como o coordenador pedagógico constrói sua noção de corpo e esta permeia o trabalho com a equipe docente | UFR | 2023 | Sim |
| 8 | Mestrado | Educação | A readaptação nas narrativas autobiográficas de professores em Mato Grosso: falácias, reflexões e percepções sobre si | Ronilda Nunes da Silva | Analisar como os professores readaptados se percebem e se expressam diante de sua condição de saúde | UFR | 2023 | Sim |
| 9 | Doutorado | Educação | Aprendendo a ensinar: narrativas autobiográficas no processo de vir a ser professora | Rosana Maria Martins | Investigação autobiográfica como prática de formação docente | UFSCAR | 2015 | Sim |
| 10 | Doutorado | Educação | Narrativa autobiográfica: inscrevendo minha(s) identidade(s) na cena curricular | Hiller Soares Santana | Questionamento da naturalização da violência, homofobia e discriminação, através da escrita autobiográfica | UERJ | 2019 | Sim |
| 11 | Mestrado | Educação | Professoras alfabetizadoras bem-sucedidas: narrativas autobiográficas do desenvolvimento profissional docente | Marly de Souza Brito | Compreender como 3 professoras consideradas bem-sucedidas por seus pares se constituíram como professoras ao longo da história de vida | UFMT | 2019 | Sim |
| 12 | Doutorado | Música | O desenvolvimento profissional de professores de música da educação básica; um estudo a partir de narrativas autobiográficas | Tamar Genz Gaulke, | Compreender como ocorre o desenvolvimento profissional do professor de música, a partir de sua relação com a escola de educação básica | UFRGS | 2017 | Sim |
| 13 | Doutorado | Educação | Narrativas autobiográficas da experiência estética para si e o outro: memórias em mosaicos do Projeto Mobilizar-te | Denise Aquino Alves Martins | Elucidar quais experiências estéticas e memórias de (auto)formação são narradas por 8 egressos do curso de Pedagogia | UFPEl | 2014 | Sim |
| 14 | Mestrado | Educação | Uma escalada sinuosa pelo terreno das narrativas (auto)biográficas em busca da (re)constituição docente frente a alunos com altas habilidades / superdotação | Fernando Fidelis Ribeiro | Buscar respostas que possibilitassem (re)conhecer a própria (re)constituição como professor de ciências da natureza de alunos com altas habilidades / superdotação | UEMS | 2017 | Sim |
| 15 | Mestrado | Educação | Narrativas (auto)biográficas: a mediação da literatura infantil nas trajetórias formativas de uma professora de classe multisseriada | Julia Bolsoni Dolwitsch | Compreender, por meio da pesquisa autobiográfica, a influência da literatura infantil nas trajetórias formativas de uma professora alfabetizadora | UFES | 2014 | Sim |
| 16 | Doutorado | Geografia | "Eu deixo e recebo um tanto" – Diário de aula, narrativas autobiográficas e aprendizagem da docência em Geografia | Maryelle Florencio Mariano | Refletir sobre a prática, sobre a compreensão de si e os conhecimentos produzidos ao longo do processo de escrita do diário de aula | UNESP | 2023 | Sim |
| 17 | Mestrado | Educação | O encantamento em sala de aula: narrativas reflexivas de experiências pedagógicas de uma professora alfabetizadora | Lygia Nascimento de Almeida Vecina | Relato da trajetória na educação, apontando a constituição da professora alfabetizadora, pesquisadora e narradora | UNICAMP | 2023 | Sim |
| 18 | Doutorado | Humanidades, Culturas e Artes | Atividade de Trabalho e invenções de si: um estudo de narrativas autobiográficas de professoras de Inglês do Programa Rio Criança Global | Dilermando Moraes Costa | Analisar narrativas autobiográficas de professoras de Inglês, considerando a relação entre histórias de vida e o trabalho docente | UNIGRANRI | 2017 | Sim |
| 19 | Mestrado | Educação | De aluna a professora e pesquisadora: experiência narrativa autobiográfica sobre minha trajetória no Mestrado Profissional | Helena Cristina Velardi dos Santos | Compreender o movimento entre formação continuada e ações cotidianas da professora pesquisadora | UNICAMP | 2021 | Sim |
| 20 | Doutorado | Educação | Do instituído ao instituinte: pesquisa narrativa autobiográfica sobre um projeto de formação de professores da educação básica e a experiência de si | Valter Pedro Batista | Compreender de que forma a pesquisa formativa pode auxiliar a reflexão acerca do processo formativo do autor | UNIFESP | 2023 | Sim |
| 21 | Mestrado | Ensino e Processos Formativos | Gestão democrática no contexto de uma escola técnica estadual paulista de Educação Profissional: narrativas autobiográficas de uma diretora de escola | Monique Dias Pinto | Analisar a implementação da gestão democrática no contexto da implantação curricular de uma nova modalidade de ensino. | UNESP | 2021 | Sim |
| 22 | Doutorado | Educação | Ateliês biográficos com trabalhadores-estudantes do Proeja: acolhimento, formação e projetos de si | Divane Floreni Soares | Conhecer a importância atribuída pelos trabalhadores e estudantes do Proeja | UFRGS | 2019 | Sim |